



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

CELESTINO DA COSTA

**Morte e Imortalidade segundo São Cipriano de
Cartago**

Uma leitura atualizante do Tratado *De Mortalitate*

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Isidro Pereira Lamelas

Lisboa
2021

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer que em cada sucesso está um conjunto de auxílios recebidos. Ao concluir o presente Curso de Mestrado Integrado em Teologia, não posso deixar de agradecer e reconhecer, em primeiro lugar, a Deus por tudo; depois, a algumas pessoas que foram determinantes neste meu final de percurso:

Um grande agradecimento ao meu orientador, Professor Doutor Isidro Lamelas, cujo auxílio quero sumamente reconhecer. O meu agradecimento ao Pe. Basílio Gonçalves e ao Pe. Aníbal Mendonça que ajudaram a corrigir o meu português. Um agradecimento aos meus pais, irmãos e toda família que me apoiaram sempre. Um obrigado aos irmãos salesianos da minha comunidade e a todos os salesianos da Província Portuguesa.

Um agradecimento aos docentes da faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa e ao Instituto Superior da Filosofia e Teologia de Évora. Um obrigado aos funcionários da biblioteca da Universidade Católica de Lisboa, pela disponibilidade, ajuda e paciência.

Do fundo do coração, grito com toda a minha existência, um obrigado todos!

Resumo

A experiência e o medo da morte foram sempre motivo de reflexão. Mas passaram a sê-lo ainda mais em contexto cristão, depois que a fé em Cristo conferiu à morte corporal um novo significado. Os cristãos das primeiras comunidades eram vistos como aqueles que não tinham medo de morrer, isto porque a morte deixou de estar “diante deles”, mas “atrás”, isto é, no batismo. Desde então, para o batizado, foi a vida que passou a estar diante dele.

Para averiguarmos esta tese, tomámos como fonte do nosso estudo a obra de São Cipriano de Cartago intitulada *De mortalitate*. Desenvolveremos a reflexão em três momentos: no *primeiro*, falaremos do contexto que levou São Cipriano a redigir essa obra e a abordar o tema da morte. Numa segunda parte, refletiremos sobre a resposta do bispo de Cartago à crise provocada pela “mortalidade” pessoal e social. Num terceiro momento, refletiremos sobre a atualidade da teologia da morte de S. Cipriano tendo em conta a resposta que a Igreja deu à “peste” do século XXI provocada pelo Covid 19.

Palavras-chaves: Cipriano, peste, morte, imortalidade, medo, batismo

Abstract

The fear of death has always been cause for reflection. It became even more so in the Christian context since faith in Christ has given new meaning to bodily death. The Christians of the early Church are understood to have been unafraid of death, because it was no longer an experience ahead of them, but behind them, through baptism. For the baptised, it is only life that lies ahead of them.

To establish this thesis, we will look at the work of St. Cyprian of Carthage, *De Mortalitate*. We will develop our reflection in three points: firstly, we will explore the context that inspired Cyprian to produce this work and elaborate on the theme of ‘death.’ Secondly, we will reflect on the Bishop of Carthage’s response to the crisis of personal and social morality. Thirdly, we will reflect on the topicality of the ‘death’ theology of St. Cyprian, in the response that the church has been giving to the “plague” of the 21st century, caused by Covid19.

Key words: Cyprian, plague, death, imortality, fear, baptism.

INTRODUÇÃO

Todo o ser humano tem a consciência de que um dia morrerá, que a morte faz parte do desfecho natural e trágico da vida humana. É uma certeza que, ainda assim, projeta na incerteza de não se saber quando e como vai chegar. É um mistério que levanta tantas questões! E é boa essa preocupação, porque desperta a vigilância, interroga as realidades existenciais da vida, apela a um sentido para a vida e para a morte; coloca inevitavelmente a questão do para-além-da-morte.

Que respostas pode dar a teologia às grandes perguntas e inquietações provocadas pela experiência da morte? Na procura do tema para o trabalho de conclusão do Mestrado Integrado em Teologia, as questões supramencionadas acabaram por despertar em mim uma especial motivação, acabando por me propor refletir acerca da morte, a partir da experiência concreta da “mortalidade” incontornável e experienciada cada dia, em toda a parte e tempo. Que resposta deu e dá a fé cristã, mormente quando a experiência da morte se coloca em termos coletivos, enquanto acontecimento solidariamente vivido por muitos no contexto de uma peste ou pandemia?

Para ir ao encontro de alguns elementos de resposta, pensei, com a ajuda do meu orientador, revisitar um autor patrístico, no intuito de encontrar na sabedoria dos antigos orientações para algum desnorte que hoje vivemos, nomeadamente no que concerne ao tema tabu da morte. Foi assim que me encontrei com o grande bispo latino do século III, S. Cipriano de Cartago. Efetivamente, tendo começado a ler o seu *De Mortalitate* ainda antes do surgimento da pandemia do Covid19, logo me pareceu que merecia a pena centrar-me nesta obra redigida num contexto muito semelhante.

Pareceu-me oportuno este desafio que ia ao encontro das minhas preocupações ao longo do curso teológico. Mais interessante ainda se tornou porque, ao longo da leitura e da reflexão, por mera coincidência, surgiu a pandemia “Covid19” que nos coloca perante a repentina e dramática quantidade de mortes no mundo inteiro. O mundo subjugado pela pandemia do novo coronavírus está seriamente confrontado com a realidade da morte. É natural que a morte seja vista, de um modo geral, como uma destruição da vida, que origina a angústia e incompreensibilidade do ponto de vista humano. Mas é em momentos como estes que os cristãos são confirmados na fé com uma visão diferente da realidade, vendo para além do sofrimento, da separação e da destruição física, o sentido da vida humana.

São Cipriano viveu no século III d.C. em Cartago, África, num contexto social e político conturbado devido às perseguições contra os cristãos por parte do Império Romano, mas não só, como veremos. Desde a sua conversão ao Cristianismo, e mais tarde, quando foi eleito como Bispo de Cartago, trabalhou incansavelmente em prol da Igreja a que presidiu como um pastor exemplar no zelo e na sabedoria. Nesses momentos difíceis, ele esteve ao lado dos cristãos com ações concretas de caridade e também com os seus ensinamentos e exortações através de várias obras e cartas.

Quando a sua comunidade foi posta à prova pela mortalidade provocada pelas perseguições e, especialmente, pela epidemia, ele escreveu a sua obra *De Mortalitate* para ajudar os fiéis a um adequado discernimento e a permanecerem firmes na sua fé, em vez de cederem ao pânico e ao desânimo. Ele procurou reforçar a fé dos cristãos na vida após a morte, promovendo a firmeza e o testemunho da fé dos cristãos nesta vida terrena, distinguindo-se assim da atitude de outros, os não cristãos.

A leitura da obra *De Mortalitate* ajuda-nos a olhar para a morte como uma “passagem” da vida terrena para a “pátria” celeste. Cipriano não ignora o drama da morte vivida pelos seus contemporâneos, mas enquadra-a no âmbito da inevitabilidade e “bondade da mesma” à luz da frágil condição humana, mas, sobretudo, à luz de Cristo e da Palavra de Deus, que trazem um novo horizonte tanto à vida como à morte humana.

Estas são as razões fundamentais que justificam uma atenta leitura crítica do *De mortalitate*. A partir desta fonte principal, refletiremos o tema “*morte e imortalidade*” com um olhar no presente de uma humanidade e Igreja confrontada de novo com a experiência da “pandemia”.

Desenvolveremos o nosso tema em três momentos correspondentes aos três capítulos desta dissertação. No *primeiro capítulo*, procuramos, antes de tudo, apresentar o contexto geral da obra *De mortalitate* nestes aspetos: a vida do autor e os seus escritos; a conceção do significado da morte no mundo antigo; o significado da morte na era dos mártires e depois entrar no contexto específico em que o autor redigiu a sua obra. No *segundo capítulo*, procuramos entender a resposta de Cipriano como Bispo de Cartago perante a crise provocada pelas tragédias e que ocasionaram imensas mortes. O objetivo é explicitar a teologia do autor através de alguns tópicos, como: a morte e o combate cristão; a morte e o martírio; os “bens” da morte e as atitudes que os cristãos devem ter perante a morte. No *último capítulo* refletiremos sobre a atualização da mensagem

teológica do autor presente na mensagem do Papa Francisco e dos bispos portugueses através dos temas: a fé na ressurreição; a morte e a Providência divina; do medo da morte à esperança cristã; a morte de Cristo e a morte do cristão; a nova atitude perante a morte; a espiritualidade da morte.

O objetivo deste trabalho é, portanto, fazer uma reflexão sobre o tema da morte, baseada na obra *De Mortalitate* de São Cipriano, a partir da sua leitura ciente da realidade humana bem como da sua ação apostólica em momentos limite de enorme sofrimento e morte. Além desse objetivo central, esta reflexão também se dirige aos cristãos de hoje, confrontados com a tragédia de desorientação, de sofrimento, e de uma grande quantidade de mortes provocadas pelo Covid19. Por isso, trazemos para a nossa reflexão uma atualização do pensamento do autor através dos apelos teológicos do Papa Francisco e dos bispos portugueses que, no seu magistério, têm reagido a esta adversidade como aconteceu com o bispo Cipriano no seu tempo.

Esperamos, deste modo, não querer forçar o Padre da Igreja do século III a “concordar” com o que nós hoje pensamos, mas mostrar como a doutrina e a pregação pastoral da Igreja de hoje encontra fundamento sólido na tradição sapiencial da Igreja desde os primeiros séculos aos nossos dias.

CAPÍTULO I

CONTEXTO DO *DE MORTALITATE*

Neste *capítulo* procuramos, antes de tudo, compreender o contexto geral da obra *De Mortalitate*, abordando a vida do autor e os seus escritos, a concepção do significado da morte no mundo antigo, o significado da morte na era dos mártires, e depois entrando no contexto específico em que o autor redigiu a sua obra. O objetivo deste primeiro capítulo é perceber o contexto geral do autor para se perceber o alcance da reflexão exposta na sua obra.

1. O Autor

São Cipriano é uma figura muito importante na história da Igreja de África e não só. Felizmente, dispomos de bastantes informações sobre o autor, a partir de fontes suas contemporâneas bastante seguras. Além da *Vita Cypriani*, redigida pelo seu diácono Pôncio, dispomos dos *Actos* oficiais do seu martírio (*Acta Proconsularia Cypriani*). Não menos relevantes, como fontes para conhecermos este importante personagem da Igreja do século III, são as obras do próprio, especialmente o *Ad Donatum* e a suas *Cartas*.

Quanto à importância e influência do autor, são ainda importantes outras fontes antigas como Lactâncio, São Jerónimo, Santo Agostinho e Eusébio de Cesareia, famoso historiador da Igreja do século IV.

1.1. A vida

Baseando-nos nas informações fornecidas por estas fontes, vamos expor, de forma resumida, os momentos mais importantes da biografia deste pastor da Igreja cartaginês.

a) Antes da conversão ao cristianismo

Se para o período da sua vida em que já era cristão dispomos, como dissemos, de abundante informação, o mesmo não sucede relativamente ao período que antecedeu a sua conversão. Como o seu biógrafo confessa, para os cristãos desse tempo a verdadeira *vida* de uma pessoa só começa depois da sua conversão, isto é, depois do batismo, que marca o novo momento de nascimento para Deus¹. É uma circunstância própria daquela

¹ Cf. Pôncio, *Vita Cypriani*, II,1.

época, por isso não temos muitas informações sobre a vida do autor antes de ser cristão. De nome completo “*Caecilius Cyprianus qui et Thascius*”² (Cecílio Cipriano, apelidado Tácio), nasceu por volta do ano 210³ em África, provavelmente em Cartago, no seio de uma família pagã, rica e muito culta.

Cresceu e foi educado na cidade de Cartago, frequentando as melhores escolas locais, assegurando uma sólida formação nas línguas latina e grega, em direito e retórica, como referiu S. Jerónimo, e terá ensinado retórica com distinto mérito⁴. Com estas informações, podemos dizer que Cipriano, socialmente, se situava na classe alta e não lhe faltaram meios para receber uma boa e completa educação e ter uma relevante carreira na sociedade como jurista ou orador, distinguindo-se pela sua eloquência⁵. Mesmo com esta vida própria da classe alta da cidade, não estava satisfeito com a imoralidade da vida pública e privada, pela corrupção no governo e na administração do seu tempo, o que levou a que ele buscasse algo mais elevado. Refere-se a esta inquietação no início da primeira obra, que sentiu necessidade de redigir, logo após a sua conversão:

«Quando eu estava prostrado nas trevas da noite, quando me ia afundando no meio das águas agitadas deste mundo e seguia na incerteza o caminho do erro, sem saber o que seria da minha vida, imaginava-me, coisa difícil e, sem dúvida alguma, coisa dura, conforme eram então as minhas inclinações, o que me prometia a misericórdia divina: que alguém poderá renascer e que, animado numa vida nova pelo banho da água de salvação, deixar o que antes fora e mudar o homem velho de espírito e mente, embora permanecendo a mesma estrutura do seu corpo»⁶.

O próprio Cipriano resumiu a sua vida adulta antes da conversão como uma vida sujeita às trevas, imersa em águas agitadas, entre incertezas e orientações erradas, e condicionado pelas suas inclinações. Perante as realidades mundanas, que não satisfaziam a vida do autor, procurava algo superior fazendo mil perguntas, “*haec egoment saepe mecum*”⁷. Algo superior, como o autor menciona em cima, é, sem dúvida, a misericórdia divina, a vida nova banhada pela água da salvação. É o batismo que marca a mudança de vida do homem velho para o homem novo, embora permanecendo na mesma estrutura corporal. A resposta às suas preocupações tê-la-ia encontrado sob a influência do presbítero Cecílio de quem recebeu o sobrenome, convertendo-se ao cristianismo e

² Cf. Paul Monceaux, *Saint Cyprien, évêque de Carthage (210-258)*, Les Saints, Paris, 1927, 3.

³ Cf. Paul Monceaux, *Saint Cyprien, évêque de Carthage (210-258)*, 3-4.

⁴ Cf. Jerónimo, *De viris illustribus*, 67.

⁵ Cf. Isidro Lamelas, *O lugar do leigo na eclesiologia de S. Cipriano*, coleção ÉPHETA, Universidade Católica, Lisboa 1993, 25.

⁶ Cipriano, *Ad Donatum*, 3.

⁷ Cipriano, *Ad Donatum*, 4.

doando as suas riquezas aos pobres⁸. Chegou à fé cristã por intermédio desse presbítero. Recebeu o batismo já em idade adulta, provavelmente no ano 245 ou 246. Para ele o batismo foi um milagre porque, pelos méritos da graça batismal, adquiriu uma vida nova. Ele próprio descreve nestes termos a experiência que a ação da graça operou na sua vida:

«Mas depois de ficarem apagadas as manchas da vida passada com a água da regeneração e se infundir a luz no meu espírito transformado e purificado, depois de me transformar num homem novo por um segundo nascimento e efusão do espírito celestial, imediatamente se esclareceram as dúvidas dum modo maravilhoso, abriu-se o que estava fechado, dissiparam-se as trevas e tornou-se fácil o que antes parecia difícil, foi possível o que antes parecia impossível, de modo que pude reconhecer que a minha anterior, vida carnal, sujeita aos pecados, provinha da terra e que era coisa de Deus o que agora estava animado pelo espírito»⁹.

A vida passada é purificada na água do batismo e transformada pelo Espírito. O batismo era para os cristãos deste tempo uma verdadeira revolução na vida moral, mental e espiritual: um verdadeiro “segundo nascimento”. O batismo abre o horizonte da vida: o que estava fechado, o que era trevas, torna-se claro; o que antes era difícil e parecia impossível torna-se fácil e possível. O autor quer contar-nos que a sua vida anterior era uma vida carnal sujeita aos pecados, que provinha da terra e não de Deus. De toda esta informação do autor, transmite-se a ideia de que a sua vida, antes da sua conversão, não é importante e é, por isso, descrita com poucas palavras como uma vida carnal e sem sentido. Sendo uma vida sem sentido, então também não tem sentido transmiti-la aos outros. O que é válido para o autor é a conversão e a vida posterior à conversão. Por isso, Cipriano designa a sua conversão como um milagre pelos méritos da graça divina recebida no batismo.

b) Depois da conversão

No ano 248, poucos anos após o seu batismo, foi elevado ao sacerdócio e, pouco depois, no fim do ano 248 ou no início do ano 249, foi eleito bispo de Cartago, por aclamação do povo e confirmação do clero, após a morte do bispo Donato¹⁰. Essa confirmação do clero de Cartago foi influenciada pela surpreendente mudança de vida de Cipriano e pela sua generosa doação de bens, como acima foi referido. Porém, alguns clérigos cartagineses mais velhos não aceitaram a eleição de Cipriano como Bispo, entre os quais estava um deles chamado Novato. Não sabemos quais foram as razões, mas

⁸ Cf. Jerónimo, *De viris illustribus*, 67.

⁹ Cipriano, *Ad Donatum*, 4.

¹⁰ Cf. Pôncio, *Vita Cypriani*, V,1.

possivelmente a única razão poderia ter sido a sua cobiça, desejando verem-se eles na posição que Cipriano estava para assumir na Sé de Cartago.

Decorria apenas um ano no exercício do seu cargo como bispo de Cartago, no ano 250, quando chegaram os efeitos da perseguição de Décio. O imperador Décio emitira um decreto que obrigava todos os cidadãos do Império a oferecer sacrifícios aos deuses tradicionais perante uma autoridade imperial da qual receberiam um certificado (o *libellus*)¹¹. Esta perseguição afetava todos os súbditos do império, que eram obrigados a praticar esse sacrifício cultural.

O mandato imperial afetou também a igreja de Cartago, especialmente as suas lideranças, já que a política persecutória de Décio visava especialmente o clero. Perante esta situação, o bispo de Cartago vê-se obrigado a retirar-se para um lugar seguro, desconhecido,¹² acompanhado por um grupo de clérigos e féis¹³, mantendo-se em contacto frequente com o seu povo e o seu clero em geral. No entanto, a sua fuga não contou com a aprovação de todos, principalmente dos que se haviam oposto à sua eleição. Perante estas duras críticas, Cipriano defende-se várias vezes justificando o seu comportamento através de diversas cartas. Numa das cartas, o bispo afirma:

«Achei necessário escrever-vos esta carta para vos dar conta da minha conduta, da minha conformidade com a disciplina e do meu zelo. Assim que estalou o primeiro distúrbio, o povo chamava-me com muita gritaria e insistência. Então, segundo os ensinamentos do Salvador, preocupado com a paz de toda a comunidade, mais do que com a minha própria segurança, decidi imediatamente fugir, a fim de evitar que a minha imprudente presença servisse de incentivo ao motim que se havia gerado. Mas, embora ausente no corpo, tenho estado presente em espírito, e com as minhas ações e conselhos, segundo a medida das minhas pobres forças, sempre que pude, esforcei-me por dirigir os meus irmãos segundo os preceitos do Senhor»¹⁴.

Nesta carta apercebemo-nos das razões que o levaram a esconder-se e de como se mantinha ativo. De facto, esta e outras cartas mostram-nos que, durante o seu exílio, Cipriano nunca abandonou os seus deveres de pastor da comunidade. Apesar da distância, ele continua a marcar presença em espírito no meio da comunidade através das boas ações e de bons conselhos.

Depois da violenta tempestade, no final do ano 250, sob a reinado de Treboniano, regressa a paz. Os fugitivos regressam, os prisioneiros são libertados e voltam à Igreja,

¹¹ Cf. Jean Daniélou e H-I. Marrou, *The first six hundred years*, Edição Darton, Longman and Todd, London, 1964, 206.

¹² Cf. Cipriano, *Epistola*, 11, 4,2.

¹³ Cf. Cipriano, *Epistola*, 7.

¹⁴ Cipriano, *Epistola*, 20,1.

depois de terem renegado a fé para salvar a vida. Os exilados retomam o seu campo de ação e os bispos assumem novamente a direção das igrejas, retomando as suas assembleias¹⁵.

Durante a ausência de Cipriano, os presbíteros, que se haviam oposto à sua eleição, levantaram uma campanha contra ele: primeiro, acusando-o de ter fugido e abandonado o seu rebanho e, agora, pressionando-o para resolver à sua maneira a situação dos *lapsi*. Os *lapsos* são os cristãos que renunciavam à sua fé para escapar à tortura e à morte. Neste sentido, tomam decisões contrárias às do bispo e até surgem divisões internas¹⁶. É este o clima que Cipriano encontra no seu regresso, no início do ano 251 depois da Páscoa: uma Igreja ferida, dispersa e dividida.

Ao retomar a sua sede em Cartago, Cipriano procura resolver os problemas existentes através da publicação de duas obras que tratam dos apóstatas (*De lapsis*) e do Cisma (*De catholicae Ecclesiae unitate*). Para resolver os problemas realizam-se dois importantes concílios locais: o primeiro, na primavera do ano 251, em Cartago, em que se aborda o assunto dos *lapsi* e o cisma de Felicíssimo e o de Noviciando. Neste último concílio decide-se a excomunhão dos dois cismáticos, tal como dos seus seguidores¹⁷. Quanto aos *lapsi*, decide-se que sejam admitidos à penitência e reconciliados, pelo menos à hora da morte. A duração da expiação devia variar segundo a gravidade do caso¹⁸. Apesar disso, o problema dos “caídos” continuava por resolver, o que ocupou a nova reunião dos quarenta e dois bispos com esse tema na agenda. Neste concílio decidiu-se o perdão de todos os “caídos” que fizessem penitência¹⁹ e que os pedidos de ingresso na comunidade fossem redigidos e regulados pelo clero²⁰.

Os anos entre 252 e 254 são considerados como um tempo de sofrimento. Além da perseguição imposta pelo imperador Décio, apareceu também uma *peste* devastadora, que bem depressa se estendeu a todo o império provocando novos sofrimentos aos cristãos e a muitas outras pessoas. Foi um tempo em que se olhou para a morte como uma companheira de todos os dias. Perante esta situação, que causou uma grande quantidade de mortes, Cipriano redigiu a obra *De mortalitate*, para explicar o significado da morte para o cristão fiel. A melhor maneira de distinguir um cristão dum pagão é verificar o seu

¹⁵ Cf. Isidro Lamelas, *O lugar do Leigo na Ecclesiologia de S. Cipriano*, 28.

¹⁶ Cf. Cipriano, *Epistola*, 41, I.

¹⁷ Cf. Cipriano, *Epistola*, 42; 50; 59, IX.

¹⁸ Cf. Cipriano, *Epistola*, 55, VI, 2; 56, II; 57, I-II.

¹⁹ Cf. Cipriano, *Epistola*, 56, III.

²⁰ Cf. Cipriano, *Epistola*, 67, VI, 3.

estado de espírito no momento difícil da morte, no fim da vida terrena. Cipriano apresenta o momento da morte como um tempo de combate, porque o descanso vem só depois da morte. Para ele, quem tem fé não deve ter medo de sair deste mundo para entrar no mundo melhor, que é o Reino de Deus. Na parte final da sua obra, o autor afirma que «devemos renunciar ao mundo e que nele habitamos provisoriamente como hóspedes e peregrinos, porque o dia que coloca um de nós na verdadeira pátria, libertando-nos dos laços deste mundo, restitui-nos ao paraíso e ao reino»²¹. Nesta afirmação o bispo de Cartago ensina a sua comunidade que considere a morte como um momento de libertação deste mundo, onde se é apenas peregrino, pois o mais importante é manter-se fiel a Deus para que, através da morte, o cristão regresse à verdadeira pátria, visto que a pátria do cristão é o paraíso²². Além do serviço da palavra, Cipriano também prestava cuidados e ajuda caritativa aos doentes. Nesse momento difícil, surgiu também uma lei por iniciativa do imperador Treboniano Galo que obrigava toda a população a fazer sacrifícios, provavelmente ao deus Apolo, do qual ele esperava socorro para tal situação. Perante esta ordem do imperador, o bispo não deixa de exortar também os seus fiéis a que não a cumpram. A atitude do bispo, face à decisão tomada pelo imperador, provoca a ira e há quem queira que Cipriano seja lançado aos leões²³. Entretanto, o problema da *peste* foi praticamente ultrapassado em finais de 254.

Os últimos anos da vida de Cipriano foram agitados pela controvérsia sobre o batismo dos hereges. Para esta questão apresentam-se diferentes respostas dadas pelas igrejas da África, da Ásia Menor e de Roma. As igrejas da África e da Ásia Menor exigiam que se rebatizasse os hereges,²⁴ enquanto a de Roma dizia que não era necessário rebatizar, bastando apenas impor as mãos aos hereges arrependidos em sinal de reconciliação e de paz²⁵. Por parte das igrejas de África, houve três sínodos reunidos em Cartago, nos anos 255 e 256, sob a presidência de Cipriano, a reafirmar que era necessário rebatizar os hereges, exceto no caso destes terem sido batizados antes de abandonar a igreja católica, uma vez que o batismo dos heréticos e dos cismáticos era totalmente nulo²⁶. Face a esta decisão, a igreja de Roma, mediante o Papa Estêvão I (254-257), contestou de modo incisivo, opondo-se assim aos africanos contra a introdução de

²¹ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 26.

²² Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 26.

²³ Cf. Cipriano, *Epistola*, 59, VI.

²⁴ Cf. Cipriano, *Epistola*, 69, I,1.

²⁵ Cf. Cipriano, *Epistola*, 75, VII,1.

²⁶ Cf. Cipriano, *Epistola*, 74, XII.

novidades contrárias à tradição. Cipriano, porém, não quis mudar de parecer e, desta forma, criou-se tensão entre os dois bispos. A certa altura, o Papa Estêvão I ameaçou mesmo excomungar os bispos africanos se não aceitassem a disciplina romana. A imprudente ameaça do Papa Estêvão I provocou em Cipriano a seguinte pergunta: “honrará a Deus quem, fazendo-se amigo dos hereges e inimigos dos cristãos, pensa que devem ser excomungados os bispos de Deus que defendem a verdade de Cristo e a unidade da Igreja?”²⁷. A disputa continuou e envenenou-se rapidamente a relação entre ambos, encaminhando-se para uma perigosa separação.

Entretanto, surgiu outra perseguição por parte do imperador Valeriano, a partir da promulgação de um édito contra os cristãos, em meados do ano 257. Neste édito afirmava que, poupando os leigos, seriam exilados os bispos e presbíteros, vigiados e proibidos de presidir qualquer cerimónia, quem desobedecesse seria executado²⁸. Na perseguição que se seguiu a este édito, o Papa Estêvão foi martirizado e sucedeu-lhe o Papa Xisto, retomando então as relações e repondo a acalmia normal²⁹. Poucas semanas depois, Cipriano também foi chamado a comparecer perante o tribunal do Procônsul de África, Paterno. Foi interrogado e desterrado para Cúrbis³⁰ no dia 30 de agosto de 257. Um ano mais tarde, a 14 de setembro de 258, foi decapitado perto de Cartago. Foi o primeiro bispo africano mártir. Podemos apreciar o testemunho do seu martírio como bispo na seguinte transcrição do último interrogatório em tribunal, e assim concluímos da melhor forma esta abordagem à biografia do autor em estudo:

- «És tu Tácio Cipriano? – perguntou.
- Sou.
- És o Papa do da seita sacrílega?
- Sou.
- Os divinos imperadores ordenam-te que sacrifiques.
- Eu não o faço.
- Reflete, disse Galeriano.
- Faz o que deves. Em matéria tão justa não há lugar para refletir.
- Há muito tempo que vives em sacrilégio: conquistaste muita gente para a tua conspiração criminosa e converteste-te em inimigo dos deuses e da religião de Roma. Os piedosos e sagrados imperadores, Valeriano, Galiano, Augusto e Nobilíssimo César Valeriano não conseguiram atrair-vos à sua religião. Portanto, estás convicto de ter sido fautor e autor principal de grandes delitos e servirás de exemplo aos teus cúmplices: teu sangue ensinará aos outros a respeitar a lei.
- Tácio Cipriano é condenado a morrer decapitado.
- “Bendito seja Deus”³¹.

²⁷ Cipriano, *Epistola*, 74, X,1.

²⁸ Cf. Cipriano, *Epistola*, 80, I, 2.

²⁹ Cf. Pôncio, *Vita Cypriani*, XIV, 1.

³⁰ Cf. Cipriano, *Acta proconsularia cypriani*, II.

³¹ Pôncio, *Vita Cypriani*, XVII, 1-3.

1.2. Os escritos

A atividade literária do bispo de Cartago está intimamente relacionada com os acontecimentos da sua vida e do exercício do seu múnus pastoral. Todas as suas obras surgiram devido a circunstâncias particulares, com a finalidade de responder a questões práticas. Por isso, era um autêntico homem de Igreja e de ação, mais interessado na direção das almas do que em meras especulações teológicas. A sua linguagem e estilo são muito claros e bem trabalhados, denotando uma grande influência tanto do léxico como das imagens da Sagrada Escritura. Não sendo um escritor tão fecundo como o seu “mestre”, Tertuliano, deixou-nos um importante conjunto de obras que, ao longo dos séculos, foram lidas e citadas. Alguns dos tratados mais conhecidos são os seguintes: *Ad Donatum*, *De habitu virginum*, *De lapsis*, *De catholicae Ecclesiae unitate*, *De Dominica oratione*, *Ad Demetrianum*, *De mortalitate*, *De opere et eleemosynis*, *De bono patientiae*. Para além destes tratados, temos também outros menos conhecidos, mas importantes também para a vida cristã, como: *De zelo et livore*, *Ad Fortunatum de exhortatione martyrii*, e *Ad Quirinum*. A atribuição desta última obra a S. Cipriano continua em discussão. Os escritos não se reduzem aos tratados, mas há também as suas *Cartas*, que são importantes e constituem um verdadeiro manancial para o estudo da Igreja no norte de África em meados do século III.

Sem pretendermos um estudo detalhado de cada um dos seus escritos, expomos, de forma muito sucinta, a circunstância e conteúdo dos primeiros tratados mencionados em cima.

Ad Donatum é o primeiro tratado de Cipriano. Foi escrito pouco tempo depois da sua conversão ao cristianismo, após o seu batismo, provavelmente datado do ano 246. Esta obra dirigida ao seu amigo Donato, apresenta o batismo como uma vida nova, que liberta da mentalidade pagã. Nesta obra, Cipriano sustenta que todo o nosso poder vem de Deus: n’Ele vivemos e por Ele temos a força enquanto ainda estamos neste mundo³². Cipriano quer declarar que no batismo somos eleitos como filhos de Deus e nele a vida é transformada para poder apontar os erros do mundo. Com esta obra, Cipriano declara que encontra o verdadeiro sentido da vida nas palavras de Deus e deseja dedicar a sua vida à oração e à leitura da Sagrada Escritura.

³² Cf. Cipriano, *Ad Donatum*, 4.

De habitu virginum é uma obra escrita logo no início do seu pontificado como bispo de Cartago, por volta do ano 249. É uma exortação pastoral dirigida às virgens de Cartago. Com esta exortação, Cipriano quer regularizar os estilos de vida monástica e solucionar as crises surgidas no seio da comunidade. Sobre o estilo de vida das virgens diante da comunidade, de forma mais direta, diz: “querendo apresentar-se com mais luxo, vagarear com mais liberdade, deixam de ser virgens”³³.

De lapsis é a primeira obra que São Cipriano escreveu, após regressar à sua sede depois da perseguição, por volta do ano 251. É uma obra que se refere aos cristãos que, durante a perseguição tiveram medo das pressões e não permaneceram firmes na fé e que, após a perseguição, desejaram voltar à comunidade e à sua fé. A partir desta obra, o bispo de Cartago quer refletir e solucionar as questões que surgiram sobre os *lapsi* durante a sua ausência e, ao mesmo tempo, reflete acerca das suas causas.

De Catholicae Ecclesiae unitate é um tratado redigido por volta do ano 251, no momento do seu regresso à sede episcopal e ao conselho. Ideia geral da obra é a realidade do cisma causado nessa altura por Novaciano. Na introdução do tratado, o autor sustenta que os cismas e as heresias são causadas pelo diabo, e que acabam por ser mais perigosas do que as perseguições porque corrompem a unidade interna dos cristãos, arruinam a fé e a verdade. Diante deste problema, o bispo de Cartago afirma que todo o cristão deve permanecer na Igreja Católica, porque não há outra Igreja, ela é só uma e também una e está edificada sobre Pedro:

«Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16,18). Por isso, nesta obra, o autor sustenta que o Episcopado é um só... a Igreja é una... que assim como há uma só luz nos muitos raios de sol, uma árvore em muitos ramos, um só tronco fundamentado em raízes tenazes, muitos rios de uma única fonte... assim também a Igreja do Senhor é uma única luz que se difunde sem perder a sua própria unidade, um tronco que desenvolve os seus ramos por toda a terra... é uma na cabeça, uma pela origem; uma mãe imensamente fecunda»³⁴.

A unidade é, para São Cipriano, a nota teológica por excelência da Igreja católica. Para ele, este último adjetivo é inseparável a “*unitas*”. Por ser uma e una, deduz que quem estiver fora *dessa* “*unitas*” não participa dos dons salvíficos que a Esposa recebeu do esposo-Cristo³⁵. A quem “adultera” a unidade querida por Deus, rompendo a unidade, sucede-lhe o mesmo que aconteceu aos que ficaram fora da arca de Noé³⁶. Ficou famosa a sua afirmação de que fora da igreja não há salvação.

³³ Cipriano, *De habitu virginum*, 20.

³⁴ Cipriano, *De catholicae Ecclesiae unitate*, 5.

³⁵ Cf. Cipriano, *De catholicae Ecclesiae unitate*, 6.

³⁶ Cf. Cipriano, *De catholicae Ecclesiae unitate*, 6.

De Dominica oratione é o tratado que surge pouco tempo depois da obra *De catholicae Ecclesiae unitate*, provavelmente nos finais do ano 251 e nos inícios do ano 252. O bispo de Cartago escreveu esta obra dirigida a todos os cristãos da sua comunidade, mas especialmente aos neófitos, com o objetivo de expor o verdadeiro significado da oração e a sua utilidade para a vida cristã. Com esta obra tenta ajudar os cristãos da sua comunidade a ter uma relação profunda e íntima com Deus na oração. Para tal fim, nesta obra Cipriano sublinha a importância do *Pai Nosso* como fundamental na oração do cristão. Afirma que na sua oração, o cristão deve dirigir-se a Deus como Pai. O Pai-Nosso é a oração “do homem novo, renascido e restituído a Deus pela sua graça”³⁷. É a oração dos cristãos porque no batismo foram santificados e identificados com Cristo. E só estes têm o direito de dirigir esta oração a Deus Pai.

Ad Demetrianum é uma obra redigida como resposta aos ataques dos pagãos representados por um personagem desconhecido chamado Demétriano que responsabilizava os cristãos pelas recentes calamidades: a guerra, a peste, a fome e a seca. Nesta obra, São Cipriano contradiz fortemente as acusações feitas aos cristãos e atribui as calamidades que martirizam o Império (as guerras, a carestia, a peste) à imoralidade humana e às leis naturais de envelhecimento do universo. Ele afirma que os cristãos não eram responsáveis pelas calamidades que afligiam o seu tempo e que estas não eram um castigo de Deus por as pessoas terem abandonado o culto das divindades pagãs, mas que eram causados pela corrupção moral e pelos erros humanos³⁸. A verdadeira culpa de todos os males do mundo é dos pecados, da imoralidade dos pagãos, da desobediência da humanidade, dos crimes e das idolatrias dos pagãos³⁹. A datação da composição da obra é incerta, mas é apontada como posterior ao *De mortalitate*, entre os anos 252 e 253.

De mortalitate é uma obra redigida pouco tempo depois da perseguição do imperador Décio aos cristãos e da passagem pela cidade de uma terrível epidemia. Nesta circunstância difícil, a comunidade olha para a morte como uma companheira fiel de todos os dias. Cipriano como pastor da comunidade dedicou a sua vida a auxiliar os seus fiéis quer na ação quer na palavra. Na ação dedicou-se a ajudar os doentes tanto cristãos como pagãos. Na palavra, redigiu a sua reflexão intitulada *De mortalitate* para explicar o significado da morte do cristão fiel. Para os cristãos, perante tantas mortes, o autor

³⁷ Cipriano, *De Dominica oratione*, 9.

³⁸ Cf. Cipriano, *Ad Demetrianum*, 17.

³⁹ Cf. Cipriano, *Ad Demetrianum*, 25.

sublinha que devem mostrar que são de facto o que acreditam ser, de modo que não lamentem a morte dos irmãos nem hesitem quando chegar o dia da sua morte, mas aceitem de bom grado o convite do Senhor⁴⁰. Transmite aos cristãos que devem estar sempre prontos para a vontade de Deus, porque o verdadeiro descanso dos cristãos virá só depois do combate da vida neste mundo com a chamada à vida em Cristo na vida eterna.

De opere et eleemosynis é um tratado escrito na mesma época do *De mortalitate*, perante as consequências que a comunidade sofre devido à peste, pois o aumento da pobreza exige a resposta da caridade comunitária. A dura experiência da perseguição e da peste levam a comunidade a refletir na fragilidade diante da pobreza para alguns e, ao mesmo tempo, da riqueza para outros. Perante esta realidade, o bispo de Cartago redigiu esta obra para guiar os cristãos da comunidade a viver na caridade como seguidores de Cristo. Assim se expressa o autor mostrando a importância da “caridade” para a salvação:

«Caridade é grande apoio dos crentes, é garantia salutar da nossa segurança; é sustentáculo da esperança, é proteção para a fé, é remédio para o pecado; é realidade ao alcance de todos, é grande e é fácil, é a coroa da paz sem o perigo de perseguição; é verdadeiro e máximo dom de Deus, necessário para os enfermos e glorioso para os fortes, com cujo auxílio o cristão completa a graça espiritual, tem mérito diante de Cristo juiz, faz de Deus um devedor»⁴¹.

Cipriano chama a atenção dos cristãos para que vivam as consequências da peste como uma oportunidade. Oportunidade para viver a caridade cristã e ser generosos com os mais necessitados, os enfermos e os moribundos. É na caridade que os cristãos vivem de forma autêntica como seguidores de Cristo e garantem a sua salvação no combate deste mundo.

De bono patientiae é um pequeno tratado que mostra a maior influência do seu mestre Tertuliano. Foi redigido por volta do ano 256, porque Cipriano afirma que remete para um escrito intitulado *De bono patientiae* escrito pouco antes⁴², dirigido a Jubiano, bispo da Mauritânia, no contexto da questão dos rebatizados. Com esta obra, o bispo de Cartago, dirige-se à sua comunidade mostrando e sublinhando que o dom da paciência é verdadeira virtude cristã porque nesta virtude o cristão identifica-se com Deus. Segundo o autor, a paciência cristã consiste em imitar Cristo e participar na sua paixão. Afirma: “Se Deus é nosso Senhor e Pai, imitemos a paciência tanto do Senhor como do Pai, pois cabe aos servos serem obedientes, e aos filhos não convém serem degenerados”⁴³. A

⁴⁰ Cipriano, *De mortalitate*, 24.

⁴¹ Cipriano, *De opere et eleemosynis*, 26.

⁴² Cf. Cipriano, *Epistola*, 73, XXIII, 1-2.

⁴³ Cipriano, *De bono patientiae*, 3.

virtude da paciência tem a sua origem em Deus. Ser paciente e obediente a Deus e a Cristo é importante porque todo o homem que é amável, paciente e manso é imitador de Deus Pai e suporta pacientemente os profanos, os ídolos da terra e os ritos sacrílegos, que desrespeitam a honra e a majestade de Deus.

2. A morte no mundo antigo

Para melhor lermos *De mortalitate* e entendermos o pensamento do seu autor, convém tentarmos compreender como era encarado o tema da morte no mundo mental e cultural do autor. Ao longo da história da humanidade, verificamos que toda a humanidade está sujeita à mortalidade. Morrer é um facto e é uma realidade a que ninguém escapa. Abordar o tema da morte no mundo do autor é perceber como eram as atitudes e as imagens dos povos que tinham ligação à vida do autor. As atitudes e as imagens são recorrentes e transformaram-se ao longo dos tempos, mas as preocupações sobre o destino após a morte permanecem. As diferentes manifestações e concepções dificultam a nossa reflexão sobre a morte no mundo do autor, mas existem aspetos comuns na cultura dos povos tais como as circunstâncias e os modos em que as pessoas morrem, o tratamento dado aos mortos e as maneiras como os mortos são lembrados. Esse conhecimento facilita a nossa tarefa de perceber o pensamento do autor. O tratamento, as maneiras e os ritos interpretam as respostas que as pessoas dão a questões fundamentais como: o que há para além da morte? Será o fim de “tudo” ou há uma vida nova? A pessoa é confrontada com o duplo sentimento: a vida acaba com a morte ou continua a haver vida após a morte da pessoa?

Esta introdução leva-nos a perceber, em primeiro lugar, os conceitos acerca da morte da cultura dos povos ou culturas com maior ligação ao autor, para depois podermos perceber melhor os conceitos e os ensinamentos do autor acerca da morte refletidos na obra *De mortalitate*. De facto, Cipriano não só conhece bem e usa o Antigo Testamento, como também devia ter conhecimento da importante comunidade judaica que vivia em África⁴⁴. Quanto à cultura pagã-romana, não será necessário demonstrar a suma importância na vida e no pensamento do nosso autor, que se converteu ao cristianismo em idade já adulta.

⁴⁴ Como no-lo mostra a obra de Tertuliano *Adversus Iudaeos*.

2.1. A morte no contexto judaico

Como confessa o próprio Cipriano, a mortandade provocada pela peste era entendida como uma “peste”, para judeus e pagãos, ao passo que os cristãos vêem nela uma “porta para eternidade”: “*Mortalitas ista Iudaeis et gentibus... pestis est. Dei servis salutare excessos est*”⁴⁵.

Assim se resumem as diferentes posições de cada grupo perante a experiência da morte provocada pela peste.

Começemos por falar dos judeus e da sua atitude face à morte. Cipriano pode não ter tido uma relação direta com o contexto judaico, mas de forma indireta a percepção da morte no mundo judaico deixou alguma marca na vida e no pensamento do autor porque Cipriano viveu ainda na época da expansão das primeiras comunidades cristãs, que ainda tinham contactos diretos e indiretos com as comunidades judaicas na diáspora, que se manifestavam em vários aspetos da vida social, cultural e política. Além destes aspetos, podemos sublinhar outro que nos parece essencial: a influência dos textos e das passagens da Bíblia hebraica e dos livros do Antigo Testamento no pensamento do autor. Não é por acaso que o autor cita várias passagens e faz muitas referências a figuras conhecidas do Antigo Testamento para explicar e animar a sua comunidade a enfrentar a calamidade da morte. Por estas razões, apresentamos a percepção da morte no mundo judaico para compreendermos o pensamento do autor sobre a morte na obra *De mortalitate*.

Não vamos alongar-nos descrevendo a história do judaísmo, mas limitamo-nos a essa percepção acerca da morte. No judaísmo a morte é entendida como uma intervenção de Deus. A vida ideal é a vida em comunhão com Deus, quando o homem, sem lamentações, se entrega à vontade de Deus; a morte ideal e querida por Deus é a morte em idade avançada. Percebe-se que a vida provém de Deus e deve ser vivida em comunhão com Ele. Quando a vida é vivida na separação de Deus tem um castigo e causa dois tipos de morte: a morte prematura e a morte em terra estrangeira⁴⁶. Uma morte ideal no judaísmo é a morte em idade avançada e a morte na própria terra porque, ao contrário da terra estrangeira, aquela é a terra prometida por Deus.

Podemos enriquecer esta percepção, observando o rito da celebração da morte. De forma breve, esse rito consta do seguinte:

⁴⁵ Cipriano, *De mortalitate*, 15.

⁴⁶ Cf. Herbert Vorgrimler, *El Cristianismo ante la muerte*, Editorial Herder, Barcelona 1981, 48.

«De acordo com a lei judaica, o corpo deve ser sepultado logo que possível, e o princípio essencial é o de que o morto deve ser honrado; o seu corpo nunca deve ficar sozinho até ao funeral... na cerimónia fúnebre, o rabi encabeça a procissão até ao cemitério, sendo proferidas orações enquanto o caixão é depositado no fundo de uma cova e coberto de terra. Normalmente, faz-se também um elogio fúnebre, exaltando as virtudes do falecido, terminando-se a cerimónia com o Kaddish, uma oração pela paz e de louvor a Deus»⁴⁷.

O corpo do defunto deve ser bem cuidado após a morte, devido à sua esperança na vida após a morte (cf. Lc 23,55-56; 24,1-3). De facto, especialmente a partir do século II a. C., o judaísmo foi fortalecendo cada vez mais a sua esperança na ressurreição dos mortos (cf. *Livro de Daniel*), embora algumas “escolas” rabínicas tenham entendimentos diferentes sobre esta questão.

A lei judaica permitia que a preparação do corpo do defunto fosse permitida inclusive no Sábado (cf. Mishna, *Shabbat*, 23,5). No início do funeral, os familiares rasgam as suas roupas. No enterro os parentes mais próximos são os primeiros a lançar terra no caixão. Após o enterro, a família continua de luto, durante o qual as pessoas fecham as casas, usam roupas rasgadas dentro de casa, recusam tomar banho, não fazem a barba, tapam os espelhos, acendem velas, etc. A família alargada só termina o luto ao fim de trinta dias, mas a família de sangue continua o luto até completar doze meses⁴⁸. Todos estes elementos rituais ajudam-nos a entender que no judaísmo a morte não se considera um fim, mas leva as pessoas a vivê-la em união com Deus. As palavras e os gestos da família e da comunidade são expressões que comunicam com Deus.

Depois deste curto apontamento acerca do “tratamento” da morte no judaísmo, cabe-nos agora entender qual é a sua perceção sobre a vida imortal após a morte, que pode ser descrito da seguinte forma:

«Tradicionalmente, a esperança dos judeus no futuro centrava-se neste mundo, ou seja, no facto de o Rei-Messias vir um dia a estabelecer o Seu Reino na Terra. E, se tal não acontecesse durante o período de vida de uma pessoa, aconteceria certamente no dos seus filhos ou no dos seus netos. Seria só nos séculos III ou IV a. C. que se começaria a desenvolver uma doutrina de imortalidade pessoal, possivelmente como resultado da influência babilónica. Contudo, a aceitação desta doutrina não foi unânime: mesmo no século I a. C, enquanto os fariseus insistiam que a existência de vida após a morte estava implícita nas Escrituras, os saduceus continuavam a rejeitar essa ideia»⁴⁹.

O judaísmo desconhece a antropologia dualista de tradição órfica e grega que separa a alma do corpo, reservando a imortalidade apenas para a alma imortal por

⁴⁷ Dan Cohn Sherbok, *Judaísmo*, edições 70, Lisboa, 2009, 96.

⁴⁸ Cf. Walter Elwell, *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, editora vida nova, São Paulo, 2009, 558.

⁴⁹ Dan Cohn, *Judaísmo*, 100.

natureza. O pensamento semita entende, pelo contrário, o homem como um todo. Só mais tarde, sob influxo do helenismo, também o judaísmo se deixou influenciar pela antropologia dualista grega, com consequências para a compreensão do destino do homem *post mortem*⁵⁰.

Começa-se com a ideia da vida instituída pelo Messias neste mundo e passa-se para a consideração da imortalidade após a morte. A imortalidade é alcançada com a ressurreição após a morte. Para compreendermos quando é que, para os judeus, a pessoa alcança a vida imortal, consideremos outra passagem na Bíblia hebraica que afirma: “Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna e outros para a vergonha e o horror eterno” (Dn 12,2). Consideram-se então as duas possibilidades: a da felicidade da vida eterna ou a vergonha e o horror eternos.

É doutrina dos judeus que “a recompensa que está guardada para os justos é vida eterna no mundo que há de vir, vida sem morte e bem sem mal, enquanto os maus serão completamente abandonados no momento da sua morte”⁵¹. Viver a felicidade da vida eterna ou viver no horror eterno resultará daquilo que a pessoa tiver sido e feito neste mundo. Este pensamento dos judeus é expresso por Salomão, o rei sábio: “Tudo o que a tua mão possa fazer, fá-lo com todas as tuas faculdades, pois na região dos mortos, para onde irás, não há trabalho nem inteligência, não há ciência nem sabedoria” (Ec 9,10). A vida após a morte está ligada à conduta do homem neste mundo. O homem tem a sua liberdade e a capacidade de definir a sua vida neste mundo e também o destino da sua vida após a morte. Por isso, o autor do livro sobre o judaísmo, ao interpretar a frase do Rei Salomão acima mencionada afirma: “Quem não realizar muitas boas ações durante a sua vida, não as poderá realizar depois da sua morte. Quem não tiver realizado boas ações em vida, não terá tempo para o fazer no mundo que há de vir. E quem não tiver adquirido sabedoria neste mundo, não poderá consegui-la na sepultura”⁵². A felicidade da vida eterna não é alcançada por acaso, mas depende das ações realizadas neste mundo com outras pessoas. A descrição coloca ainda a questão das dimensões da salvação. É uma questão individual? Depende só de si próprio?

⁵⁰ Cf. Eric M. Meyers - J.E. Strange, *Les Rabbins et les premiers chrétiens. Archéologie et histoire*, Paris 1984, 128-129.

⁵¹ Artur Hertzberg, *Judaísmo*, tradução de Manuel Ferreira da Silva, Editorial Verbo, Lisboa, 1981, 166-167.

⁵² Artur, *Judaísmo*, 167.

Na doutrina judaica sublinha-se que a salvação tem duas dimensões: a dimensão individual e a dimensão social que, por sua vez, estão ligadas a duas relações: a relação vertical e a relação horizontal na vida quotidiana. A vertical é a relação com Deus e a horizontal é a relação com o próximo⁵³. A primeira é a relação da fé e a segunda é a relação humana realizada nas boas e nas más ações. É interessante trazer esta conceção para a leitura da obra *De mortalitate* de São Cipriano, porque a sua explicação sobre a mortalidade e imortalidade tem algumas fundamentações nos textos de Antigo Testamento que são os mesmos do judaísmo.

2.2. A morte no mundo romano

Conhecer a realidade do império Romano é conhecer de forma direta a realidade religiosa, social e política em que o autor está inserido, porque ele viveu e cresceu num território sob o domínio do império romano. Sem desprestígio da vasta história e cultura romana, vamos centrar a nossa atenção sobre a sua dimensão religiosa, mais concretamente no que respeita ao culto e rito da morte, para aprofundarmos a conceção acerca da morte que existia nessa época no Império. Também esse entendimento será um elemento importante no estudo que nos propusemos da obra *De mortalitate*, uma vez que a obra foi redigida ainda sob a ocupação romana.

Sabemos que a religiosidade no império romano é complexa porque repleta de simbologias, de divindades, entidades mediadoras e representações que foram evoluindo ao longo dos séculos. No essencial, porém, os costumes e mentalidades não mudaram muito, já que os antigos eram profundamente conservadores nesta matéria, onde a morte e os seus ritos funerários constituem a experiência marcante à volta da qual se organiza, sobretudo, o culto privado.

Não obstante as diferenças sociais e geográficas, a morte significa para o homem greco-romano um “mundo de sombras” em que, de alguma forma, perdura a memória do defunto.

De forma geral, no império romano, a morte é comemorada durante três a sete dias, acompanhada com música, toque de trompete e corneta, dançarinas, gritos, procissões, choros e até com o uso de máscaras, que representam pessoas ilustres da família do defunto. A despedida da morte, em geral, termina com a queima do corpo do morto e de

⁵³ Cf. Will Herbert, *Judaism and Modern Man an Interpretation of the Jewish Religion*, The Jewish publication Society of America, Philadelphia, 1959, 127.

todos os objetos sacrificados, fora da cidade. Depois disso, as famílias recolhem as cinzas que são colocadas em lugar apropriado para servir de memorial. Depois de vários dias, a urna funerária é lavada e colocada no monumento, nova morada do defunto, às vezes rodeado de um jardim. Nove dias depois da sepultura, faz-se o último sacrifício para encerrar o período fúnebre⁵⁴.

Estes momentos levam-nos a considerar a morte na cultura romana sob duas perspectivas: como um momento de despedida e, ao mesmo tempo, como um momento de festa. O momento da despedida é marcado pela tristeza, o choro e o sofrimento, mas é também momento de festa, a festa de uma nova vida do defunto para além da morte. Para os romanos, os mortos continuam a viver; por isso, no aniversário da morte, os familiares oferecem flores e celebram-no com comidas e bebidas como água, vinho, leite e mel. Isto coloca-nos algumas questões: porque é que os mortos são assim honrados? São poderosos?

A festa do aniversário da morte para os romanos não é só para honrar e apreciar o poder do defunto, mas o principal motivo é garantir a paz entre os mortos e os vivos. Por este motivo, além da festa do aniversário da morte, há mais dias comemorativos como, por exemplo, o mês de fevereiro, último mês do ano no calendário romano antigo, é destinado para as purificações durante vários dias: no dia 13 faz-se uma grande festa de sacrifício aos defuntos, e daí até ao dia 21, nove dias finais, são de consagração aos defuntos por parte de familiares. Também há outros meses com datas específicas e com diversas celebrações em relação aos defuntos⁵⁵. Todas estas descrições de festas aos defuntos levam-nos a perceber que, para além da morte, há outra vida, a vida imortal. Estas práticas e festas refletem a necessidade que a pessoa sente de lutar contra o poder da morte para alcançar uma vida para além dela.

Interessa-nos especialmente sublinhar a abordagem essencialmente negativa da morte, enquanto termo definitivo da vida humana. Alguns exemplos de epitáfios antigos ilustram bem essa atitude:

*Não há nada depois da morte, nem nada é mais útil*⁵⁶.

⁵⁴ Cf. Jean Bayet, *La religion romane*, Edições Cristiandad, Madrid 1984, 82-83.

⁵⁵ Cf. Jean, *La Religion Romana*, 83-84.

⁵⁶ “Ulterius nihil est morte neque utilius”, *Corpus Inscriptionum Latinarum (CIL)* 4654.

*Não somos nada e fomos mortais. Tu que lêes, reflete: do nada regressamos depressa ao nada*⁵⁷.

*Tudo é gerado da terra e de novo a terra volta a ocultar: que ninguém pois se lamenta por ter nascido da terra e à terra ter regressado*⁵⁸.

Tudo acabava nessa última morada dos mortos: *Hoc est, sic est, aliud fieri non licet*⁵⁹. Tenha-se ainda presente que a esperança de vida do homem antigo era muito baixa. Poucos chegavam à idade adulta e, sobretudo, avançada. Razão pela qual, o desejo máximo do homem antigo era o de viver muitos anos, ciente que “depois da morte nada o espera” e, por isso, “nada pretende nem deseja”⁶⁰.

Isto não significa que no seio da tradição greco-romana não se tenha desenvolvido também uma certa esperança na vida para além da morte, pelo menos para os que mais se destacavam pela heroicidade e virtude.

Podemos dizer que o cristianismo veio responder a estas vagas esperanças, acendendo vivas esperanças onde nada havia a esperar.

2.3 A morte no contexto das primeiras comunidades cristãs

Este tema leva-nos a compreender qual a perceção que as primeiras comunidades cristãs, nos primeiros três séculos, tinham sobre a morte e a imortalidade, porque foi a mesma época em que Cipriano redigiu a sua obra *De mortalitate*. Nesse tempo os primeiros cristãos enfrentavam duas grandes culturas: a cultura ocidental, com a grande influência do império romano, e a cultura oriental, com a influência da cultura judaica e helenística.

O confronto com as doutrinas dessas duas culturas provoca nos primeiros cristãos a necessidade de ter uma só resposta, fundamentada nas palavras e nos ensinamentos de Jesus Cristo.

A perceção sobre a morte nas primeiras comunidades cristãs está muito relacionada com a experiência da morte de Cristo. Para os cristãos, a morte de Cristo ajuda a perceber que a vida não termina ali, mas que há vida para além da morte. É uma

⁵⁷ “Nihil sumus et fuimus mortales. Respice, lector, in nihil ab nihilo quam cito recidimus”, *Corpus Inscriptionum Latinarum (CIL)*, VI 26003.

⁵⁸ Cf. M. Luisa del Barrio Vega, *Epigramas funerarios griegos*, Madrid 1992, 327.

⁵⁹ *Corpus Inscriptionum Latinarum (CIL)*, VI, 29952.

⁶⁰ “Speravi dolor heu vitam producere longam, nihil mihi post finem est: nil volo, nil cupido (sic.)”, CLE 2071. Cf. Isidro Lamelas, *Estudo complementar*, in *A Diogneto*, Lisboa 2001, 151.

leitura que podemos fazer com certeza porque os cristãos das primeiras comunidades cristãs tiveram contactos diretos com os apóstolos que foram testemunhas diretas da morte de Cristo. Assim, para eles o verdadeiro significado da morte encontra-se na experiência da morte e ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos, o que lhes transmite a certeza de que há vida após a morte. A ressurreição de Jesus levou os cristãos a lutar já neste mundo para alcançar outra vida após a morte. Para os cristãos, pela morte de Jesus a salvação acontece para todos os homens e para todas as gerações futuras⁶¹. Para o cristianismo primitivo a morte era uma vitória porque havia a convicção de que após a morte se estaria com Cristo no seu Reino.

Este significado da morte para os cristãos pode encontrar-se na doutrina transmitida pelos apóstolos de Jesus. Há muitos ensinamentos seus nesse sentido, mas vamos sublinhar alguns deles do Novo Testamento. Partamos, porém, desta afirmação fundamental de Jesus: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá” (Jo 11,21). Para os cristãos, Cristo é a vida e com Ele o cristão vive neste mundo e viverá para sempre no mundo que vem, a vida eterna. A imortalidade na vida eterna depende da fé e das obras neste mundo terreno. Eis alguns dos ensinamentos dos apóstolos, como líderes das primeiras comunidades cristãs, sobre a vida após a morte: a recompensa e a punição no juízo final na afirmação de Paulo: “Todos havemos de comparecer perante o tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba conforme aquilo que fez de bem ou de mal, enquanto estava no corpo” (2 Cor 5, 10) ; a retribuição para além da morte, segundo as obras praticadas em vida, na passagem aos Romanos: “Com a tua dureza e o teu coração impenitente, estás a acumular ira sobre ti, para o dia da ira e do justo julgamento de Deus” (Rm 2, 5); a vida após a morte é universal, para todos, como se afirma também nesta passagem: «A tribulação e angústia para todo o ser humano que pratica o mal, primeiro judeu e depois grego! Glória, honra e paz para todo aquele que pratica o bem, primeiro para o judeu e depois para o grego! É que em Deus não existe aceção de pessoas” (Rm 2, 9-11).

Estas e outras passagens, não citadas aqui, ajudam-nos a perceber que existe uma vida reservada aos justos e aos pecadores para além da morte. É natural que nestes ensinamentos dos discípulos se encontrem algumas representações e símbolos que devam ser entendidos no seu contexto moral, religioso, social e político.

⁶¹ Cf. Will, *El Cristianismo ante la muerte*, 70.

Por isso, para os primeiros cristãos, a morte é uma passagem para a vida eterna, morrer por Cristo é uma vitória que encontra o seu sentido na morte e ressurreição de Cristo. Os cristãos reconhecem em Cristo o verdadeiro sentido da sua vida. *De mortalitate* ajuda-nos a perceber o pensamento do autor sobre a morte do cristão fiel.

3. A morte na era dos mártires

Um dos temas catequéticos do *De mortalitate* é o que a “peste” exercita e educa para o martírio: *exercitia sunt nobis, non funera... praeparant ad coronam*⁶². Quem sobreviver à epidemia, pode enfrentar a perseguição, estando preparado para vencer a morte. Uma vez que “é inevitável que o homem mortal morra, aproveitemos – exorta o nosso autor – a ocasião” proporcionada pela perseguição (ou peste), “para passarmos pela morte com os olhos fixos no prémio da imortalidade”⁶³

A vida cristã é, de facto, um contínuo *agon* que culmina no último grande combate da morte. Toda a vida do batizado, enquanto “testemunho” dado pelo *miles Christi*, é um “martírio” à imitação de Cristo⁶⁴.

A palavra “martírio”, oriunda do grego μαρτυριον (*martyrion*), significa isso mesmo: “testemunho”⁶⁵. Se toda a morte cristã deve ser um “testemunho”, muito mais a morte dos mártires. Segundo Cipriano, o mártir é aquele que morre por Cristo, imitando a sua paixão e fidelidade à vontade do Pai. Esta fidelidade alcança o seu ponto mais alto na “coroa da fé” reconhecida pelos que dão a vida “participando” da paixão de Cristo⁶⁶.

3.1 O martírio como uma entrega de livre vontade

Não é comum definirmos a morte como uma atitude de entrega de livre vontade, porque não é normal alguém querer morrer ou entregar-se à morte. Mas apercebemo-nos que os mártires são capazes de tal atitude em situações em que está em causa testemunhar e defender a verdade da fé, defender a justiça, salvar outras pessoas, etc. Em que sentido

⁶² Cipriano, *De mortalitate*, 24.

⁶³ Cipriano, *Epistola* 58,3.

⁶⁴ Cf. Cipriano, *Epistola* 58, 8

⁶⁵ Lacoste Jean-Yves, *Dicionário crítico de Teologia*, Edições Paulinas e Loyola, São Paulo, Brasil, 2004, 1099.

⁶⁶ Cf. Cipriano, *Epistola* 58, 3.

deveremos então considerar o martírio como uma entrega de livre vontade? Vejamos alguns testemunhos.

Logo no início do cristianismo, após a morte de Jesus, temos testemunhos diretos da perseguição que levou ao martírio vários discípulos de Jesus Cristo. Uma das narrativas é a perseguição e a morte de Estêvão, protomártir cristão (At 7, 54 - 8, 8). Nessa narrativa vemos como Estêvão, plenamente consciente da gravidade das suas afirmações em relação à religião instituída e às intenções dos seus representantes, não quis deixar de dar testemunho, mais uma vez, da verdade da sua fé em Jesus Cristo. Esta percepção foi confirmada pelo testemunho de Paulo, que era perseguidor e estava lá, dando a sua aprovação e cuidando as suas roupas dos que o matavam (cf. At 22, 18-20). A morte de Estêvão entende-se como uma entrega de livre vontade, consciente e querida, confirmando com o testemunho do seu martírio a autenticidade da fé cristã.

Recordemos também o exemplo de Inácio de Antioquia e a disposição com que se preparava para o martírio, numa das suas cartas:

«Exorto-vos a que não tenhais por mim uma benevolência inoportuna. Deixai-me ser alimento das feras, pelas quais me cabe a feliz sorte de alcançar Deus. Eu sou o trigo de Deus e vou ser moído pelos dentes das feras para que eu venha a ser puro pão puro depois de Cristo. Ataçai antes as feras para que elas sejam a minha sepultura e não deixem nada do meu corpo, para que, quando adormecer, eu não seja um fardo para ninguém. Então serei verdadeiramente discípulo de Jesus Cristo, quando o mundo não ver nem sequer o meu corpo. Suplicai a Cristo por mim, para que, por meio destes instrumentos, eu seja oferecido em sacrifício a Deus»⁶⁷.

Nesta carta, Inácio, bispo da Igreja de Antioquia, descreve claramente o significado do martírio como uma autoentrega à morte para ter a felicidade de alcançar Deus. Compara o mártir ao trigo, moído pelos dentes das feras, para se tornar o pão puro de Cristo. Para ele o martírio leva-o à plenitude de verdadeiro discípulo de Cristo. É ser sacrifício oferecido a Deus. O desejo de Inácio cumpriu-se, depois de ter sido enviado da Síria à cidade de Roma, onde sofreu o martírio por amor a Cristo e à Igreja, lançado às feras no Coliseu⁶⁸.

Baseados no testemunho destes dois mártires, Estêvão e Inácio de Antioquia, podemos sublinhar que o martírio é uma atitude radical de entrega de livre vontade, de imitação e de honra para alcançar a perfeição na vida cristã. O martírio eleva o testemunho à totalidade da entrega da própria vida, tendo sempre como razão fundamental, para sua salvação e para a salvação dos outros, a imitação de Jesus Cristo.

⁶⁷ Inácio de Antioquia, *Carta aos Romanos IV, 1-2*; tradução de Lamelas Isidro, *As Origens do Cristianismo, Padres Apostólicos*, Paulus Editora, Lisboa, 2016, 129.

⁶⁸ Cf. Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica*, III, 36, 3, Paulus, São Paulo, 2014, 101.

3.2 O martírio como imitação de Cristo

O diálogo de Jesus com Pedro, no capítulo 21 do Evangelho segundo São João, ilustra o fundamento do martírio como imitação de Cristo:

«Pela terceira vez Jesus perguntou: “Simão, filho de João, tu amas-me?” Pedro ficou angustiado por Jesus haver-lhe perguntado pela terceira vez “tu amas-me”, e assegurou-lhe: “Senhor, Tu conheces todas as coisas e sabes que eu Te amo!” Jesus lhe disse: “Apascenta as minhas ovelhas. Em verdade, em verdade, te digo: quando eras mais jovem, tu te vestias a ti mesmo e ias para onde desejavas; mas quando chegares à velhice, estenderás as mãos e outra pessoa te vestirá e te conduzirá para onde tu não queres ir.” Isso falou Jesus, significando o tipo de morte com a qual Pedro iria glorificar a Deus. E assim que terminou de proferir essas palavras, acrescentou: “Segue-me!”» (Jo 21, 17-19).

Neste anúncio encontra-se o verdadeiro significado do martírio como uma imitação de Cristo. Morrer como mártir não é uma simples morte, mas é uma imitação da morte de Cristo. Por isso, vemos que nos primeiros séculos a fé dos primeiros cristãos é testemunhada com o martírio, como uma imitação da morte de Jesus Cristo. Eram muitos os que se entregavam à morte na época das perseguições, porque era uma morte feliz ao imitar a morte de Jesus. Sobre esta realidade temos a seguinte descrição do historiador Eusébio de Cesareia na sua *História Eclesiástica*:

«Com efeito, nós o adoramos Jesus por ser Filho de Deus. Quanto aos mártires, nós os amamos com razão enquanto discípulos e imitadores do Senhor, por causa de seu invencível amor ao próprio rei e mestre. Possamos também nós obter o privilégio de nos tornarmos seus companheiros e condiscípulos»⁶⁹.

Nesta descrição se evidencia que, nos primeiros séculos, o martírio era tido como uma felicidade pelos cristãos como discípulos e imitadores do seu mestre, Jesus Cristo. A excelência do seu amor a Cristo, rei e mestre, tornava-os vitoriosos no martírio, ao ponto de o considerarem um privilégio. Imitar Cristo no martírio é o princípio que resume o verdadeiro significado do batismo dos cristãos como configurados com Cristo e em Cristo. Por isso, o mártir é honrado e louvado por imitar Cristo que entregou a sua vida a Deus pela salvação de todos. Neste sentido temos o testemunho da morte de Policarpo a meados do século II como mártir:

«Relatamos-vos o que aconteceu aos mártires e ao bem-aventurado Policarpo, que fez cessar a perseguição, como quem põe um selo, com o seu martírio. Efetivamente, quase todos os antecedentes se deram para que o Senhor nos mostrasse, lá do alto, que o martírio era conforme ao Evangelho. Ele, de facto, tal como o Senhor, esperou para que fosse

⁶⁹ Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica*, IV, 15, 42.

entregue, para que também nós nos tornássemos seus imitadores, não olhando apenas para o nosso interesse, mas também para o do próximo, pois é próprio da caridade verdadeira e firme querer salvar-se não só a si mas também a todos os irmãos»⁷⁰.

Também neste caso vemos que a morte do mártir Policarpo é fruto de uma entrega de livre vontade pelo desejo de seguir a vontade do Senhor e testemunhar o Evangelho. Mas é também claro que é um ato de caridade verdadeira para com os irmãos, para salvar os outros cristãos da sua comunidade. Partindo do testemunho do mártir Policarpo, podemos afirmar que o martírio é imitação da caridade de Cristo, seguindo os seus passos até se entregar à morte. O próprio Jesus diz: “Se alguém quiser seguir-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16, 24; Mc 8, 34; Lc 9, 23).

3.3. O martírio como testemunho de amor a Cristo

Depois dos dois temas acima mencionados, é importante perceber a morte na era dos mártires como um testemunho de amor a Cristo. Como vimos, o mártir marca a identidade da vida cristã como testemunho da fé e do amor de Cristo à humanidade. Os mártires professam com a vida a fidelidade ao Evangelho e com o seu ato de amor testemunham o amor a Cristo e ao seu Reino. São um incentivo para todos os irmãos, de que o amor é sempre fecundo, mesmo quando leva ao martírio.

Tertuliano afirmava que “cada vez que nos ceifais, mais numerosos nos tornamos. É uma semente, o sangue dos cristãos”⁷¹. De facto, ao longo da história da Igreja, vemos que o sangue dos mártires faz com que o número dos cristãos aumente. Jesus disse que “ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos” (Jo 15,13) e os mártires são aqueles que, oferecendo a sua vida, testemunham o quanto amam o Senhor e a todos os que O seguem.

Cipriano, na sua obra *De catholicae Ecclesiae unitate*, refere-se ao martírio como expressão de caridade fraterna:

«Não pode ser mártir quem não está na Igreja; não pode alcançar o reino quem abandonou aquela que está destinada a reinar. Cristo deu-nos a paz, deixou-nos o preceito da concórdia e unanimidade, o mandamento de uma incorruptível e inviolável aliança, no amor e na caridade. Não se pode apresentar como mártir quem não possui a caridade fraterna. Eis o que ensina e testifica o Apóstolo ao dizer: “Ainda que eu tenha fé para transportar montanhas, nada sou se não tiver caridade. Mesmo que distribuísse todos os

⁷⁰ Isidro Lamelas, *As origens do Cristianismo. Padres Apostólicos*, 170.

⁷¹ Tertuliano, *Apologético*, L, 13, Philokalia, Lisboa, 2002, 579 -580.

bens em alimento, e entregasse meu corpo para ser queimado, nada me adiantaria. A caridade é magnânima, a caridade é benigna, a caridade não disputa, não se incha, não se irrita, não age perversamente, não pensa o mal, tudo ama, em tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade nunca acabará»⁷².

Segundo ele, é-se mártir na Igreja de Cristo, que é o modelo dos mártires. Cristo ensina o único, incorruptível e inviolável mandamento, o mandamento do amor. Por isso, não pode apresentar-se como mártir quem não possui o amor fraterno. Morrer como mártir é testemunhar o amor a Cristo porque o amor é tudo e não tem fim.

O mártir ao dar a sua vida por Cristo torna-se com Ele um vencedor (*victor*) da morte e de todos os medos a ela associados. Mas é o próprio Cristo que “luta e *vence* na pessoa dos seus servos... é Ele que vence em nós”⁷³. Enquanto os demais cristãos, que permanecem e morrem na fé, devem esperar pelo juízo final para serem premiados com a vida eterna, os mártires receberão o prêmio da sua luta imediatamente (*statim*) após a sua morte⁷⁴. Por isso, Cipriano, no contexto da peste, associa o martírio à mortandade por ela provocada, para exortar os fiéis a “correr pressurosamente para Cristo, através da morte”⁷⁵

Na carta dirigida a Cornélio, bispo de Roma, Cipriano aponta ainda para o martírio da caridade ao descrever que a caridade os une e os faz perseverar assiduamente com todo o povo em jejuns, vigílias, orações, e os aliviou nas tribulações e angústias⁷⁶. É no amor que se expressa a união a Deus e aos irmãos. É no amor que o cristão tem força e perseverança perante os sofrimentos e as tribulações.

Cipriano não só ensinou na cátedra, mas ensinou e testemunhou com a própria vida. Ele testemunhou o amor de Cristo ao longo do seu episcopado através de ações caritativas junto da comunidade e instruiu os fiéis a viver e testemunhar esse amor. E o testemunho dele foi fiel até ao último momento da vida.

Com estas reflexões concluímos que a morte na era dos mártires é uma autoentrega para testemunhar o amor a Cristo. Viver o martírio como expressão radical da fé cristã e do amor fraterno, que implica uma entrega total até à morte, é um autêntico testemunho de fé.

⁷² Cipriano, *De catholicae Ecclesiae unitate*, 14.

⁷³ Cf. Cipriano, *Epístola*, 10, III e IV.

⁷⁴ Cf. José Capmany, *Miles Christi en la spiritualidad de san Cipriano*, editorial casulleras, Barcelona 1956, 248-249.

⁷⁵ Cipriano, *De mortalitate*, 5.

⁷⁶ Cf. Cipriano, *Epístola*, 60, V, 1-2.

4. Contexto e circunstâncias do *De mortalitate*

É agora altura de abordarmos de uma forma mais aproximada e detalhada o contexto e circunstâncias em que se insere a intervenção do bispo de Cartago, ao redigir o *De mortalitate*, que se pode inscrever dentro do género literário da *consolatio*. Procuramos compreender, num primeiro momento, a reflexão do autor dentro do seu contexto social e eclesial e, depois, vemos o contexto muito concreto da epidemia que assolou o norte de África nos anos 50 do século III e causou a morte de tantas pessoas.

4.1 Situação social e eclesial

De uma forma breve e resumida, a vida pastoral do bispo de Cartago decorreu entre dois imperadores que, cada um a seu modo, interferiram dramaticamente na vida social e na vida eclesial daquele tempo: Décio e Valeriano.

O imperador Décio foi eleito no ano 250 quando Cipriano estava ainda no início do seu mandato como bispo de Cartago. Como explicámos atrás, o imperador emitiu um decreto que obrigava todos os cidadãos do Império a oferecer sacrifícios aos deuses tradicionais sob pena de serem torturados e mortos. Também os cristãos se veem obrigados a realizar atos religiosos em público ao imperador e aos deuses do Império.

Sucedeu-lhe o imperador Galo, seu filho⁷⁷, cujo mandato durou apenas dois anos, tendo-lhe seguido Valeriano e seu filho Galiano⁷⁸. No seu mandato, o imperador Valeriano fez várias perseguições aos cristãos. A esse respeito, eis o relato do historiador Eusébio de Cesareia:

«Empenhou-se, de um lado, em matar e perseguir os homens inocentes e santos, quais adversários e obstáculos a seus encantamentos inteiramente infames e abomináveis. De facto, eles são e eram capazes, por sua presença, seu olhar e até mesmo apenas com o sopro e o som da voz, de arruinar os artifícios dos demónios malignos. Doutro lado, aconselhou-o a realizar iniciações impuras, práticas criminosas de feitiçaria, cerimónias religiosas reprovadas pela divindade, degolar crianças infelizes, sacrificar filhos de pais miseráveis, rasgar as entranhas dos recém-nascidos, cortar e retalhar criaturas de Deus, como se isso pudesse tornar feliz alguém»⁷⁹.

É-nos descrita uma cruel perseguição de Valeriano contra os cristãos que, embora inocentes, eram considerados como demónios e culpados da instabilidade do Império por

⁷⁷ Cf. Eusébio de Cesareia. *História Eclesiástica*, VII, 1.

⁷⁸ Cf. Eusébio de Cesareia. *História Eclesiástica*, VII, 10,1.

⁷⁹ Eusébio de Cesareia. *História Eclesiástica*, VII, 10, 4.

não oferecerem sacrifícios aos deuses. Como castigo, os cristãos foram vítimas de cruéis práticas e violentas ofensas.

Todas as comunidades cristãs da época foram atingidas por esta prática, mesmo as africanas, especialmente aquelas da cidade de Cartago, da qual Cipriano era Bispo. Sobre esta perseguição lemos numa carta de São Cipriano enviada para Roma:

«A verdade é como segue: Valeriano enviou um rescrito ao senado, segundo o qual os bispos, presbíteros e diáconos devem ser imediatamente executados; os senadores, varões egrégios e senhores romanos, com perda da sua dignidade, devem ser despojados dos seus bens, privados da sua riqueza e, se continuam a ser cristãos, devem também sofrer a pena capital; as matronas, privadas dos seus bens, serão desterradas; os cesarianos e oficiais da fazenda imperial que antes ou agora tenham confessado a fé cristã, hão de sofrer a confiscação de seus bens e, encarcerados e com o devido registo, ser enviados aos domínios do Estado»⁸⁰.

Com base nesta carta ficamos com a clara noção da brutalidade da perseguição movida pelo imperador Valeriano e como atinge cristãos de várias classes, começando pelos próprios clérigos da comunidade de Cartago, incluindo a confiscação dos bens materiais. Uma perseguição que leva à desintegração das comunidades cristãs com a eliminação dos seus principais líderes, os bispos, presbíteros e diáconos. Nesta e noutras cartas de Cipriano, sobretudo nas epístolas 76-79, dá-se conta da situação dos exilados, condenados e entregues à morte. Esta realidade é referida também na obra *A Donato*:

«Por todo o lado, os povos são divididos pelos horrores de guerras sangrentas. Todo o mundo está banhado no sangue de uns e de outros. Quando alguém comete um homicídio considera-se um crime como virtude quando se executa oficialmente; não é a inocência que concede a impunidade aos criminosos, mas é a grandeza da crueldade»⁸¹.

Entende-se que a realidade sócio eclesial é instável e insegura. As mortes podem surgir a qualquer momento causadas pela perseguição, pelos crimes, pelas injustiças e até só para dar espetáculo com a arte de matar e divertir os outros.

Perante esta realidade sócio eclesial insegura de várias ameaças, que leva à morte de tantas pessoas, o bispo Cipriano, como bispo, procurava ajudar a comunidade com ações concretas solidárias e com os seus escritos, como foi o caso da obra *De mortalitate*.

Entretanto surge ainda outra calamidade, uma epidemia, sobre a qual nos vamos deter de seguida.

⁸⁰ Cipriano, *Epistola*, 80, I, 2.

⁸¹ Cipriano, *Ad Donatum*, 6.

4.2. A epidemia dos anos 250 -260

No ano 250 surgiu a “Peste de Cipriano”, nome atribuído em reconhecimento do protagonismo que o bispo de Cartago teve nessa infeliz circunstância⁸². Cipriano foi, de facto, o homem certo na hora de acontecimentos inesperados.

Uma peste de origem desconhecida, embora se calcule que tenha começado na Etiópia e espalhado pelo norte de África, passando pelo Egito e acabando por chegar a Roma⁸³. Gregório de Nissa, ao redigir a vida de S. Gregório Taumaturgo, contemporâneo de S. Cipriano, dá-nos conta da devastação que a mesma peste causava «atingindo as pessoas a toda a velocidade e devorando famílias como fogo»⁸⁴.

A este respeito, outro relato sustenta que esse nome inclui Cipriano porque foi o bispo de Cartago que chegou a identificar um apocalipse biológico nesta praga⁸⁵. A informação não nos permite identificar com clareza o ano em que ocorreram as mortes causadas pela epidemia. O historiador cristão, Eusébio de Cesareia, descreve essa tragédia:

«Dionísio novamente se entretém por carta com os irmãos, denotando os sofrimentos da epidemia nestes termos: O presente pode não parecer aos demais homens um tempo de festa. Não é, de facto, para eles, nem o que celebramos, nem outro qualquer. Não me refiro aos tristes, mas até aos que talvez estivessem especialmente repletos de alegria. Agora, na verdade, é só lamentação, todos enlutados; os gemidos ressoam na cidade por causa da quantidade de defuntos e dos que morrem diariamente»⁸⁶.

O historiador dá-nos informações sobre a epidemia e as suas trágicas consequências, mas também nos oferece uma pista para a situar cronologicamente. Segundo a história da Igreja, Dionísio foi eleito patriarca de Alexandria entre os anos 248-265⁸⁷. Estes anos coincidem com os anos em que Valeriano e seu filho sucederam ao imperador Galo, filho do imperador Décio. Valeriano foi imperador romano entre os anos 253-260⁸⁸. Com esta descrição, podemos concluir que, não sabendo exatamente em que

⁸² Cf. Jaime N. Pinto, *Contágios 2500 anos de pestes*, D. Quixote, Lisboa 2020, 23-24.

⁸³ Cf. Barata Lurdes, *As Epidemias e as Pandemias na História da Humanidade*, acedido a 21 de julho de 2020, <https://www.medicina.ulisboa.pt/newsfmul-artigo/99/epidemias-e-pandemias-na-historia-da-humanidade>.

⁸⁴ GREGÓRIO DE NISSA, *Vida de Gregório Taumaturgo* (L. LEONE, *Gregorio di Nissa, Vita di Gregorio Taumaturgo*, Roma 1988, 94.

⁸⁵ Cf. *La peste de Cipriano, la extraña epidemia que causó la caída de Alejandría*, acedido a 21 de julho de 2020, <https://www.asdigitalnews.com/la-peste-de-cipriano-la-extrana-epidemia-que-causo-la-caida-de-alejandria/>.

⁸⁶ Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica*, VII, 22, 1-2.

⁸⁷ Cf. Johannes Quasten, *Patrologia I, Hasta el concilio de Nicea*, coleção BAC, la editorial Catolica, Madrid, 1962, 398.

⁸⁸ Cf. Leon Homo, *El Imperio Romano, el gobierno del mundo la defensa del Mundo la explotación del Mundo*, Edição ESPASSA-CALPE, Madrid, 1936, 82.

ano grassou a epidemia, é certo, porém, que alastrou no império romano e na comunidade de Cipriano entre os anos 250 e 260.

É interessante situar no tempo esta epidemia porque tal nos ajuda a perceber que é nestes anos que Cipriano redige várias obras para responder aos graves problemas que a comunidade enfrenta, sendo uma dessas obras o *De mortalitate*, da qual estamos a ocupar-nos. Mas procuremos saber também o impacto desta epidemia na vida do autor. Sobre esse impacto, temos a descrição do famoso historiador da história da Igreja, Eusébio de Cesareia:

«Ademais, causa admiração e interrogação sobre qual é a origem das pestes contínuas, donde vêm as doenças incuráveis, as infeções de toda espécie, a mortalidade múltipla e variada dos homens. Porque a nossa grande cidade não comporta mais, contando as criancinhas até os velhos avançados em anos, tantos habitantes quantos outrora sustentava de velhos de meia-idade, conforme se dizia. Mas os de quarenta a setenta anos eram de tal forma mais numerosos que este número agora não é atingido pelos que são inscritos e matriculados para a distribuição pública de víveres, cuja idade oscila entre catorze e oitenta anos. Os de aparência mais jovem, de certo modo, tomaram o aspeto dos que outrora eram os mais velhos»⁸⁹.

Nesta descrição vê-se uma perplexidade perante a variedade e origem de tantas pragas e doenças, que causam tanta mortandade e reduzem a grande cidade a um número muito menor de habitantes, e que levam os mais novos a ter um aspeto envelhecido. Este momento difícil, vivido por todo o Império, sente-se também na comunidade de Cipriano:

«Com efeito, esta epidemia, que parece tão horrível e funesta, põe à prova a justiça de cada um e o espírito dos homens, para que os sãos sirvam os enfermos, os parentes se amem sinceramente, os senhores tenham piedade dos servos enfermos, os médicos não abandonem os doentes que imploram, o violento reprima a violência, o avaro, ao menos, por medo da morte, abandone o ardor sempre insaciável da sua desvairada cobiça, os soberbos quebrem o orgulho, os desonestos refreiem a audácia, e que, por terem morrido os que os ricos amavam, vendo-se estes à beira da morte e sem herdeiros, distribuam alguma coisa aos pobres»⁹⁰.

Com estas interpelações, Cipriano tenta atenuar as terríveis consequências que a epidemia provocava na vida familiar e social. Por exemplo, se alguém fosse contagiado, era excluído da família e da sociedade para não contagiar outros. E, para prevenir o

⁸⁹ Eusébio de Cesareia. *História Eclesiástica*, VII, 21, 9.

⁹⁰ Cipriano, *De mortalitate*, 16 «Quid deinde illud, fratres dilectissimi, quale est, quam pertinens, quam necessarium, quod pestis ista et lues, quae horribilis et feralis videtur, explorat justitiam singulorum, et mentes humani generis examinat, an infirmis serviant sani, an propinqui cognatos pie diligant, an misereantur servorum languentium domini, an deprecantes aegros non deserant medici, an feroces violentiam suam comprimant, an rapaces avaritiae furentis insatiabilem semper ardorem vel metu mortis exstinguant, an cervicem flectant superbi, an audaciam leniant improbi, an pereuntibus caris, vel sic aliquid divites indigentibus largiantur et donent sine herede morituri. Ut nihil aliud mortalitas ista contulerit, hoc christianis et Dei servis plurimum praestitit, quod martyrium coepimus libenter appetere, dum mortem discimus non timere. Exercitia sunt nobis ista, non funera. Dant animo fortitudinis gloriam, contemptu mortis praeparant ad coronam».

contágio, os médicos e os enfermeiros podiam abandonar os doentes. E Cipriano exorta à caridade, solidariedade e respeito.

A descrição dos dois temas – a situação sócio-eclesial do autor e o efeito da epidemia – ajuda-nos a entender o porquê da redação de *De mortalitate*. Percebemos que o autor vive numa situação em que a morte pode surgir a qualquer momento, rodeado de uma forte instabilidade social e confrontado com tantas mortes e misérias. Pois é nesse contexto que Cipriano redigiu a sua obra sobre a morte.

Nesta obra, ele, como bispo, sublinha muito a dimensão da salvação em Cristo para além da morte. Cita a passagem de Paulo: “Não queremos, irmãos, deixar-vos na ignorância a respeito dos que dormem, para que não vos entristeçais como os que não possuem a esperança. Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, creiamos também que Deus conduzirá com Jesus os que nele dormiram” (cf. 1Ts 4, 13-14). Com esta obra, sendo líder da comunidade, queria transmitir a mensagem da esperança, que ajuda os cristãos a aceitar a morte não como o fim de tudo, mas apenas como uma passagem temporária neste mundo. Por isso, se cremos em Cristo, diz o bispo de Cartago, se temos fé nas suas palavras e promessas, também não morreremos eternamente; caminhemos, pois, com alegria e tranquilidade em direção a Cristo, com quem havemos de vencer e reinar para sempre⁹¹. Percebe-se que o autor redigiu a obra *De mortalitate* para animar e ajudar a sua comunidade a saber lidar com as realidades da morte, que podem chegar em qualquer momento, e levá-la a assumir a morte como uma passagem para outra vida, a vida imortal.

⁹¹ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 21.

CAPÍTULO II

A RESPOSTA DO BISPO DE CARTAGO À CRISE PROVOCADA PELA “MORTALIDADE”

O capítulo anterior ajuda-nos a perceber que São Cipriano viveu num tempo e numa sociedade marcada pela crise e insegurança tanto a nível social como político e até espiritual. Depois de ter sido eleito Bispo de Cartago, a sua missão como pastor da comunidade, foi posta à prova por dois fatores: a perseguição por parte do Império romano e a mortalidade e angústia coletiva causada pela epidemia. Esta situação levou o bispo Cipriano a dar uma resposta que lhe mereceu um lugar de relevo na história da Igreja e da construção prática e teórica da própria noção de Igreja.

Perante a catástrofe e o grande número de mortes, o Bispo de Cartago procurou viver a sua missão de “bom pastor” da sua comunidade. Ser o “Bom Pastor” no seguimento de Cristo é viver e testemunhar o Evangelho. Querendo, desde a sua conversão, imitar Jesus Cristo em tudo, quis também como bispo imitar o “Bom Pastor”, que conhece as ovelhas e dá a vida por elas (cf. Jo 10, 14-15).

A sua missão foi marcada por esse desejo. Além de auxiliar a sua comunidade com ações concretas, ajudando e animando os doentes, guiou também a comunidade com a palavra iluminada e fundamentada na Palavra de Deus. As suas palavras belas e luminosas com que procurou dirigir a comunidade refletem-se na sua obra *De mortalitate* na qual procura dar resposta à crise, que causava tantas mortes. Quais são as suas respostas como Bispo? Não as conhecemos detalhadamente, mas algumas podemos encontrá-las na leitura da obra e são as seguintes: a morte e o combate cristão; a morte e o martírio, os “bens da morte”; a atitude crente face à morte. São os temas em que refletiremos ao longo deste capítulo a partir da obra *De mortalitate* com o auxílio de outros textos e cartas do autor.

1. Morte e o combate cristão

Cipriano, no final da sua obra *De mortalitate*, afirma que a nossa vida presente é como um itinerário de peregrino. Essa peregrinação neste mundo é uma passagem para o Reino, uma vez que a nossa verdadeira pátria é o *paradisum* (paraíso)⁹². O caminho para esta “pátria” não é fácil; tem vales e montanhas para ultrapassar. É um percurso marcado por provas e combates, e a morte é o último desses combates. O combate travado diariamente culmina nesse último *ágone* que assinala a passagem para a verdadeira cidade. Vamos tentar perceber através da leitura do *De mortalitate* em que termos Cipriano exprime mais detalhadamente esta ideia.

1.1. A fé e o combate cristão

Logo no início da sua obra *De mortalitate*, Cipriano sustenta que a vida é um combate imposto pela fé. Numa das suas cartas, Cipriano diz que os cristãos são *milites Christi*, que não devem recusar de lutar⁹³. Apresenta-se o combate dos cristãos como “*sublimis et magnus*” para alcançar o prémio da coroa celeste⁹⁴. O autor explica que a vida cristã é uma vida de combate permanente, no qual os cristãos precisam de guardar os preceitos do Senhor e seguir fielmente a Cristo, e assim serão vencedores porque Cristo é “*invictus est*” (invencível)⁹⁵ para quem acredita. Os preceitos do combate, que o autor apresenta, são os que o apóstolo Paulo transmite aos efésios:

«Não é contra seres humanos que temos de combater, mas contra os poderes e autoridades, que dominam este mundo de escuridão, e contra os espíritos do mal, que não se veem. Sirvam-se, por isso, das armas que Deus vos oferece para poderem resistir naquele dia difícil e para poderem ficar de pé, depois de terem vencido todos os inimigos. Estejam preparados. Usem a verdade como um cinto bem apertado e a justiça como armadura. Que a prontidão em anunciar o evangelho da paz seja como o calçado para os vossos pés. Andem sempre armados com o escudo da fé, para poderem defender-se das setas incendiárias do inimigo» (Ef 6, 12-17).

Cipriano serviu-se desta carta para ensinar que o combate do cristão não é lutar contra os seres humanos, mas contra a escuridão onde têm origem os males. Vestidos para esta luta com a verdade e a justiça, a fé é o seu escudo. São estas as armas que protegem os cristãos e os fazem resistir perante as ameaças do diabo e suas manifestações⁹⁶. Além

⁹² Cipriano, *De mortalitate*, 26.

⁹³ Cf. Cipriano, *Epistola*, 58, III,1.

⁹⁴ Cf. Cipriano, *Epistola*, 58, VIII,1.

⁹⁵ Cf. Cipriano, *Ad Fortunatum*, 2.

⁹⁶ Cf. Cipriano, *Epistola*, 58, IX, 1.

destas armas, Cipriano insiste também na necessidade da preparação adequada para o combate. O soldado nunca estará apto para a guerra se antes não se tiver exercitado nas manobras, nem poderá alcançar a coroa do lutador no estádio se ele antes não tiver treinado a sua aptidão para tal⁹⁷. Nesta descrição, Cipriano refere-se ao combate da fé de cada cristão em particular, pois o combate é de cada cristão e de todos os dias. Não se refere aos combates de luta física, mas trata-se da luta “*celeste e espiritual*”⁹⁸, como força dos cristãos. Com essa fortaleza o cristão não nega a sua fé perante as perseguições, as violências e a intimidação dos perseguidores, perante as doenças e até aos limites da vida, enfrentando a própria morte.

Cipriano descreve que a vitória dos cristãos consiste em manterem-se firmes na fé perante os tormentos a que são sujeitos para os obrigarem a apostatar. Neste sentido, Cipriano anima os *milites Christi*, principalmente os mártires e os confessores, para lutar *in fide stabiles* (com firmeza na fé), *in dolore patientes* (pacientes nas dores), *in quaestione victores* (vencedores nas torturas)⁹⁹ porque, segundo a promessa do Senhor, da força e do mérito da fé, cada um receberá a ajuda de Deus na proporção da sua confiança. Como nada é impossível para o onipotente, os fracos e os frágeis na fé precisam de receber a sua ajuda¹⁰⁰. Nesta descrição percebemos que a vida cristã na época do autor é um verdadeiro combate espiritual, físico e também moral, que exige a força e a firmeza da fé para entregar a própria vida até à morte. Por isso, podemos dizer que, na época do autor, a fé traduz-se numa total entrega nas mãos de Deus.

Cipriano fundamenta também o combate cristão na força da fé batismal. Ele afirma que o combate é de quem “já começou a ser de Deus e de Cristo”¹⁰¹. Quem, pelo batismo começou a pertencer a Deus e a Cristo, deixa de pertencer ao mundo e aos seus “senhores”. Esta nova pertença espiritual tem consequências que não são apenas de ordem espiritual. Daí a imagem da luta do cristão, da fé entendida como combate em união com Cristo. Cristo está presente em qualquer lugar e em qualquer momento do combate do cristão, que tem a confiança na sua ajuda poderosa. E essa união é real e atual, fundamentada no sacramento do batismo e na Eucaristia. A esse respeito, o autor declara

⁹⁷ Cf. Cipriano, *Ad Fortunatum*, 2.

⁹⁸ Cf. Cipriano, *Epistola*, 10, II, 2.

⁹⁹ Cf. Cipriano, *Epistola*, 10, IV, 4.

¹⁰⁰ Cf. Cipriano, *Ad Fortunatum*, 5, X.

¹⁰¹ Cipriano, *De mortalitate*, 1.

que devemos conceder a comunhão não só aos que estão a morrer, mas aos vivos para fortalecê-los com a proteção do Corpo e de Sangue de Cristo. A Eucaristia é defesa para quem a recebe; e, por isso, aquele que luta contra o inimigo deve armar-se com este alimento divino¹⁰². Concluindo, o combate da fé dos cristãos é uma luta permanente em união com Cristo que tem origem no seu Batismo e é alimentada e fortalecida no sacramento da Eucaristia.

Por esta descrição, percebemos que Cipriano ajuda os seus *milites Christi* a manter uma fé viva e firme perante as dificuldades e as violências durante a perseguição e a doença. A fé é a arma principal dos cristãos para a luta diária. No seu tratado *de lapsis*, ele afirma: “peguei nas armas da devoção e da fé, mas, enquanto eu lutava no ataque, os vários sofrimentos e os longos suplícios venceram-me. A mente ficou firme e a fé forte, e minha alma lutou longamente contra as penas furiosas”¹⁰³. Ser cristão é combater todos os perigos da vida com a fé para que, na hora da morte, receba a coroa eterna no Reino de Deus. Para fundamentar a importância da fé no combate do cristão, Cipriano distingue duas realidades: o combate sem fé e o combate com fé.

a) O combate sem fé

Cipriano parte da experiência comum do género humano com ou sem fé, em que, para o bem ou para o mal, não são claras as diferenças. Lembra que “enquanto estivermos na mesma carne comum, segundo a lei do primeiro nascimento, e enquanto estivermos neste mundo, somos solidários com todo o género humano na mesma carne, distinguindo-nos no espírito”¹⁰⁴. O autor distingue uma vida sem fé e uma vida com fé em Cristo. Neste mundo o mal e o bem atingem a todos da mesma forma porque somos iguais na carne. Cipriano ilustra esta igualdade a partir de fenómenos do dia a dia:

«Assim, quando a terra se torna estéril e não produz frutos, a fome não distingue ninguém. O mesmo acontece quando uma cidade é dominada pela invasão do inimigo e o cativo pesa igualmente sobre todos os habitantes. Quando o céu sereno retém a chuva, a seca é uma só para todos. Quando um escolho fende o navio, o naufrágio é comum aos navegantes sem exceção. Do mesmo modo, a dor dos olhos, o ataque das febres e as

¹⁰² Cf. Cipriano, *Epistola*, 57, II, 2.

¹⁰³ Cipriano, *De lapsis*, 13.

¹⁰⁴ Cipriano, *De mortalitate*, 8 «Quid enim nobis in hoc mundo non commune cum ceteris, quamdiu adhuc secundum legem primae nativitatis manet caro ista communis? Quo ad usque istic in mundo sumus, cum genere humano carnis aequalitate conjungimur, spiritu separamur».

enfermidades de todos os membros são as mesmas para nós e para os outros, enquanto carregamos neste século esta mesma carne»¹⁰⁵.

Nesta comparação, partindo da experiência que neste mundo os homens *sem ou com fé* partilham os mesmos males (fomes, perseguições, secas, naufrágios), há que reconhecer que, da mesma maneira, a dor, as febres, as doenças e a epidemia, quando surgem neste mundo, atingem todos da mesma forma, quer a pessoa tenha ou não fé. Então, levanta-se a questão: em que se distinguem as pessoas que vivem sem fé das que têm fé? Cipriano, de forma indireta, designa a pessoa sem fé como o não cristão e a pessoa com fé como o cristão. Os não cristãos são os que permanecem no “primeiro nascimento”, os que lamentam as ansiedades da vida mortal pelo choro, pelo pranto, pelas fadigas e as tempestades do mundo¹⁰⁶; os cristãos são os renascidos pelo “segundo nascimento” que, pela santificação do batismo, chegam ao dom e à herança divinos¹⁰⁷. O autor suporta a diferença entre a pessoa que combate sem ou com fé na sua relação com o sacramento do batismo. Na prática distinguem-se pelas atitudes com que enfrentam esses combates.

A pessoa sem fé enfrenta o combate imposto pelas dificuldades e provas da vida presente com as seguintes características: encantada com a vida mundana, sem referência e sem sentido, de forma autorreferencial, vive no erro e não na confiança na força divina¹⁰⁸, queixa-se e murmura perante as adversidades¹⁰⁹. Combater sem fé é suportar os sofrimentos da vida terrena dependendo da força do corpo natural, o que torna a vida terrível porque os corpos físicos são fracos e têm limitações. É preciso a fé para contar também com a força divina, que nos leva a olhar para os sofrimentos como um momento propício para fortalecer a nossa fé¹¹⁰.

Quando o combate se faz sem fé, sem um objetivo final na vida, diante dos sofrimentos da vida, de momentos difíceis e inevitáveis que levam à morte, o homem fica amedrontado. Cipriano diz que “temer a morte é próprio de quem não quer ir para Cristo, de quem não crê que reinará com Ele”¹¹¹.

¹⁰⁵ Cipriano, *De mortalitate*, 8: «Sic cum fetu sterili terra jejuna est, neminem fames separat. Sic cum irruptione hostili civitas aliqua possessa est, omnes simul captivitas vastat. Et quando imbrem nubila serena suspendunt, omnibus siccitas una est. Et cum navem scopulosa saxa constringunt, navigantibus naufragium sine exceptione commune est. Et oculorum dolor et impetus febrium et omnium validudo membrorum cum ceteris communis est nobis, quamdiu portatur in seculo caro ista communis ».

¹⁰⁶ Cf. Cipriano, *De bono patientiae*, 12.

¹⁰⁷ Cf. Cipriano *De habitu virginum*, 23.

¹⁰⁸ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 1.

¹⁰⁹ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 13.

¹¹⁰ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 14.

¹¹¹ Cipriano, *De mortalitate*, 2 «Ejus est enim mortem timere, qui ad Christum nolit ire. Ejus est ad Christum nolle ire, qui se non credat cum Christo incipere regnare».

b). O combate com fé

É uma verdade absoluta que um dia todos morreremos. Para os cristãos, esta inevitabilidade da morte, ganha um novo significado à luz da oração cristã que proclama: «brilhou para nós a esperança da feliz ressurreição; e, se a certeza da morte nos entristece, conforta-nos a promessa da imortalidade» (Prefácio da Missa dos Mortos). Para os cristãos a morte não é a última palavra. Espera-os a vida eterna, a imortalidade, porque Cristo ao ressuscitar tem poder sobre a morte e oferece-lhes a vida imortal.

Cipriano entende a vida cristã como uma “milícia” ao serviço de Deus¹¹². Segundo ele, pertencer à “milícia” é estar preparados para o sofrimento do cárcere; armados para suportar a morte; resistir bravamente ao mundo; dar a Deus um espetáculo glorioso; dar exemplo aos irmãos que os seguem; recusar sacrifícios sacrílegos; ter a boca santificada pelo Corpo e Sangue do Senhor; rejeitar os contatos profanos e as relíquias dos ídolos; não temer perante os tormentos e as penas do corpo; renunciar ao mundo para permanecer firmes na fé¹¹³. Estas características refletem bem todas as dificuldades que os cristãos viveram na época do autor. Para Cipriano essas provações são necessárias para fortalecer a fé. Afirma que, quando não há perigo, a agitação da luta torna-se fraca e o combate nas adversidades é uma provação para a verdade¹¹⁴. A firmeza da fé é provada várias vezes nas situações difíceis ao longo da vida até se tornar cada vez mais forte e sair vitoriosa.

Esta concepção ajuda-nos a perceber a afirmação do autor: “já neste mundo, os *“militant Deo”* são colocados nos acampamentos celestiais, pois já vivem as realidades divinas”¹¹⁵. São colocados já no acampamento celeste porque os cristãos não combatem sozinhos, pois os acontecimentos do mundo são um anúncio da providência divina que faz com que tudo concorra segundo o plano de Deus, incluindo os males como a fome, as guerras, os terremotos e as pestes, que são sinais de que o Reino se aproxima, bem como o são igualmente os bens ou prémios dos que combatem¹¹⁶. O autor sublinha o *exemplum* de Job e de outras figuras bíblicas como Abraão, Tobias e o apóstolo Paulo, como modelos de lutadores com firmeza de fé. Servindo-se destas figuras e citando Paulo *“iustum fide vivere”* (Rm 1, 17), para reforçar a importância da fé na vida do *miles* cristão,

¹¹² Cipriano, *De mortalitate*, 2.

¹¹³ Cf. Cipriano, *De lapsis*, 2.

¹¹⁴ Cf. Cipriano, *De lapsis*, 12.

¹¹⁵ Cipriano, *De mortalitate*, 2.

¹¹⁶ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 2.

Cipriano afirma que “se és justo e vives da fé, se verdadeiramente crês em Deus, é segura a promessa do Senhor de que estarás com Cristo”¹¹⁷. Partindo daqui a morte é a “passagem” que o crente deve pagar com a luta da fé para alcançar Cristo e o seu Reino.

Efetivamente, *De mortalitate* concebe a morte como uma passagem para o Reino de Deus, mas esta passagem depende muito das atitudes das pessoas no combate da fé perante as tentações, das perseguições e das doenças que as podem afastar desse fim. Como não se sabe quando nem de que modo a morte chega, precisamos de combater todos os dias contra todos os momentos difíceis que podem pôr em causa a nossa entrada no Reino de Deus na hora da morte. Logo no início da obra apresenta então a firmeza da fé como um elemento fundamental, de modo que, os que assim combatem têm espírito calmo, forte e firme perante as violências deste mundo.

Para Cipriano há duas fontes onde receber essa força: a Palavra de Deus que se encontra nos livros divinos, e a pessoa de Jesus Cristo como servo de Deus¹¹⁸. Apresenta a Palavra de Deus como o guião do caminho e Jesus Cristo como o modelo a seguir no combate quotidiano em busca do Reino de Deus. Na sua obra *De Dominica oratione*, apresenta Cristo como o modelo a seguir neste combate porque o que Ele praticou e ensinou é a vontade de Deus. Afirma Cipriano que “a humildade na vida, a estabilidade na fé, a veracidade nas palavras, a justiça no agir, a misericórdia nas obras, é aderir inseparavelmente à sua caridade e unir-se à sua cruz com firmeza e fé. Lutar pelo seu nome e pela sua honra, é manifestar a constância na palavra que professamos; na tortura, é manifestar a firmeza com que combatemos e na morte é a paciência pela qual somos coroados. Isto é querer ser herdeiro com Cristo; isto é praticar o preceito de Deus; isto é cumprir a vontade do Pai¹¹⁹.”

O bispo de Cartago quer transmitir aos cristãos que a fé do cristão, que é a fé da Igreja, é importante no combate diário perante as perseguições, as tentações e as provações do mundo. Por isso, afirma que, se cremos em Cristo, se temos fé nas suas palavras e promessas, também não morreremos eternamente; caminhemos, pois, com alegria e tranquilidade em direção a Cristo com quem havemos de vencer e reinar para sempre¹²⁰.

¹¹⁷ Cipriano, *De mortalitate*, 3.

¹¹⁸ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 1.

¹¹⁹ Cf. Cipriano, *De Dominica oratione*, 15.

¹²⁰ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 21.

Para concluir, combater sem fé e combater com fé são estilos de vida que diferenciam a identidade de quem é cristão e de quem não o é.

1.2. O combate cristão e os seus inimigos

O mundo em que Cipriano viveu era marcado pela violência: violência de Estado, violência de um Império mantido pela força das armas, conflitualidade social num mundo profundamente desigual, violência em todas os setores da vida social: dos espetáculos à vida doméstica¹²¹. Se esta era a situação e condição normal da maioria dos habitantes do mundo romano, especialmente nas províncias africanas, era bem mais grave e “polémica” a condição dos cristãos. Estes viam-se, de facto, membros enjeitados de uma sociedade que os olhava como “inimigos” ou ameaça oculta.

Por outro lado, os próprios cristãos assumiam a sua opção de vida como um “combate da fé”. É, sobretudo, a este nível que Cipriano se coloca. Ele sabe que o cristão é, desde o batismo em que renunciou ao mundo e ao demónio, um *milites Christi* que deve lutar até à vitória. De facto, sem combate não há vitória. Combater contra tudo aquilo que os afaste de Deus e do seu Reino. Segundo Cipriano, para chegar após a morte ao Reino de Deus, que ele chama *paraíso*, temos de combater os inimigos que ele menciona na sua obra *De mortalitate*: o demónio (*diabolum*), os vícios da carne (*carnalibus uitiiis*) e as seduções do mundo (*saecularibus adsidua*)¹²². Estes três inimigos estão ligados uns aos outros fortemente de tal modo que combater contra o demónio é, ao mesmo tempo, combater os outros dois.

Aprofundando a intenção do autor, ao identificar esta corrente de três inimigos, começamos por abordar o combate quotidiano contra o *demónio*. Na igreja primitiva não encontramos facilmente uma reflexão sistemática sobre a natureza do demónio. Nunca, porém, se duvida da sua existência e da sua ação nefasta no homem e no mundo. Cipriano, homem prático e pouco dado a especulações, também não nos oferece uma demonologia acabada.

Pela imagem que Cipriano nos apresenta na sua obra percebemos a razão pela qual devemos combater o demónio todos os dias. De facto, o demónio aparece como o inimigo do *milites Christi*, que se opõe, de múltiplas formas, à vida virtuosa do cristão: incitando

¹²¹ Cf. Cipriano *Ad Donatum*, 7-10.

¹²² Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 4.

as perseguições ou expondo os crentes a múltiplas tentações na vida quotidiana¹²³. O diabo sente especial ódio por Cristo, devido ao facto de Este já o ter derrotado pela sua obra salvífica¹²⁴. Não admira que também os cristãos que renunciaram a seguir o diabo e que, pelo santo Batismo, se curaram do veneno recebido de Adão¹²⁵, recuperando a graça usurpada pelo diabo, sejam especialmente odiados pelo diabo e seus seguidores¹²⁶. O diabo, enquanto inimigo interno (tentações) e externo (mundo perseguidor e sedutor) ao homem, procura por todos os meios a sua ruína. Desde o pecado de Adão que assim é¹²⁷. A ação do diabo caracteriza-se por ser constante na sua funesta e maligna ação, usando do seu “velho engenho e malícia”¹²⁸. A sua “velhice” assegura-lhe experiência e conhecimentos de sobra para prejudicar o homem¹²⁹. Por isso, usa de todas as táticas para vender o crente.

Podemos dizer que o estilo de vida sugerida pelo demónio passa por ornamentar-se com uma vida de maior luxo, viver com mais liberdades, não aceitar um estilo de vida sugerido por Jesus Cristo, o que implica enfrentar sacrifícios, humilhações, sofrimentos, perseguições e a morte para defender a verdade e a fé. Por isso, Cipriano pede que se combata contra o demónio todos os dias, combatendo o estilo de vida que afaste de Deus e de alcançar o paraíso. De tal modo é importante que o autor começa por fazer a seguinte pergunta: “*quid aliud in mundo quam pugna adversus diabulum cotidie geritur*”¹³⁰ O que há no mundo senão o combate quotidiano que se trava contra o demónio e as lutas assíduas contra os seus aguilhões e flechas? Para ele, o espírito do crente é cercado, perseguido e oprimido pelo demónio por todos os lados pelo que o homem dificilmente percebe cada um dos seus golpes e custa-lhe resistir¹³¹.

Ao referir o *diabolum*, o autor fala-nos do combate quotidiano contra os nossos vícios da carne diante das seduções do mundo como a *avaritia* (avareza), a *inpudicitia* (impureza), a *ira* (ira) e a *ambitione* (ambição)¹³². Diz ainda: “se a avareza é abatida,

¹²³ Cf. Cipriano, *De bono patientiae* 12; *De catholicae Ecclesiae unitate*, 1; *De habitu virginum*, 20; José Capmany, *Miles Christi en la spiritualidad de san Cipriano*, edutorial casulleras, Barcelona 1956, 225-281.

¹²⁴ Cf. Cipriano, *Epistola*, 59, VI, 2.

¹²⁵ Cipriano, *Epistola*, 69, XV, 1.

¹²⁶ Cf. Cipriano, *De bono patientiae*, 12.

¹²⁷ Cf. Cipriano *Ad Fortunatum*, 2; *Ad Donatum*, 5; *De habitu virginum*, 3; *De zelo et livore*, 1,2; *Epistola*, 4,2; 43,3.6.

¹²⁸ Cipriano, *De bono patientiae*, 18

¹²⁹ Cf. Cipriano, *Ad Fortunatum*, 2.

¹³⁰ Cipriano, *De mortalitate*, 4.

¹³¹ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 4.

¹³² Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 4.

levanta-se a l bido; se a l bido   dominada, surge a ambi o; se   desprezada a ambi o, a ira exaspera, e o ciúme destrói a amizade. Cai-se na maldi o que e a lei divina nos proíbe.  s obrigado então a jurar e isso não   lícito”¹³³.

Noutra obra, o autor também refere a presença do dem nio na ambi o de uma pessoa se tornar rica e na cobiça. Segundo ele, as pessoas que ambicionam tornar-se ricas caem nas armadilhas do dem nio e em muitos desejos insensatos e nocivos, que precipitam os homens no abismo da ruína da perdi o. Porque a raiz de todos os males   o amor ao dinheiro¹³⁴. Viver na riqueza e na cobiça também pode desviar da fé em Deus, confiando mais no poder das riquezas. O autor não se opõe a alguém de ser rico e ter riquezas, mas adverte que a pessoa não se salva pela sua riqueza, mas   salva pela fé em Deus.

Cipriano pede aos fiéis da sua comunidade que, no combate de todos os dias contra essas sedu oes e estilo de vida, cresçam no desejo de ver Cristo. Essa   uma alegria fundamental, pois, alegrar-se   ver Cristo e não pode haver alegria maior para nós do que a de ver Cristo¹³⁵.   viver seguindo a Escritura divina no serviço de Deus. O cristão vive neste mundo como filho de Deus e ao serviço de Deus permanecendo na justiça, sendo firme perante as tenta oes e sendo paciente. Diz ele: “Só firme nas dores e nas humilha oes e tem paciência, porque o ouro e a prata são provados pelo fogo, mas o homem por meio das humilha oes (cf. Ec 2,4-5). O autor indica as armas para combater o dem nio: f  firme, humildade e paciência.   esse o estilo de vida que o próprio Jesus Cristo deixou aos cristãos. Ser seguidor de Cristo   assumir o estilo de vida do próprio Cristo.

1.3. O combate cristão e a paciência

Contra o assédio do diabo, o cristão dispõe de uma série de “armas” que são fundamentalmente as virtudes com a fé em primeiro lugar. Já São Paulo tinha apresentado a fé como um “escudo que protege o crente dos dardos do inimigo” (cf. Ef 6, 17)¹³⁶. Segundo Cipriano, a fé no combate garante a vitória e a coroa¹³⁷. A par da fé aparece a

¹³³ Cipriano, *De mortalitate*, 4.

¹³⁴ Cf. Cipriano, *De lapsis*, 12.

¹³⁵ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 5.

¹³⁶ Cf. Cipriano, *Epistola*, 58, VIII, 3.

¹³⁷ Cf. Cipriano, *Epistola* 10, 4; cf. *Ad Fortunatum*, 11; cf. José Capmany, *Miles Christi*, 313.

virtude da fortaleza (*fides et virtus*)¹³⁸. Mas em todo o tipo de lutas, a paciência é tão importante como a fé e a fortaleza. Não é por acaso que dedica uma obra a esta virtude: *De bono patientiae*. Cipriano sublinha na sua obra, resumidamente, as três virtudes que são essenciais para o combate dos *milites Christi*, porque a fé favorece a alma e dá as disposições úteis para o combate contra o pecado; a fortaleza ajuda a afirmar a decisão de ser fiel a Deus e a paciência suporta com integridade todos os ataques e os incômodos do inimigo, fixando os olhos na providência divina, que ordena tudo para o prémio da vitória¹³⁹. Vamos centrar-nos na virtude da paciência pela sua importância na luta dos *milites Christi*, o motivo pelo qual o autor coloca a paciência como uma arma de combate quotidiano dos cristãos para alcançar o objetivo maior da vida, a vida para além da morte.

A etimologia da palavra paciência é latina, *patientia*, do verbo *pati*, que significa a ação de sofrer e de suportar. Segundo esta etimologia, podemos entender que a paciência é uma atitude voluntária de uma pessoa para suportar os sofrimentos e as dificuldades que surgem na vida em vista a alcançar algo maior. Cipriano dá muita importância à paciência no combate quotidiano, nas humilhações diante dos sofrimentos e perseguições. Ser humilde significa não murmurar na adversidade, mas aceitar com paciência tudo o que acontece no mundo¹⁴⁰. A humildade é uma força que nos leva à união com Deus diante dos sofrimentos. Quem não tem humildade dificilmente se une a Deus porque murmura contra Deus perante as provas e sofrimentos. Sobre este pensamento, o autor recorda como o povo judeu pecava, murmurando frequentemente contra Deus. Desse exemplo, Cipriano exorta os cristãos da sua comunidade: “não se deve murmurar na adversidade, mas suportar com paciência e coragem tudo o que acontecer, pois está escrito: “sacrifício agradável a Deus é um espírito atribulado; Deus não despreza um coração contrito e humilhado”¹⁴¹. Ser humilde e paciente não é atitude de fracos, mas de fortes na fé em Cristo e fortes na sua convicção de que com essas virtudes sairão vitoriosos perante as perseguições, os sofrimentos e as doenças que causam a morte.

A partir desta reflexão, o autor quer transmitir a ideia de que o cristão é um simples peregrino neste mundo a caminho da pátria verdadeira, o “paraíso”, seguindo Cristo como modelo do peregrino. Na sua obra *De bono patientiae*, apresenta a *paciência cristã* como

¹³⁸ Cf. Cipriano, *Epistola* 58, VIII, 1; cf. José Capmany, *Miles Christi*, 313.

¹³⁹ Cf. Cipriano *Ad Demitrianum*, 20; Cf. José Capmany, *Miles Christi*, 322.

¹⁴⁰ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 11.

¹⁴¹ Cipriano, *De mortalitate*, 11 «Murmurandum non est in adversis, fratres dilectissimi, sed patienter et fortiter quidquid acciderit sustinendum, cum scriptum sit: *Sacrificium Deo spiritus contribulatus, cor contritum et humiliatum Deus non despicit* (Sl 50, 19)».

uma arma especial para o combate dos cristãos nos caminhos do mundo. A paciência é um bem de Deus e ser paciente é ser um imitador de Deus, “*imitator Dei Patris*”¹⁴². De Deus, Senhor e Pai, deve imitar-se a paciência, pois cabe aos servos ser obedientes ao seu Senhor, e não convém aos filhos serem degenerados em relação ao seu Pai¹⁴³. Ser imitadores de Deus no combate diário é seguir o exemplo e o ensinamento de Jesus: “Eu, porém, digo-vos: Amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem, para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus, que faz o sol levantar-se sobre os bons e os maus, e faz chover sobre os justos e os injustos” (Mt 5, 44). A paciência cristã predispõe-nos para amar o próximo e amar os inimigos como Jesus.

O autor afirma ainda que imitar Cristo na paciência é participar na sua paixão¹⁴⁴. Convida os cristãos a viver com paciência os sofrimentos causados pelas doenças e perseguições por causa da sua fé porque é uma maneira de os cristãos viverem e participarem no mistério da paixão e ressurreição de Cristo.

Cipriano conclui exortando os cristãos a permanecerem firmes na fé diante dos sofrimentos e perseguições, trabalhando e observando os preceitos do Senhor, vigilantes e inabaláveis no sofrimento; a fim de que não sejam castigados como os ímpios e pecadores, quando vier o dia da ira divina, mas que glorifiquem eternamente a Deus com os justos¹⁴⁵. Este apelo reforça o valor da paciência como arma fundamental para obter a vitória da salvação.

Depois de refletir sobre o “combate da fé”, coloca-se a questão: Qual é a finalidade de sofrer e até de morrer, se existem outras possibilidades, tendo em conta o valor superior da vida humana?

Em primeiro lugar, é precisamente porque a vida tem um valor incalculável que Cristo “deu a vida por nós”. O que leva o crente a *dar a vida* pela *causa* de Cristo, para, em Cristo, continuar a viver eternamente. Sob o Imperador Cómodo (161-191), entre o Procônsul e o mártir Apolônio, trava-se o seguinte diálogo elucidativo:

«- Tens gosto em morrer, Apolônio?

Apolônio respondeu:

¹⁴² Cipriano, *De bono patientiae*, 5.

¹⁴³ Cf. Cipriano, *De bono patientiae*, 3.

¹⁴⁴ Cf. Cipriano, *De bono patientiae*, 7.

¹⁴⁵ Cf. Cipriano, *De bono patientiae*, 24.

- Eu gosto de viver, mas é só por amor à vida que não temo realmente a morte; não existe, sem dúvida, nada mais precioso do que a vida, mas da vida eterna que é imortalidade da alma para quem viveu bem nesta vida terrena»¹⁴⁶.

O preceito de Jesus, “*quem quiser salvar a sua vida, há de perdê-la, mas quem perder a sua vida por minha causa, ganhá-la-á*” (Mt 16,25) está bem presente na mente do crente que dá testemunho de Jesus. A vida em Cristo não é desvalorizada, mas, pelo contrário, revalorizada na perspectiva da vida eterna.

A partir daqui o combate da fé é um “combate pela vida”. E só há uma forma de “ganhar” ou vencer: travar o combate de onde se sai vitorioso ou é vencido:

«Na verdade, não pode haver vitória sem que tenha havido combate. Mas se houver vitória, então será dada a coroa aos vencedores. É na procela que se conhece o piloto, é no combate que se prova o soldado. Quando não há perigo, é fraca a agitação da luta. O combate nas adversidades é uma provação para a verdade. A árvore que tem raízes profundas não é abatida pelos ventos; a nau bem construída é agitada pelas ondas, mas não é perfurada. E quando na eira se debulha a colheita, o grão forte e robusto zomba do vento, enquanto as palhas sem força são levadas pela aragem»¹⁴⁷.

Nestas sugestivas alegorias, Cipriano insiste que o combate contribui para que os cristãos se fortaleçam na fé e deem prova dela. Perante as provas as raízes aprofundam-se e preparam-se para resistir contra “os ventos e as ondas” do inimigo. A fé profunda e forte torna o cristão obediente a Deus e, no combate final da vida, sairá vitorioso e herdará o reino de Deus, o “paraíso”.

¹⁴⁶ *Martírio de Apolónio*, 30 (D. RUIZ BUENO, *Acta de los Mártires*, BAC 75, Madrid 1987, 69).

¹⁴⁷ Cipriano, *De mortalitate*, 12: «Nisi praecesserit pugna, non potest esse victoria. Cum fuerit in pugnae congressione victoria, tunc datur vincentibus et corona. Navis gubernator in tempestate dignoscitur, in acie miles probatur. Delicata jactatio est, cum periculum non est. Conflictatio in adversis probatio est veritatis. Arbor, quae alta radice fundata est, ventis incumbentibus non movetur; et navis, quae forti compage solida est, pulsatur fluctibus, nec foratur; et quando area fruges terit, ventos grana fortia et robusta contemnunt, inanes paleae flatu portante rapiuntur».

2. A morte e o martírio

Na terceira parte do primeiro capítulo deste trabalho, refletimos sobre o significado do martírio na era dos mártires. Isso ajuda-nos a perceber que a morte é comum a todas as pessoas, mas o martírio não é para todos porque a morte de um mártir é uma entrega total por algo maior e nem todos têm a capacidade de abraçar esta atitude heroica. Nesta parte, prestamos atenção àquilo que Cipriano afirma sobre o martírio na sua obra *De mortalitate*, no número 17, mas também veremos qual o seu pensamento no conjunto das outras obras. Numa leitura atenta desse número, podemos notar que para ele a morte pelo martírio é *um dom de Deus*, que não depende do nosso poder, um desejo intenso de *imitar Cristo* para alcançar a perfeição da vida cristã.

2.1. A morte pelo martírio como vocação e dom

Este tema faz referência ao tempo dos primeiros mártires. No martírio de São Policarpo ou de São Justino já se ensinava que o cristão “não pode expor-se ao martírio”¹⁴⁸ sem considerar que não se trata de uma escolha ou conquista mas de uma vocação e dom. Longe de ser um ato heroico, mérito da *virtus* humana, é uma dádiva de Deus que permite aos seus eleitos participar na paixão de Cristo.

Perante o lamento de alguns cristãos desiludidos com a iminência de uma morte inglória, provocada pela peste, em vez da palma gloriosa do martírio a que muitos aspiravam, Cipriano retoma a sabedoria da Igreja para esclarecer o equívoco:

«Antes de tudo, o martírio não está em teu poder, mas trata-se de um dom de Deus. Portanto, não podes dizer que perdeste o que nem sabes se merecerás receber... uma coisa é faltar disposição para o martírio, outra é ter faltado o martírio quando havia disposição... e todo aquele que for encontrado fiel, justo e digno de louvor será reunido ao seu convívio»¹⁴⁹.

O martírio não está destinado a todos, mas só a alguns, mas Deus penetra o coração e as entranhas, vê e conhece as coisas ocultas, contempla e louva, prova e examina atentamente a virtude que em cada um está preparada e dar-lhe-á a recompensa¹⁵⁰. O martírio é um dom de Deus oferecido àqueles que têm a capacidade de o acolher e dizer

¹⁴⁸ *Martírio de Policarpo*, IV; Justino, *II Apol.* XII, 1-2,5; XV,3.

¹⁴⁹ Cipriano, *De mortalitate*, 17: «Primo in loco non est in tua potestate sed in Dei dignatione martyrrium, nec potes te dicere perdidisse, quod nescis an merearis accipere... Aliud est martyrrio animum deesse, aliud animo defuisse martyrrium... ad quorum convivium congregatur quisquis fidelis et justus et laudabilis invenitur».

¹⁵⁰ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 17.

sim em liberdade. Cipriano anima os cristãos da sua comunidade a cultivarem em si essa mesma disposição dos mártires, dizendo sim à vontade de Deus nas suas vidas porque, como conclui, quando os seus servos concebem no espírito o martírio, essa disposição será coroada pelo próprio Deus¹⁵¹. É um ato de maior prova de amor, de fidelidade e de justiça perante a iniciativa de Deus.

Por isso, o pastor apela a que ninguém desonre a dignidade dos mártires, nem destrua a sua coroa de glória porque a força da sua fé é intacta e não podem dizer ou fazer algo contra Cristo, dado que a esperança, a fé, a virtude e a glória está toda em Cristo¹⁵². Enquanto *dom*, requer uma resposta total e fiel por parte do crente porque implica enfrentar muitos desafios e sofrimentos. A chave do martírio está pois na vontade de Deus. Mas o que é a vontade de Deus segundo o autor?

Cipriano sublinha que a vontade de Deus é fundamentalmente esta: a nossa salvação, a vida após a morte. Se Deus quer a nossa salvação, não devemos ter outra escolha, mas submetemos a nossa vontade à vontade de Deus, sempre presente na nossa vida e ocupando o primeiro lugar¹⁵³. Se Deus quer o nosso bem, por que motivo não colaboramos com Ele?

«É verdadeiramente estranho e contraditório pedirmos que seja feita a vontade de Deus e não obedecermos imediatamente quando vem chamar-nos e retirar-nos deste mundo. Resistimos e relutamos como servos rebeldes e somos levados à face de Deus com tristeza e temor, saindo do mundo acorrentados à irresistível lei da natureza e não pela complacente entrega da vontade livre. E ainda queremos receber o prémio celeste das mãos daquele a quem só chegamos constrangidos»¹⁵⁴.

A oração do Pai-Nosso, ensinada pelo próprio Jesus, é fundamental na vida do cristão. Nesta oração, o cristão pede que seja feita a vontade de Deus, não a sua própria vontade. Cipriano interpela: porque é que oramos e pedimos que venha a nós o Reino dos céus se nos agrada o cativo da terra? Porque é que rogamos, insistentemente, em preces repetidas que se apressem os dias do Reino, se os nossos maiores desejos e votos são, antes, servir nesta terra ao diabo que reinar com Cristo?¹⁵⁵ São perguntas que conduzem

¹⁵¹ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 17.

¹⁵² Cf. Cipriano, *De lapsis*, 20.

¹⁵³ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 18.

¹⁵⁴ Cipriano, *De mortalitate*, 18: «Quam praeposterum est quamque perversum, ut cum Dei voluntatem fieri postulemus, quando evocat nos et accersit de hoc mundo Deus, non statim voluntatis ejus imperio pareamus. Obnitimur et reluctamur, et pervicacium more servorum ad conspectum Domini cum tristitia et moerore perducimur, exeuntes istinc necessitatis vinculo, non obsequio voluntatis, et volumus ab eo praemiis coelestibus honorari, ad quem venimus inviti».

¹⁵⁵ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 18.

à razão por que se deve submeter a própria vontade à vontade de Deus. Pede aos cristãos que sejam coerentes com aquilo que se pede na oração.

Por isso, se o martírio é a vontade de Deus para nós, não temos outra escolha senão entregar-nos a Deus e dispormo-nos a que aconteça. O seu amor é maior do que todos os sofrimentos e as provas deste mundo; perseguições, sofrimentos, doenças e morte, vividas segundo a sua vontade, garantem-nos o prémio da vitória.

No contexto provocado pela mortandade da peste, Cipriano aplica a experiência do martírio à experiência da morte, em geral, experimentada por todos os demais crentes. Neste sentido, fala da morte como “o dia do chamamento” para ir ao encontro do Senhor que chama¹⁵⁶.

2.2. O martírio como imitação de Cristo

Ser cristão é identificar-se com Cristo, imitá-LO em todos os aspetos da vida, incluindo morrer como mártir, o ato mais sublime da imitação daquele que também morreu por amor. Jesus disse: “Se alguém quiser seguir-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16, 24; Mc 8, 34; Lc 9, 23). Ser mártir é seguir Jesus pelo caminho da cruz. Imita-se a Cristo no martírio porque se está n’Ele. Acerca desta imitação, Cipriano afirma: “*in Christo sumus, si ipsum induimus, si ipse est salutis nostrae, qui Christum uestigiis salutaribus*”¹⁵⁷. Se estamos em Cristo, se d’Ele nos revestimos, se Ele é o caminho da nossa salvação, então seguimos o seu exemplo. Todo o mérito do martírio é atribuído a Cristo porque é o próprio Cristo que vive no mártir. Onde quer que o mártir seja chamado a lutar, tem confiança na presença contínua de Cristo, “*qui dicit se in Christo manere debet quomodo ille ambulavit et ipse ambulare*” (1Jo 2, 6).

Cipriano sustenta que a morte pelo martírio estabelece uma união real e atual entre Jesus Cristo e o mártir. Esta união funda-se nos sacramentos do Batismo e da Eucaristia. No Batismo, o cristão é incorporado com Cristo na sua luta; na Eucaristia, é unido com Cristo na sua luta. Numa das suas cartas Cipriano diz que devemos armar-nos com a força do alimento do Corpo do Senhor contra o inimigo da nossa luta¹⁵⁸. Através do sacramento

¹⁵⁶ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 24.

¹⁵⁷ Cipriano, *De bono patientiae*, 9.

¹⁵⁸ Cf. Cipriano, *Epistola*, 57, III, 2.

da Eucaristia Cristo atua no mártir de maneira misteriosa e oferece-lhe toda a força que necessita para o combate perante as perseguições e os sofrimentos.

Cipriano exorta os cristãos para que não temam os sofrimentos e a morte. Antes, devem alegrar-se por terem sido considerados dignos de participar no sofrimento do Senhor e poder imitá-lo¹⁵⁹. E noutra carta afirma que o condenado não deve ficar triste ou abatido, mas deve alegrar-se porque foi considerado digno de ser capaz de se identificar com Cristo nos seus sofrimentos e de segui-lo no caminho que o leva ao Céu, onde receberá a felicidade sem fim e o prémio eterno¹⁶⁰. Imitar Cristo na morte conduz à perfeição da vida cristã e à vida plena com Cristo no seu Reino.

Concluindo, podemos dizer que a morte pelo martírio é um dom que vem de Deus e que é aceite porque imitação de Jesus e prova de fidelidade do cristão à profissão da sua fé. Viver o martírio dessa forma é submeter-se à vontade de Deus, que quer a salvação do homem, e alcançar a perfeição da vida cristã que tanto se deseja. Por isso, diz Cipriano que “*Primus cum centeno martyrum fructus est, secundus sexagenarius vester est*”¹⁶¹. O primeiro fruto dos mártires é de cem por um e o segundo é de sessenta por um. Considera-se, assim, que o martírio constitui a “colheita” máxima produzida pelo dom da vida concedida por Deus. Ser mártir é dar muitos frutos de vida cristã, é dar o verdadeiro testemunho de vida cristã levada até às últimas consequências. Não é apenas uma dedicação altruísta nas pequenas coisas do dia a dia, mas é um testemunho único que subentende todas as virtudes da vida cristã. É o ato mais glorioso que os cristãos podem realizar nesta terra, o ponto mais alto a que o cristão pode chegar.

¹⁵⁹ Cf. Cipriano, *Epistola*, 58, III, 1-2.

¹⁶⁰ Cf. Cipriano, *Epistola*, 76, VII, 2.

¹⁶¹ Cipriano, *De habitum virginum*, 21.

3. Os “bens” da morte

Se ainda hoje o senso comum encara a morte como um grande mal e como a maior perda, na antiguidade o homem pensava que nada era de esperar depois da morte. Por isso, ela era o grande fim de todos os bens, o maior dos quais é a vida¹⁶².

O terror da morte torna-se, em qualquer caso, muito mais forte e tenebroso em tempo de peste, em que a morte ameaça bater à porta de qualquer um sem aviso nem motivo. Em tal contexto, a reação dos cristãos podia não se distinguir muito da dos pagãos. Todos viam na morte uma terrível ameaça, que Cipriano descreve como *horribilis et feralis*, e que põe à prova a justiça de cada um e examina as intenções das pessoas, isto é, se os bons ajudam os doentes, se os parentes amam verdadeiramente os familiares, se os senhores têm piedade dos servos enfermos, se os médicos não abandonam os doentes¹⁶³. O bispo de Cartago, vendo-se também na mesma situação e não sabendo ser indiferente aos clamores do seu povo, escreve o *De mortalitate* precisamente para interferir nesta situação e alterar o estado de ânimo dos seus fiéis.

Tentaremos perceber como Cipriano tenta tirar benefícios de uma situação tão nefasta para todos, mas que vinha por à prova a “retidão” (*iustitia*) de cada um: “quão útil, quão vantajosa, irmãos, quão necessário que esta peste contagiosa, que nos parece tão horrível e mortífera, ponha à prova a retidão de cada um e distinga as intenções dos homens”¹⁶⁴.

Ele não mencionou explicitamente os bens da morte na sua obra *De mortalitate*, mas numa leitura atenta podemos sublinhar algumas razões pelas quais devemos olhar para a morte como um bem, ou antes, vários bens para a vivência cristã.

3.1 A morte como libertação

Face à experiência de peregrinação neste mundo, marcada por limitações à plena realização do projeto de Deus em relação ao homem, a morte aparece como um “êxodo” libertador. Cipriano afirma: “*multi ex nostris in hac mortalitate moriuntur, hoc est multi ex nostris de saeculo liberantur de saeculo*”¹⁶⁵. Pede aos cristãos para não olhar a morte

¹⁶² Cf. Isidro Lamelas, *Estudo complementar*, in *A Diogneto* (edição Bilingue), Lisboa 2001, 151.

¹⁶³ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 16.

¹⁶⁴ Cipriano, *De mortalitate*, 16 «quam pertinens, quam necessarium, quod pestis ista et lues, quae horribilis et feralis videtur, explorat justitiam singulorum, et mentes humani generis examinat».

¹⁶⁵ Cipriano, *De mortalitate*, 15.

como os judeus e os pagãos, mas pede para que se considere a morte como um bem porque é uma libertação deste mundo para a vida eterna. Ao morrer, os cristãos são libertados das aflições deste mundo, da epidemia, de outras doenças e da perseguição deste mundo. O cristão enfrenta a morte com uma atitude diferente da do pagão, do judeu ou dos inimigos de Cristo, pois, os servos de Deus consideram a morte como uma partida salvadora para a vida eterna¹⁶⁶.

Num tempo em que a comunidade é perseguida por motivos políticos e religiosos, e ameaçada por perigos como as doenças causadas pela epidemia, o significado da palavra libertação, que autor quer transmitir, encontra-se no seguinte texto:

«O próprio Cristo, Mestre da nossa salvação e do nosso bem, mostra quanto convém sair do século. Pois quando os seus discípulos se entristeceram ao anunciar-lhes que tinha de partir, falou-lhes dizendo: “Se me amásseis, ficaríeis certamente alegres, porque vou para o Pai”. Desta maneira ensinou e mostrou que a partida dos entes amados deste mundo é antes ocasião de alegria que de tristeza»¹⁶⁷.

Ensina à comunidade que a morte não deve ser temida e não deve ser vista como uma perda porque a morte pelo sofrimento liberta o cristão do *século*, o que é conveniente, para que o cristão esteja com Cristo junto do Pai. Encontrar-se com Cristo é o motivo principal da luta dos cristãos neste mundo. Por isso, diz Cipriano, “não há alegria maior do que a de ver Cristo”¹⁶⁸. O autor coloca-se estas questões: Que sentido tem a vida, se se vive a alegria accidental oferecida por este mundo, renunciando à fé em Deus que oferece a alegria que nunca nos poderá ser tirada? Que sentido tem ser incrédulo e rejeitar a verdadeira alegria em Deus e desconhecer a Deus por completo? Isto é ofender Cristo, Mestre de quem crê, com o pecado da incredulidade! Isto é estar na igreja e não ter fé dentro da própria morada da fé¹⁶⁹.

Neste mundo todos têm medo de morrer, mas aos cristãos ele deixa claro que não devem ter medo de morrer porque renasceram pela água e pelo Espírito; participam na cruz e na paixão de Cristo¹⁷⁰. É pelo Batismo e pela participação no mistério pascal que os cristãos são libertados deste mundo. Por isso, a sua comunidade não deve entristecer-

¹⁶⁶ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 15.

¹⁶⁷ Cipriano, *De mortalitate*, 7: «Quantum prosit exire de seculo, Christus ipse salutis atque utilitatis nostrae magister ostendit; qui cum discipuli ejus contristarentur, quod se jam diceret recessurum, locutus est ad eos dicens: *Si me dilexissetis, gauderetis utique, quoniam vado ad Patrem* (Jo 14, 28), docens scilicet et ostendens, cum cari quos diligimus de seculo exeunt, gaudendum potius quam dolendum».

¹⁶⁸ Cipriano, *De mortalitate*, 5.

¹⁶⁹ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 6.

¹⁷⁰ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 14.

se com a partida dos entes queridos deste mundo, mas encará-la como uma ocasião de alegria, como antes refere. Ao transmitir este pensamento, Cipriano apresenta o exemplo do apóstolo Paulo e cita-o: “Para mim, viver é Cristo, e morrer é lucro” (Fl 1, 21). A morte é um lucro porque, ao morrer, o cristão já não está preso pelos laços deste mundo, nem sujeito aos pecados e vícios da carne, mas está isento de torturas e angústias e livre dos venenosos hálitos do diabo e passa a viver na alegria eterna do próprio Cristo que o chama¹⁷¹. A morte liberta o cristão da escravidão do mundo e oferece a alegria sem fim.

O autor compara a morte com os fenómenos deste mundo como a terra estéril, a chuva, o sol, uma cidade conquistada pelo inimigo e as doenças causadas pela epidemia. A terra estéril não produz frutos e provoca a fome que não distingue ninguém. O céu sereno retém a chuva e a seca é uma só para todos. A cidade conquistada pelos inimigos implica o cativo que pesa igualmente sobre todos os habitantes. As doenças causadas pela epidemia e as febres também são uma ameaça para todos enquanto ainda estamos neste *século*¹⁷². O autor compara a morte com estes fenómenos para tornar mais eficaz a sua mensagem, partindo de realidades concretas da vida das pessoas e comuns a todos, cristãos e gentios.

Ao levar a pessoa para a vida eterna, a morte passa a ser entendida como uma passagem. É, por isso, que a morte é uma libertação e um bem.

3.2. A morte como porta de passagem para a vida eterna

O pensamento geral do primeiro capítulo é que existe outra vida depois da passagem da vida terrena. Não queremos que a vida acabe neste mundo e, por isso, combatemos todos os dias para ter outra vida para além desta: a vida eterna. Vimos também que a vida eterna depende do combate quotidiano nesta vida terrena, e que é alcançada por quem sair vitorioso perante as tentações do mundo. Finalmente, a morte é um bem porque liberta a pessoa dos laços do mundo.

Agora vamos refletir sobre outro bem da morte, que é ser uma passagem para outra vida. Ao morrer, o cristão é libertado dos males do mundo e recebe o maior prémio, que é a vida eterna, pelo qual lutou nesta vida terrena. Que pretende o autor ao falar sobre esta passagem para a vida eterna?

¹⁷¹ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 7.

¹⁷² Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 8.

Na obra *De mortalitate* afirma que “Se cremos em Cristo, se temos fé nas suas palavras e promessas, também não morreremos eternamente; caminhemos, pois, com alegria e tranquilidade em direção a Cristo, com quem havemos de vencer e reinar para sempre”¹⁷³. Esta afirmação tem por base a mensagem de Cristo: “Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre” (Jo 11, 25-26). Pela fé professada e vivida, com plena identificação com Cristo, o cristão prepara-se com confiança para a imortalidade. Assim, Cipriano afirma que a morte já não é o fim, mas uma *transitus* e *transgressus* para *vita aeterna*, depois de percorrido o caminho do tempo¹⁷⁴, isto é, o caminho da vida neste mundo.

No combate deste mundo encontramos dois grupos de cristãos: os perseverantes na fé e os renunciam a sua fé perante as perseguições e as intimidações do mundo. Só aos perseverantes, afirma com clareza o autor em outra obra, é concedida a imortalidade, a vida eterna¹⁷⁵. A fidelidade à fé até à morte é uma condição indispensável.

Por isso, é a morte que possibilita a obtenção de tão grande bem: passar da vida mortal para a vida imortal que se vive na pátria celeste.

3.3. A morte como ingresso na pátria celeste

Depois de refletir sobre os bens da morte enquanto libertação e passagem da vida mortal à imortal, vamos agora refletir sobre outro bem: a morte como um regresso à pátria celeste. Significa regressar à origem, à verdadeira pátria dos cristãos. O conceito “pátria” refere-se concretamente, em ambiente cristão, ao Reino de Deus.

Sobre este regresso do cristão à pátria celeste depois da morte, Cipriano cita a pregação de Paulo aos cristãos de Filipos: “a cidade a que pertencemos está nos céus, de onde certamente esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo. Ele transfigurará o nosso pobre corpo, conformando-o ao seu corpo glorioso” (Fl 3, 20-21). Para os cristãos, identificados com Cristo, o seu reino não é deste mundo, mas o seu verdadeiro reino é a pátria celeste. E trata-se de um regresso porque o cristão neste mundo com o Batismo já pertence à pátria celeste, embora ainda não viva como habitante dela.

¹⁷³ Cipriano, *De mortalitate*, 21.

¹⁷⁴ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 22.

¹⁷⁵ Cf. Cipriano, *De habitu virginum*, 21.

Pergunta o autor: “Se o mundo odeia o cristão, porque amas o que te odeia e não preferes seguir Cristo, que te redimiu e amou?”¹⁷⁶ O mundo em que vivemos, marcado pelo ódio e ofensa das coisas celestes, é bem diferente da pátria celeste. O cristão não pertence definitivamente a este mundo. Cipriano exorta a que os cristãos vivam neste mundo, mas sem o amarem e se apegarem a ele, seguindo os desejos carnis. Fundamenta-se na passagem da carta de São João que diz “não ameis o mundo, nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo - a concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e o estilo de vida orgulhoso - não vem do Pai, mas sim do mundo. Ora, o mundo passa e também as suas concupiscências, mas quem faz vontade de Deus permanece para sempre (1Jo 2, 15-17).

Ao citar a carta de S. João, Cipriano indica o perigo do cristão se deixar atrair pelos encantos enganosos e vãos do mundo, que não correspondem à vontade do Pai, para que permaneça e alcance a pátria celeste. Quem amar o mundo, pertencerá a este mundo terreno e morrerá na concupiscência da carne, dos olhos, da ambição e do orgulho. A concupiscência é do mundo terreno; a nossa vida cristã é vida em Cristo que não pertence a este mundo e não termina neste mundo. Deve amar-se a Deus porque Ele nos amou, ama a todos, e assim permanecer eternamente com Ele na pátria celeste quando chegar a hora da morte.

Ele afirma que amar a Deus é seguir a vontade de Deus com a mente inteira, a fé firme e a virtude sólida, de modo que não se afaste do cristão o temor da morte, e pense unicamente na imortalidade que se lhe seguirá. De modo que não se lamente a morte dos familiares, nem se hesite quando chegar o dia da chamada, mas cada um aceite de bom grado o convite do Senhor¹⁷⁷. Um convite a regressar e habitar na pátria celeste, a sua verdadeira pátria.

O bispo de Cartago apela ainda à sua comunidade para que acredite e seja de facto aquilo em que acredita e sublinha que os cristãos devem cultivar e viver as atitudes que são coerentes com as atitudes dos habitantes da pátria celeste, mesmo que vivam neste mundo. Ser aquilo em que se acredita é ser servo de Deus, fiel e sempre pronto para seguir a vontade de Deus.

Cipriano exorta a que se renuncie ao mundo porque nele se habita provisoriamente como hóspedes e peregrinos. Para os cristãos, a pátria é o paraíso, onde os esperam um

¹⁷⁶ Cipriano, *De mortalitate*, 24.

¹⁷⁷ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 24.

grande número de entes queridos: pais, irmãos, filhos e amigos. É no paraíso que está o glorioso coro dos apóstolos, dos profetas, dos mártires, das virgens e todos aqueles que são triunfantes na virtude da continência perante as concupiscências. Isto significa que na pátria celeste estão todos os que cumpriram os preceitos do Senhor¹⁷⁸. Por isso, quem seguir a Cristo, mesmo que viva neste mundo, deve renunciar ao mundo porque, depois da morte, habitará com Ele na sua morada eterna. O autor fundamenta esta ideia na promessa do próprio Jesus: “Pai, quero que onde Eu estiver estejam também comigo aqueles que Tu me confiaste para que contemplem a minha glória, a glória que me deste, por me teres amado antes da criação do mundo” (Jo 17, 24). Ser habitante da pátria celeste é promessa de Cristo. Cristo, que venceu o poder da morte com a sua ressurreição, faz com que o cristão possa ressuscitar com Ele.

Em conclusão, os bens da morte mencionados por Cipriano seguem uma lógica muito interessante, que consiste em olhar para a morte não como um fim, mas como início de uma vida ideal para os cristãos na pátria celeste em plena libertação. Portanto, os bens da morte mencionados por Cipriano referem-se às belezas da vida cristã que são procuradas neste mundo, mas que só podem ser vividas plenamente após a morte, na pátria celeste.

¹⁷⁸ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 26.

4. A atitude crente face à morte

Antes de mais, convém procurar o significado da *morte* segundo o autor, a partir da leitura do *De mortalitate* para que possamos evidenciar as atitudes que Cipriano pede aos cristãos para cultivar perante a morte.

4.1. O que é a morte?

Para o nosso autor, a morte é uma passagem (*transitus*) ou *exitus* para a vida imortal; uma *translatio est ad meliorem statum*: “*Quod interim morimur, ad immortalitatem morte transgredimur; nec potest vita aeterna succedere, nisi hinc contigerit exire. Non est exitus iste, sed transitus et temporali itinere decurso ad aeterna transgressus*”¹⁷⁹. A morte é um *exitus* e *transitus*: nestes dois termos está toda uma nova conceção da morte e da vida.

Sair deste mundo pela morte é condição para entrar na vida eterna. A *vida terrena* é vida mortal, porque sujeita às coisas mortais deste mundo. Enquanto estamos neste mundo, não estamos imunes do contacto com os males como o sofrimento, as perseguições, os pecados, os vícios e as doenças. Diante destes males, Cipriano pede firmeza na fé: “Se cremos em Cristo, se temos fé nas suas palavras e promessas... caminhemos com alegria e tranquilidade em direção a Cristo, com quem havemos de vencer e reinar para sempre”¹⁸⁰. Os cristãos, nesta vida terrena, só têm uma direção, caminhar para Cristo, em direção à “Jerusalém” do alto, apesar dos obstáculos e sofrimentos. Esses são as “cruzes” que os cristãos devem carregar diariamente como seguidores de Cristo: “Se alguém quiser seguir-me, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16, 24).

É neste sentido que o autor cita o *Eclesiástico* e pede aos cristãos que sejam firmes nas dores e pacientes nas humilhações, porque no fogo se prova o ouro, os eleitos de Deus por meio das humilhações (Ecl 2, 4-5). O cristão está neste mundo, mas não lhe pertence. É necessário que compreenda que a vida terrena é provisória e deve ser vivida segundo a vontade de Deus, com a mente íntegra, a fé firme e a virtude sólida¹⁸¹.

¹⁷⁹ Cipriano, *De mortalitate*, 22.

¹⁸⁰ Cipriano, *De mortalitate*, 21.

¹⁸¹ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 24.

Para o cristão, o fim da vida terrena é marcado com *a morte*, não como um fim, mas como uma *passagem (transitus)* e a *migração (transgressus)* para o eterno, depois de percorrido o caminho do tempo¹⁸². O autor utiliza os dois vocábulos, *passagem (transitus)* e *migração (transgressus)*, para explicar o significado da morte cristã: *non est exitus iste, sed transitus*. O termo *passagem (transitus)* transmite a ideia de passar da vida mortal para a imortal. O termo *migração (transgressus)* transmite a ideia de mudança da vida terrena para a vida celestial.

O cristão que crê e vive identificado com Cristo neste mundo, na sua morte, passa para a vida eterna prometida por Cristo morto e ressuscitado. Com a morte passa a ser habitante das moradas eternas, vivificado em Cristo atinge a *imortalidade* na pátria celeste. Cipriano descreve-a do seguinte modo:

«Só haverá paz e repouso livre e tranquilo para os servos de Deus quando, retirados dos reboliços deste mundo, caminharmos para o porto seguro da eterna morada e quando, vencida esta morte, chegarmos à imortalidade. Esta é, com efeito, a nossa paz, a tranquilidade em que se pode confiar; a segurança estável, sólida e perpétua»¹⁸³.

A vida mortal é vivida neste mundo com as suas tempestades como os sofrimentos, a guerra, a perseguição e as doenças. Ao contrário, a vida imortal é a vida de paz e tranquilidade. Assim, a morte é como uma porta que se abre e que dá entrada na vida imortal da pátria celeste.

4.2. A paciência perante a morte

Já nos referimos à paciência como “arma” do *Miles Christi*, fundamental nos combates quotidianos deste mundo. Se assim o é no dia a dia, muito mais o será numa situação crítica como era a provocada pela peste que assolou em Cartago e noutras províncias. Na obra *De bono patientiae*, o autor realça que a paciência é importante na vida cristã perante as perseguições, os sofrimentos e as doenças que levam a pessoa à morte. De facto, da leitura atenta dessa obra percebe-se que a paciência não é apenas uma palavra para pronunciar, mas sim uma palavra para o cristão viver e encarnar na vida concreta como seguidor de Cristo. Perante as realidades difíceis como as perseguições e

¹⁸² Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 22.

¹⁸³ Cipriano, *De mortalitate*, 3: «Probans scilicet atque contestans tunc esse servis Dei pacem, tunc liberam, tunc tranquillam quietem, quando de istis mundi turbinibus extracti, sedis et securitatis aeternae portum petimus, quando expuncta hac morte ad immortalitatem venimus. Illa est enim vera pax, illa fida tranquillitas, illa stabilis et firma et perpetua securitas».

a epidemia que causam muitas mortes, o bispo de Cartago pede aos cristãos da sua comunidade que cultivem a paciência como uma virtude de grande importância:

«A origem e grandeza da paciência procedem da autoria de Deus... Se Deus é nosso Senhor e Pai, imitemos a paciência tanto do Senhor como do Pai, pois cabe aos servos serem obedientes, e aos filhos não convém serem degenerados»¹⁸⁴.

A virtude da paciência tem a sua origem em Deus, e os cristãos, como filhos obedientes, vivem neste mundo esta virtude como uma imitação da paciência de Deus, porque quem é paciente e manso é imitador de Deus Pai¹⁸⁵. A paciência de Deus é tão grande e infinita que suporta os templos profanos, os ídolos feitos de pó e os ritos sacrílegos instituídos pelos homens em afronta à sua majestade e honra¹⁸⁶.

O cristão vive particularmente esta virtude ao lutar contra as adversidades da vida neste mundo, que podem afastar os cristãos de Deus. As adversidades do mundo são os sofrimentos, as violências, as cruces, as tentações, as pressões e as humilhações do diabo. Perante todas estas ofertas do mundo, Cipriano pede aos cristãos da sua comunidade que vivam a paciência como imitação de Cristo porque Jesus Cristo, Senhor e nosso Deus, não ensinou somente por palavras, mas também por obras¹⁸⁷.

O autor apresenta a paciência de Cristo no momento da sua paixão na cruz como o modelo para os cristãos imitarem: “Ele não fala, não se move, nem ao menos dá a conhecer a sua majestade; tudo é suportado até o fim com perseverança e sem interrupção, a fim de que a paciência plena e perfeita seja consumada em Cristo”¹⁸⁸. A paciência é a chave de Cristo para levar até ao fim a sua missão da salvação da humanidade. Por isso, Cipriano afirma que se estamos em Cristo, se dele nos revestimos, se ele é o caminho da salvação, nós, que seguimos Cristo nas suas pegadas salutares, caminhemos pelos exemplos de Cristo¹⁸⁹.

Ao falar sobre a paciência, o autor também faz referência ao inimigo da paciência, que é a impaciência. De forma direta, o bispo de Cartago sublinha que a paciência é um bem de Cristo e a impaciência é um mal do diabo¹⁹⁰. A pessoa paciente é aquela que é habitada por Cristo e a pessoa impaciente é aquela que é possuída pela maldade do diabo. E refere-se à impaciência de algumas personagens bíblicas como Adão, Caim, Esaú, o

¹⁸⁴ Cipriano, *De bono patientiae*, 3.

¹⁸⁵ Cf. Cipriano, *De bono patientiae*, 4.

¹⁸⁶ Cf. Cipriano, *De bono patientiae*, 4.

¹⁸⁷ Cf. Cipriano, *De bono patientiae*, 6.

¹⁸⁸ Cipriano, *De bono patientiae*, 7.

¹⁸⁹ Cf. Cipriano, *De bono patientiae*, 9.

¹⁹⁰ Cf. Cipriano, *De bono patientiae*, 19.

povo judaico à espera de Moisés e até a própria Igreja na época do autor. A impaciência de Adão que o levou a comer o alimento mortífero; a impaciência de Caim que o levou a matar o seu irmão Abel; a impaciência do povo judaico, à espera de Moisés no monte Sinai, que o levou a construir ídolos e a impaciência da própria Igreja que dá origem a heresias e hereges que lutam contra os ensinamentos da própria Igreja¹⁹¹.

Nestes exemplos, percebe-se que a impaciência destrói a relação dos cristãos com Deus e põe em causa a sua luta para alcançar a salvação. É preciso cultivar e viver a paciência para fortificar e conservar a relação com Deus, porque a paciência modera a ira, governa a mente, guarda a paz, rege a disciplina, reprime a violência e orgulho, apaga o ardor da rivalidade, ensina a perdoar, combate as tentações, aguenta as perseguições, leva à perfeição os suplícios e os martírios. A paciência sustenta com firmeza os fundamentos da nossa fé; promove o crescimento da esperança; dirige a nossa ação, a fim de podermos trilhar o caminho de Cristo, na medida em que andamos segundo a sua tolerância e faz que perseveremos na filiação divina, enquanto imitamos a paciência do Pai¹⁹².

No final da sua obra *De bono patientiae* apela a que permaneçam firmes, trabalhem e observem os preceitos do Senhor, vigiando de todo o coração e permanecendo inabaláveis em tudo o que suportam a fim de que não sejam castigados como os ímpios e pecadores¹⁹³. A paciência é a chave para ser firme, observador e cumpridor dos preceitos do Senhor, e ser vigilante para não ser castigado e atingido pelo pecado e pelo poder da morte, mas sim ser justo e glorificado por Deus na hora da morte.

4.3. A fé, a esperança, e a caridade perante a morte

Aos cristãos da sua comunidade, Cipriano afirma que “*non debet et plangere*”, mas confiar na promessa do Senhor e acreditar no seu cumprimento¹⁹⁴. Os cristãos não devem chorar e não se devem lamentar perante a morte, mas acreditar na promessa da salvação do Senhor e no seu cumprimento. O autor fundamenta as duas atitudes, não chorar e não lamentar, na mensagem de São Paulo: “Irmãos, não queremos deixar-vos na ignorância a respeito dos que faleceram, para não andardes tristes como os outros que não têm esperança. De facto, se acreditamos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também

¹⁹¹ Cf. Cipriano, *De bono patientiae*, 19.

¹⁹² Cf. Cipriano, *De bono patientiae*, 20.

¹⁹³ Cf. Cipriano, *De bono patientiae*, 24.

¹⁹⁴ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 22.

Deus reunirá com Jesus os que nele adormeceram” (1Ts 4, 13-14). Não chorar, não ficar tristes e não se lamentar, são as atitudes que se apoiam nas duas virtudes cristãs da fé e da esperança.

A fé é a virtude da pessoa que é firme naquilo em que acredita: em Cristo e no seu Reino. Cipriano afirma que ter uma fé firme afasta de nós o temor da morte e faz-nos pensar unicamente na imortalidade que se lhe seguirá. Na fé mostramos que somos, de facto, o que acreditamos ser, de modo que, nem lamentamos a morte dos amigos, nem hesitamos, quando chegar o dia da nossa chamada, mas aceitamos de bom grado o convite do Senhor¹⁹⁵. A fé ajuda as pessoas a agir segundo aquilo em que acreditam e a entregar-se totalmente a Deus.

A *esperança* é a virtude que sustenta o desejo da salvação e as atitudes necessárias para a alcançar. São Cipriano cita o pensamento de São Paulo de que fomos salvos na esperança (Rm 8, 24) para afirmar que, se vivemos na esperança, cremos em Deus e estamos seguros de que Cristo sofreu e ressuscitou por nós, que permanecemos em Cristo e nele e por ele somos ressuscitados¹⁹⁶. A virtude da esperança inspira as atitudes de acreditar, de não ter medo, de estar seguro perante os sofrimentos e a morte.

Sobre a *caridade*, Cipriano comenta a passagem de 1Jo, 11-17, já citada anteriormente. Afirma que quem ama o mundo não está com Deus e não vive na caridade, deixa-se levar pela concupiscência e ambições deste mundo. A vida sem caridade passará como o mundo. Mas com caridade, mente íntegra, fé firme e virtude robusta, “*mente integra, fide firma, virtute robusta*”, o cristão realiza a vontade de Deus, de modo que, se afasta dele o temor da morte e pensa unicamente na imortalidade que se seguirá¹⁹⁷. Na caridade o cristão afasta o temor da morte, não lamenta, nem hesita quando chegar o seu dia da morte, mas aceita de bom agrado como um convite do Senhor.

Ele sublinha que a caridade é o grande suporte dos crentes, é garantia salutar da nossa segurança; é sustentáculo da esperança, é proteção para a fé, é remédio para o pecado; é realidade ao alcance de todos, é grande e é fácil, é a coroa da paz sem o perigo de perseguição; é o verdadeiro e máximo dom de Deus, necessário para os enfermos e glorioso para os fortes¹⁹⁸.

¹⁹⁵ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 24.

¹⁹⁶ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 21.

¹⁹⁷ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 24.

¹⁹⁸ Cf. Cipriano, *De opere et eleemosynis*, 26.

Estas três virtudes cristãs são importantes para cultivar boas atitudes perante a morte. É, por isso, que Cipriano na sua obra *De Mortalitate* pede aos cristãos da sua comunidade que não chorem nem usem vestes pretas para não dar ocasião de escândalo aos gentios, porque se chorarmos então não provamos com o coração a fé que manifestamos e assim traímos a nossa fé e a nossa esperança¹⁹⁹. É no amor que as pessoas podem ser fortes e firmes na fé e na esperança. Assim, em forma de conclusão, as atitudes que os cristãos devem cultivar na vida perante a morte, segundo São Cipriano, são as que se apoiam nas três virtudes teológicas: a fé, a esperança e a caridade.

¹⁹⁹ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 20.

CAPÍTULO III

A TEOLOGIA DA MORTE: PARA UMA MELHOR VIDA CRISTÃ E HUMANA

Neste terceiro capítulo refletiremos sobre a teologia da morte segundo São Cipriano, baseando-nos na leitura e análise que fizemos do *De mortalitate*. Interessa-nos compreender em que medida a resposta de Cipriano à crise provocada pela peste e morte pode iluminar as respostas que a Igreja e seus pastores dão e devem dar aos homens e mulheres de hoje que, não obstante queiram ignorar a morte, continuam a conviver com ela como uma grande ameaça.

Não queremos, de modo algum, cair numa *atualização* forçada ou anacrônica do pensamento daquele Padre da Igreja, filho do seu tempo. Precisamente, por isso, gastámos algum tempo a enquadrar a sua reflexão sobre a morte. Não deixa, contudo, de ser legítimo, após o percurso feito, uma aproximação entre o pastor de Cartago e a resposta que os pastores de hoje dão a uma situação e experiência humana análogas.

Vimos como Cipriano não respondeu apenas com a ação, mas também com palavras de ânimo e reabilitação do estado de ânimo dos seus fiéis. Ressalta, em primeiro lugar, da sua intervenção, a importância da palavra oportuna e fundamentada no tempo adequado. Foi o que fez São Cipriano: perante a mortalidade provocada pela peste e a angústia generalizada dos seus contemporâneos, deitou mão da “arma” da palavra fundamentada na Escritura e na fé da Igreja universal para reanimar a sua Igreja.

A circunstância análoga que se vive hoje em todo o mundo, em que um vírus mortal ameaça todos os povos e levou ao confinamento e distanciamento social imposto pelas instâncias políticas e sanitárias, não pode dispensar a palavra oportuna e fundamentada da Igreja e dos seus pastores. Por isso, achámos por bem reler, à luz do exemplo paradigmático de São Cipriano, as palavras proferidas pelos Pastores da Igreja de hoje. Perante a experiência, que estamos a viver, em que alguns chegaram a acusar a Igreja de “se fechar num silêncio” inaceitável, que nos dizem os nossos pastores?

Para responder, iremos visitar algumas das mais importantes intervenções do Santo Padre, o Papa Francisco, e dos bispos portugueses por ocasião da primeira vaga do surto do Covid-19 em que o número de mortes causadas foi realmente assustador, mormente em alguns países da Europa.

Sabemos que este é um desafio difícil e sempre incompleto que nos propomos fazer. Que pode haver de comum entre a situação, reações, mentalidades e pastores do século III e a nossa realidade de hoje? Por outro lado, as fontes, que dispomos nos nossos dias, estão ainda muito dispersas e são de difícil acesso, pois, quer as intervenções do Papa Francisco, quer a dos bispos portugueses não se encontram organizadas num livro ou numa obra. Mesmo assim, e também pensando no futuro da nossa própria atividade pastoral, não deixamos de tentar este exercício de leitura sinótica entre um momento tão importante da tradição da Igreja e a atualidade.

Para nos ajudar nesta leitura comparativa e de continuidade, retomaremos as linhas de pensamento fundamentais que já encontramos em São Cipriano: A fé na ressurreição; A morte e a providência divina; Do medo da morte à esperança cristã; A morte de Cristo e a morte do cristão; Nova atitude perante a morte; e Uma espiritualidade da morte.

1. A Fé na ressurreição

São Cipriano afirma que o justo vive da fé “*iustum fide vivere*”²⁰⁰, isto é, a fé como ponto de partida para um novo discurso sobre a morte. Ser cristão justo é ter fé na ressurreição de Cristo, uma verdade fundamentada na história e testemunhada por pessoas concretas. A ressurreição de Cristo não é, portanto, apenas uma doutrina ou uma parábola, mas é um acontecimento real. Na ressurreição, o próprio Filho de Deus e salvador, venceu o poder da morte e ofereceu-nos a verdadeira vida, a vida eterna no seu Reino, fazendo-nos participantes da sua morte e ressurreição. É nela que os cristãos encontram o sentido para a vida e nela fortalecem e alimentam a sua fé, suportando sofrimentos e receios.

Temos vindo a abordar o tema da morte, que marca inevitavelmente o fim do ciclo da vida terrena de todos os homens, provocando perplexidades, dúvidas e medo. Vimos como São Cipriano comunica aos cristãos do seu tempo a esperança na vida eterna pela fé na ressurreição de Cristo. De que forma o Papa Francisco e os bispos de Portugal se têm referido a este tema? A teologia da fé na ressurreição de São Cipriano ainda é atual?

Verificamo-lo nos pronunciamentos do Papa Francisco através de exortações, cartas, homilias, audiências e outros meios. À semelhança de São Cipriano, o Papa

²⁰⁰ Cipriano, *De mortalitate*, 3.

Francisco anuncia a ressurreição de Cristo como fundamento da fé cristã. Enquanto ressuscitado, Cristo é testemunha fiável, digna de fé, apoio firme para a nossa fé²⁰¹. Como Paulo, que dizia: “*se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé*” (1Cor 15, 17), o Papa defende a possibilidade da ação de Deus na história humana, na qual o seu amor concreto e poderoso atua e determina o destino final; um amor que se fez passível de encontro, que se revelou em plenitude na paixão, morte e ressurreição de Cristo.

Na ressurreição, Jesus saiu vitorioso da morte e tornou-se garantia de salvação para os que n’Ele acreditam. O amor do Pai fê-lo ressurgir dos mortos, restituiu a vida ao seu corpo e, por isso, podemos acreditar que é capaz de iluminar também as trevas da morte. Porque amou os seus até à morte e, por ser Filho de Deus, radicado de modo absoluto no Pai, Jesus pôde vencer a morte e fazer resplandecer em plenitude a vida.

É verdade que a fé na ressurreição determina a salvação dos cristãos, mas o Papa Francisco sublinha ainda que não basta só ter fé, porque ela exige algumas atitudes essenciais por parte dos cristãos. É bom e digno acreditar na ressurreição de Cristo, mas não basta só acreditar! A fé não se expressa só em palavras, mas implica as obras porque “a fé sem obras é morta” (cf. Tg 2, 17). É pelas obras que a fé se aperfeiçoa.

Neste sentido, nas celebrações de Páscoa, o Papa Francisco transmite aos cristãos que a ressurreição de Cristo é anúncio que sustenta a nossa esperança e a transforma em gestos concretos de caridade. Com Jesus ressuscitado ressurge a nossa esperança criativa para enfrentar os problemas atuais, porque sabemos que não estamos sozinhos²⁰². Como São Cipriano, o Papa Francisco também sublinha a esperança e a caridade como duas virtudes essenciais para viver em si a fé na ressurreição. Apela aos cristãos, em plena pandemia causada por COVID19, realidade semelhante à que São Cipriano viveu no seu tempo, para serem contagiados pela ressurreição de Cristo como mensageiros da esperança e do amor e serem transmissores de coração a coração da mensagem da esperança porque, Cristo, a nossa esperança, ressuscitou; anunciadores do amor de Deus sem deixar sozinhos os irmãos e irmãs frágeis, não lhes deixando faltar os bens de

²⁰¹ Cf. Papa Francisco, *Lumen Fidei*, 17.

²⁰² Cf. Papa Francisco, Homilia *Vigília Pascal na Noite Santa*, Basílica Vaticana Sábado Santo, 31 de março de 2018, acessado 12 de julho 2020.
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco_20180331_omelia-veglia-pasquale.html

primeira necessidade²⁰³. Viver a ressurreição é amar o próximo e fazer o bem porque Jesus ressuscitado é a vitória do amor de Deus pela humanidade.

O significado da fé cristã na ressurreição de Cristo, transmitido por São Cipriano e pelo Papa Francisco, também chega aos cristãos portugueses pelo ministério dos seus bispos. Os bispos, em plena crise mundial causada pela Pandemia COVID19, procuram transmitir que a fé na ressurreição não serve só para a vida futura, a vida depois da morte, mas deve viver-se em obras enquanto ainda estamos neste mundo. A ressurreição de Cristo é “uma realidade total e englobante e experimenta-se na prática da caridade”²⁰⁴. Nesse sentido, o Bispo da diocese de Setúbal diz que “aderir ao Senhor ressuscitado é continuar esse seu percurso de libertação da humanidade de todos os seus males até ao mal radical da morte”²⁰⁵. Ter fé na ressurreição de Cristo é seguir o mesmo caminho de Jesus e testemunhar a sua vida. Que caminho é esse? Que estilo de vida de Cristo podemos e devemos testemunhar?

O caminho é o mesmo que Jesus percorreu, os seus gestos e palavras até à cruz: é ser cuidadores da humanidade, tratar dos doentes, curar as feridas, partilhar com todos o pão, ultrapassar barreiras e preconceitos, anunciar a misericórdia universal de Deus que se estende a todos os povos, ser unidos, ser fraternos e solidários para anunciar ao mundo com obras e palavras que Deus é mais forte do que a morte, que o amor permanece mesmo para além da morte²⁰⁶. Só com estas obras é que venceremos o poder da morte como Jesus venceu o poder da morte e ressuscitou porque ama a humanidade. A vitória de Jesus é estendida a todos nós como seus seguidores. Sem a ressurreição que o caminho de Jesus nos propõe, os horizontes da vida humana serão sempre muito estreitos e curtos. Ele convida-nos a abrir os olhos à grandeza do amor e do poder de Deus²⁰⁷.

Refletindo nos ensinamentos de São Cipriano, do Papa Francisco e dos bispos portugueses, podemos concluir que a fé cristã na ressurreição de Cristo é determinante,

²⁰³ Cf. Papa Francisco, *Mensagem Urbi et Orbi Páscoa 2020*, Basílica Vaticana, Domingo, 12 de abril de 2020, acedido 12 de julho 2020.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco_20200412_urbi-et-orbi-pasqua.html

²⁰⁴ Manuel Clemente, Cardeal-Patriarca Lisboa, *Vemos e Acreditamos*, Homilia do Domingo de Páscoa, Sé de Lisboa, 12 de abril de 2020, acedido 12 de julho 2020.

https://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?cont_=40&id=10453&tem=444

²⁰⁵ José Ornelas, Bispo de Setúbal, *Homilia na Eucaristia da Ressurreição no Domingo de Páscoa*, 13 de abril de 2020, acedido 14 de julho 2020.

<https://diocese-setubal.pt/2020/04/13/pascoa-2020-homilia-de-d-jose-ornelas-na-eucaristia-da-ressurreicao-no-domingo-de-pascoa/>

²⁰⁶ Cf. José, Bispo de Setúbal, *Homilia na Eucaristia da Ressurreição no Domingo de Páscoa*.

²⁰⁷ Cf. José, Bispo de Setúbal, *Homilia na Eucaristia da Ressurreição no Domingo de Páscoa*.

dá sentido e salvação. Essa fé é vivida e testemunhada em obras concretas com o mesmo estilo de Jesus na sua vida terrena. Resumindo, é amar a Deus e ao próximo para alcançar a salvação.

2. Morte e Providência Divina

A reflexão sobre a morte feita no segundo capítulo levou-nos a compreender como São Cipriano desenvolve a teologia da morte no âmbito da doutrina da Providência Divina. Porque Deus nunca abandona o seu povo, a experiência provocada pela epidemia pode até, aos olhos da fé, ser vista como um bem. Assim os fiéis saibam retirar desses “sinais” de Deus os ensinamentos que eles transmitem.

Um drama como a epidemia pode, então, ser uma admonição divina para chamar os homens ao reto sentido da vida concebida no horizonte da fé. Vimos que, no apelo teológico que Cipriano faz à sua comunidade, chega à conclusão de que a morte não é o fim, mas uma passagem para a vida eterna²⁰⁸. A vida divina é a vida de Deus e Ele oferece-nos esta vida de forma gratuita. É nesta dimensão que colocamos o pensamento do autor sobre a morte como Providência divina. Porque Deus quer que todos os homens sejam salvos (1Tm 2, 4) e alcancem a vida eterna. Deus não quer que ninguém se perca, mas que todos se convertam (cf. 2 Pe 3, 9). Para que a vontade de Deus se realize na vida dos cristãos exige-se também uma resposta da parte destes, que, segundo o pastor cartaginês, devem estar prontos para fazer a vontade de Deus com a mente íntegra, a fé firme e a virtude sólida²⁰⁹.

Esta teologia do Bispo de Cartago continua nos ensinamentos da Igreja na atualidade. Não encontramos tratados do Papa em que fale da morte como uma providência divina, mas podemos ver tal pensamento nas suas comunicações. O Papa diz que “confiar na Providência de Deus é procurar entrar juntos no seu Reino”²¹⁰. Situa-se na mesma linha de São Cipriano que afirma ser o Reino de Deus um dom para os cristãos que exige algumas atitudes. Também o Papa insiste muito nisso:

²⁰⁸ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 22.

²⁰⁹ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 24.

²¹⁰ Papa Francisco, *Angelus*, Praça de São Pedro, Domingo, 2 de março de 2014, acessado 14 de julho 2020, acessado 15 de julho de 2020.
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco_angelus_20140302.html

«A providência divina de Deus passa através do nosso serviço aos outros, do nosso partilhar com os outros. Se cada um de nós não acumular riquezas só para si, mas as puser ao serviço dos outros, neste caso a Providência de Deus torna-se visível neste gesto de solidariedade. Se ao contrário cada um acumular só para si, o que lhe acontecerá quando for chamado por Deus? Não poderá levar as riquezas consigo, porque - sabeis - o sudário não tem bolsos! É melhor partilhar, porque nós só levamos para o Céu aquilo que partilhamos com os outros»²¹¹.

Sublinham-se as ações concretas da vivência da fé, da caridade com os irmãos e com Deus como uma resposta por parte dos homens para entrar no Reino de Deus oferecido por Deus mesmo. Não se alcançará a Providência divina com a avareza, procurando somente o próprio bem-estar, porque o Reino de Deus é para aqueles que acreditam em Jesus e põem em prática os seus ensinamentos: o serviço aos irmãos, a partilha e a solidariedade. O que salva na hora da morte não são as riquezas que se acumulou, mas a fé que se depositou em Cristo e a caridade que se praticou.

O bispo de Cartago apelava à fé em Cristo, nas suas palavras e promessas, para entrar na vida eternamente. O Papa Francisco, citando São Mateus, diz: “Não vos preocupeis, dizendo: que comeremos, que beberemos, ou que vestiremos? O vosso Pai celeste bem sabe que tendes necessidade de tudo isso. Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça” (cf. Mt 6, 31-34), sublinha que a Providência divina não se reflete nas coisas deste mundo, mas na vida divina, o Reino de Deus. Sem fé e sem amor a Deus, também não há espaço para amar o próximo. A Providência divina passa através do serviço e da partilha com os outros, que se torna visível em gestos de solidariedade, porque só levamos para o Céu aquilo que partilhamos com os outros²¹².

Nessa linha, os bispos portugueses apelam aos cristãos para que vivam a vida terrena com o objetivo de alcançar o Reino de Deus, que é Providência que vem de Deus na pessoa do seu Filho, Jesus Cristo, morto e ressuscitado. Assim se expressa um bispo português numa sua homilia: “Toda a humanidade, que entrou no túmulo de Jesus, possa sair dele revigorada pela certeza de que a morte não tem a última palavra. Ela é passagem, mas não a realidade última e definitiva. Para além dela há a Vida”²¹³. Na morte, o cristão participa na morte de Cristo, e com Ele a vence. Por isso, o cristão não deve temer a morte com desespero porque não é o fim, mas reconhecer a ação da Providência que nela nos abre a passagem para a vida definitiva no Reino de Deus.

²¹¹ Papa Francisco, *Angelus*, Praça de São Pedro, Domingo, 2 de março de 2014.

²¹² Cf. Papa Francisco, *Angelus*, Praça de São Pedro, Domingo, 2 de março de 2014.

²¹³ Virgílio Antunes, Bispo de Coimbra, *Homilia* Missa do Dia De Páscoa, 2020, Coimbra, 12 de abril de 2020, acedido 15 de julho 2020.

<https://www.diocesedecoimbra.pt/diocese/bispo/homilias/missa-do-dia-de-pascoa-2020:2248>

O que é que faz com que o cristão participe na morte e na ressurreição de Cristo após a sua própria morte? É no sacramento do Batismo que o cristão se identifica com Cristo neste mundo. O bispo da diocese de Angra afirma numa sua homilia: “Todos nós que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte. Sepultámo-nos com Ele, pelo batismo, na morte, e assim como Cristo ressuscitou dos mortos, por meio da glória do Pai, também nós caminhamos numa vida nova”²¹⁴. No batismo, os cristãos são regenerados e vivem a experiência da passagem da morte para a vida, mergulhando o homem velho nas águas do batismo e ressurgindo como homem novo no Reino de Deus depois da morte.

Podemos concluir que a morte para os cristãos é Providência divina, porque é uma oferta gratuita de Deus à humanidade na entrega do seu próprio filho, Jesus Cristo. Estabelece o sacramento do Batismo como o meio dos cristãos poderem participar na sua morte e ressurreição. Por isso, o cristão, batizado em Cristo, na sua morte participa na morte de Cristo e também ressuscita com Cristo para gozar a vida eterna, a vida definitiva no Reino de Deus, oferecido pelo próprio Deus a todos os que acreditam n’Ele e no seu Filho, Jesus Cristo.

3. Do medo da morte à esperança cristã

O medo é uma agitação interior que resulta da pessoa se ver diante de algo desconhecido ou ameaçador. Sem dúvida que o grande motivo do medo é a morte: por ser a grande desconhecida, mas também por ser a realidade mais certa que nos pode bater à porta sem avisar (cf. Mt 24, 43). Por outro lado, o medo de morrer tem um lado muito positivo, sendo mesmo essencial à vida. É por causa dele que nós trabalhamos, lutamos, cuidamos da saúde, nos defendemos e protegemos.

Se esta experiência do “medo de morrer” ou de “perder” alguém está presente em todos os tempos e idades do homem, ela se faz sentir com muito maior acuidade em tempos de crise, guerra ou epidemia. Nestas situações, os homens experienciam, por um lado, a profunda fragilidade e impotência para dar “remédio” aos males que a todos

²¹⁴ João Lavrador, Bispo de Angra e Ilhas do Açores, *Homilia* na celebração da Vigília Pascal 2020, Sé Catedral, 11 de abril de 2020, acedido 18 de julho 2020.
<https://www.diocesedeangra.pt/homilia-celebracao-da-vigilia-pascal-2020/>

afligem e, por outro, experimentam também a igualdade de condições de todos os humanos sujeitos, de forma indistinta, à mesma ameaça.

Nestas circunstâncias de radical solidariedade no medo de morrer, crentes e não crentes interrogam-se sobre o significado da vida e sua precariedade. Mas esta pergunta nunca vem separada de uma outra: que tem a dizer a fé do crente nestas circunstâncias?

Nestes tempos de pandemia, quantos pastores e demais crentes não foram questionados sobre as razões da sua esperança? Daí, o nosso interesse pela “resposta” que foi sendo dada pelo Papa Francisco e demais pastores, lendo-a à luz do que aprendemos de São Cipriano, especialmente na reflexão proposta no *De Mortalitate*.

Recordemos que, no segundo capítulo deste trabalho, vimos como Cipriano afirmava que, no batismo, os cristãos são eleitos como soldados de Cristo e que devem reconhecer que são colocados nos acampamentos celestes, que já vivem das realidades divinas de maneira que não devem ter medo da morte que é causada pelos sofrimentos, fomes, guerras, terremotos, pestes e perseguições. Essas são realidades naturais e passageiras que fazem parte da vida de um soldado no combate diário. Aos cristãos, ele pedia que não temessem a morte porque isso é próprio de quem não quer ir para Cristo. Quem crê sabe que começará a reinar com Ele²¹⁵. A partir deste apelo, acentua a fé em Cristo como a base da transformação do medo dos cristãos em esperança. A esperança dos cristãos é estar com Cristo e no seu Reino. Viver na esperança significa acreditar que no sofrimento e na ressurreição de Cristo está a esperança da sua salvação.

Diz o autor que se cremos em Cristo, se temos fé nas suas palavras e promessas, não morremos eternamente, caminhamos com alegria e tranquilidades em direção a Cristo, com quem havemos de vencer e reinar para sempre²¹⁶. Ao acreditar em Cristo e no seu Reino, cultiva-se no cristão a esperança que vence o medo da morte para estar com Cristo no seu Reino. Se estamos unidos a Ele na fé e na esperança não temos medo da morte porque a morte não nos separará de Deus, mas, ao contrário, conduz-nos a viver unidos eternamente com Ele. Como ensina Cipriano, a morte corporal «é uma partida salutar» (*mortalitas ista... salutaris excessos est*)²¹⁷.

O cristão que, no batismo, morreu para este mundo, não deve temer “deixar” esta vida, ciente de que o espera uma vida melhor. Vale a pena lembrar as palavras da *consolatio* de Cipriano, respeitando a sua dinâmica retórica:

²¹⁵ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 2

²¹⁶ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 21.

²¹⁷ Cipriano, *De mortalitate*, 15.

«Mori plane timeat, sed qui ex aqua et Spiritu non renatus...
Mori timeat, qui non Christi cruce et passione censetur.
Mori timeat, qui ad secundam mortem de hac morte transibit.
Mori timeat, quem de seculo recedentem perennibus poenis aeterna flamma torquebit.
Mori timeat, cui hoc mora longiore confertur, ut cruciatus ejus et gemitus interim differatur»²¹⁸.

Temer morrer é não renascer na água e no Espírito; é não participar na cruz e na paixão de Cristo; é passar da morte para uma segunda morte; é ser atormentado pelo fogo inapagável das penas eternas; é encontrar na terra um prolongamento dos sofrimentos e lamentações.

Também o Papa Francisco, na homilia da vigília pascal (11 de abril de 2020), proclamava, na basílica de S. Pedro vazia de fiéis devido à pandemia, palavras com o mesmo vigor evangélico:

«Na madrugada as mulheres foram ao sepulcro. Ali, o anjo disse-lhes: “não tenhais medo. Não está aqui, ressuscitou”. Perante o túmulo escutaram palavra de vida. E, depois, encontraram Jesus, o autor da esperança que confirma o anúncio e diz: “Não temais”. Não tenhais, pois, medo, não temais: eis o anúncio de esperança para nós hoje. Hoje, são palavra que Deus nos repete na noite que estamos a atravessar [referindo-se à pandemia]»²¹⁹.

Numa audiência geral, a catequese sobre a esperança cristã, o Santo Padre falou que “os cristãos são homens e mulheres de esperança”²²⁰. Com a mesma preocupação de São Cipriano, o Papa Francisco diz que diante da nossa morte, ou da morte de uma pessoa querida, sentimos que a nossa fé é posta à prova. Sobressaem todas as nossas dúvidas, toda a nossa fragilidade, e questionamo-nos: mas realmente haverá vida depois da morte? O Papa afirma que, nas provações e nos momentos mais difíceis da vida, a esperança cristã dá a salvação porque ela é a espera de algo que já se cumpriu; é ter a certeza de estar a caminho de algo que existe, não de algo que se deseja que exista; é ter a expectativa de algo que já se cumpriu e que certamente se há de realizar para cada um de nós²²¹.

A certeza da esperança cristã consiste em ressuscitar com Cristo. Por isso, ter medo da morte é natural, mas não podemos ficar apenas no medo porque a morte não é o fim, mas, se acreditamos na morte e na ressurreição de Cristo, a nossa esperança é passar

²¹⁸ Cipriano, *De mortalitate*, 14.

²¹⁹ Papa Francisco, *Homilia vigília pascal na Noite Santa*, sábado santo, 11 de abril de 2020, acedido 02 agosto de 2020. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200411_omelia-vegliapasquale.html

²²⁰ Papa Francisco, *Audiência geral*, Quarta-feira, 1 de fevereiro de 2017, acedido 20 de julho de 2020. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco_20170201_udienza-generale.html

²²¹ Cf. Papa Francisco, *Audiência geral*, Quarta-feira, 1 de fevereiro de 2017.

pela morte para estar unidos com Cristo no seu Reino. O Papa Francisco tal como Cipriano fundamenta a esperança cristã nas palavras de S. Paulo: “Jesus Cristo morreu por nós, a fim de que, quer durmamos, quer estejamos vigilantes, com Ele vivamos unidos” (1Ts 5,10). Afirmação que nos dá a certeza de que a morte não é o fim, mas é um meio para concretizar a esperança cristã. O medo da morte deve ajudar-nos a colocar a nossa esperança e a nossa confiança na ressurreição de Cristo, porque temos a certeza de que, após a morte, viveremos em Cristo e permaneceremos com Ele no seu Reino.

É importante cultivar esta virtude perante as dificuldades da vida neste mundo. Sabemos que a vida dos cristãos é difícil, confiando em Deus e depositando n’Ele a nossa esperança, o medo e a dor darão lugar à esperança perante a morte. Afirma o Papa Francisco que “a esperança cristã não se baseia em raciocínios, previsões e seguranças humanas mas radica-se na fé, na Palavra de Deus e na promessa do Deus da ressurreição e da vida”²²². A promessa de Deus aos cristãos é clara na mensagem de Jesus que diz: “Eu estou convosco todos os dias até ao fim do mundo” (Mt 28,20). Significa que o cristão, no seu peregrinar no mundo, nunca está sozinho e nunca se sente abandonado.

O Papa Francisco ensina que a esperança cristã encontra a sua raiz na segurança daquilo que Deus nos prometeu e realizou em Jesus Cristo. Caminhará ao nosso lado todos os dias, até ao fim do mundo²²³. O Papa explica que é normal termos medo perante a morte, mas como cristãos acreditamos na ressurreição de Jesus Cristo; não devemos ficar sepultados nos nossos medos, mas devemos transformar o nosso medo em esperança de outra vida, a vida eterna fundamentada na certeza do poder de Cristo ressuscitado, que nos acompanha até ao fim dos tempos.

O apelo de São Cipriano e do Papa Francisco para que o medo da morte dê lugar à esperança cristã chega também aos cristãos de Portugal através dos seus Bispos. Face aos perigos de morte, que a humanidade está a atravessar com as guerras, as perseguições e a pandemia do Covid-19, os bispos, como líderes das comunidades, convidam os cristãos a ultrapassar o medo da morte com a sua esperança depositada em Deus. O Bispo da diocese do Porto, numa homilia, diz que os cansaços, os sofrimentos, a dor e o medo da morte biológica não passam de episódios fugazes, sombras passageiras que serão

²²² Papa Francisco, *Audiência geral*, Quarta-feira, 29 de março de 2017, acedido 20 de julho de 2020. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco_20170329_udienza-generale.html

²²³ Cf. Papa Francisco, *Audiência geral*, Quarta-feira, 26 de abril de 2017, acedido 20 de julho de 2020. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco_20170426_udienza-generale.html

desfeitas na plena luz de Cristo. O mundo não caminha à deriva, já que, pela claridade da ressurreição, a sua meta é o “reino de verdade e de vida, reino de santidade e de graça, reino de justiça, de amor e de paz”²²⁴. Os sofrimentos e a morte são momentos provisórios e não devem provocar medo, porque esses momentos não nos tiram a verdadeira vida, a vida eterna que Jesus já alcançou com a sua morte e a sua Ressurreição.

Nesta vida terrena, devemos ter medo de viver afastados de Deus perante os sofrimentos, as perseguições e as doenças que, sem Deus, nos levam à morte para sempre. Os momentos difíceis e trágicos convidam-nos a refletir sobre o que é essencial na vida. Levam-nos a pensar no verdadeiro sentido da vida e a refletir no estilo de vida e nos valores que a orientam²²⁵. Para sermos fortes perante estes momentos difíceis e para não vivermos afastados de Deus, os bispos portugueses apelam a todos os cristãos para serem solidários porque, segundo eles, sem a solidariedade efetiva nunca conseguiríamos vencer esta crise²²⁶. Ser solidário é partilhar a vida e servir os outros nos momentos difíceis. Ser solidário é partilhar os bons e os maus momentos com os outros. Este estilo de vida identifica o cristão que fundamenta a sua ação no amor a Deus e ao próximo em ordem ao bem a salvação da humanidade.

Neste sentido, D. Américo Aguiar, Bispo Auxiliar de Lisboa, afirma na sua homilia que ser cristão hoje é mais uma questão de amor. Amar é “a genética da identidade cristã e da identidade eclesial. Não se pode abandonar o próximo, mas que cada pessoa seja mais humana e os cristãos mais autênticos”²²⁷. Ser cristão é ser solidário com os outros como expressão de amor a Deus e ao próximo. Ao amar os outros amamos a Deus. Diz São João na sua primeira carta: “Quem ama a Deus, ame o seu irmão (1Jo 4, 20). Amar o próximo é estar unido a Deus, já neste mundo, e assim ser forte perante os sofrimentos, as perseguições e as doenças, que causam a nossa morte e a dos nossos familiares.

Concluimos, de tudo quanto lemos e meditamos, que o medo é um sentimento natural e normal da pessoa. O que não é normal é que o cristão, que acredita em Cristo

²²⁴ Manuel Linda, Bispo do Porto, *Homilia na Páscoa 2020*, 12 de abril de 2020, acedido 20 de julho de 2020. <https://www.diocese-porto.pt/pt/documentos/outros-documentos/hom% C3% ADlias/lista-de-anos/2020/homilia-na-p% C3% A1scoa-de-2020/>

²²⁵ Cf. António Marto, Bispo de Leiria-Fátima, *peregrinação interior, um olhar renovador e esperançado*, Santuário de Fátima, Homilia do dia 13 de maio de 2020, acedido 21 de julho de 2020. <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/santuário-de-fatima-homilia-do-dia-13-de-maio-de-2020/>

²²⁶ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *recomeçar e reconstruir*, n.º 7, Fátima, 16 de junho de 2020, acedido 21 de julho de 2020. <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/recomecar-e-reconstruir/>

²²⁷ Cf. Américo Aguiar, Bispo Auxiliar de Lisboa, *Dar e ficar contente*, Homilia na peregrinação internacional aniversária, Santuário de Fátima, 12 de junho 2020, acedido 21 de julho de 2020. <https://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?id=10544>

Ressuscitado e na promessa da sua salvação, se fixe apenas no medo da morte e não o ultrapasse vivendo a esperança na vida eterna. A esperança cristã não se baseia em especulações e previsões humanas, mas baseia-se na Palavra de Deus que não falha. Jesus Cristo ressuscitou verdadeiramente e com Ele o cristão ressuscitará. Esta certeza deve transformar a vida do cristão neste mundo e ajudá-lo a ultrapassar o medo da morte e a viver na alegria da firme esperança de que, depois da morte, viverá a vida eterna no Reino de Deus.

4. A morte de Cristo e a morte do cristão

A morte é universal e toca a pessoa na sua totalidade. Determina o fim do ser biológico da pessoa e da sua história física. Esta é a compreensão comum sobre a morte. A profissão de fé em Jesus Cristo é clara: Cristo é verdadeiro homem e verdadeiro Deus. É verdadeiro homem porque viveu e participou da história da vida humana. É verdadeiro Deus porque é de Deus e é Deus. A morte de Cristo é natural e marca o fim da sua vida humana. Depois da sua morte e ressurreição, o Pai associou-o definitivamente à sua vida, ao seu poder sobre os homens e sobre o mundo e constituiu-O Senhor dos vivos e os mortos; “Ele ó Senhor” e vive para sempre a plenitude da vida divina. A divindade de Jesus Cristo sobrepõe-se ao poder da morte porque Ele ressuscitou, voltou à sua verdadeira vida como Deus, que marca a sua existência para sempre. É a ressurreição de Cristo que dá sentido à vida e à morte do cristão. Com base nesta realidade, vamos expor o valor da morte de Cristo em relação com a morte do cristão na teologia de São Cipriano e a sua atualização com o que nos ensina o Papa Francisco e os bispos portugueses.

Ao longo da reflexão do segundo capítulo deste trabalho, percebemos que São Cipriano desenvolve a sua teologia da salvação dos cristãos na base da morte e da ressurreição de Cristo. Sublinha-se morte e ressurreição como uma só e inseparável realidade. É impossível falar só de morte de Cristo sem se referir à sua ressurreição e, ao contrário, falar só da ressurreição sem considerar a sua morte. Neste sentido, São Cipriano afirma que “Cristo sofreu, morreu e ressuscitou por nós que permanecemos em Cristo, e somos nele e por ele ressuscitados”²²⁸.

A morte de Cristo está ligada à morte do cristão. Cristo morreu para a salvação do mundo e a morte do homem tem sentido se participa na morte e ressurreição de Cristo.

²²⁸ Cipriano, *De mortalitate*, 21.

Jesus Cristo morreu e ressuscitou para nossa salvação. Em que sentido é o que a morte do cristão participa na morte de Cristo?

São Cipriano fundamenta a participação da morte do cristão na morte de Cristo pelo sacramento do Batismo. Ele descreve que, pela santificação do batismo, os cristãos são templos de Deus; são comprados por alto preço, glorificam e trazem Deus no seu corpo; são remidos pelo sangue de Cristo; obedeça-se ao mandato do Redentor com total submissão, combatendo a impureza e a profanação do templo de Deus²²⁹. No batismo, os cristãos participam da morte de Cristo, são sepultados com Ele e tornam-se o templo de Deus. São nova vida que não deve ser suja com os pecados. No batismo, o cristão é salvo pelo sangue de Cristo e é libertado do pecado. Vivificados pela morte de Cristo, o cristão atinge a perfeição da vida pela sua morte: a vida eterna.

Esta teologia do autor tem reflexo nos ensinamentos da Igreja de hoje. Podemos ver esta atualização nos ensinamentos do Papa Francisco, que acentua que a maior prova da fiabilidade do amor de Cristo se encontra na sua morte pelo homem²³⁰, e que a morte de Cristo desvenda a total fiabilidade do amor de Deus à luz da sua ressurreição²³¹. A morte e a ressurreição de Cristo são a prova suprema do amor de Deus pela humanidade. Como S. Cipriano, o Papa Francisco sublinha também que o cristão participa na morte de Cristo mediante o sacramento do Batismo. O Papa fundamenta esta participação na afirmação de São Paulo que diz que “pelo Batismo fomos sepultados com Cristo na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova” (Rm 6, 4). E acrescenta que “n’Ele nos tornamos nova criatura e filhos adotivos de Deus”²³². Esta fundamentação ajuda-nos a perceber que a morte de Cristo é manifestação do amor pela humanidade e pela sua salvação. De forma direta, o Papa Francisco afirma que “Jesus Cristo nos ama, deu a sua vida para nos salvar e agora vive connosco todos os dias para nos iluminar, fortalecer, libertar”²³³. A razão da morte de Cristo é a nossa salvação e a nossa libertação do pecado e da morte porque nos ama. A morte do cristão tem sentido, se é participação na morte de Cristo, porque nela o cristão participa no amor de Deus e com Ele vencerá o poder da morte e viverá para sempre no Reino de Deus.

²²⁹ Cf. Cipriano, *De habitu virginum*, 2.

²³⁰ Cf. Papa Francisco, *Lumen Fidei*, 16.

²³¹ Cf. Papa Francisco, *Lumen Fidei*, 17.

²³² Papa Francisco, *Lumen Fidei*, 41.

²³³ Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 164.

Além de sublinhar a morte de Cristo, como sinal do amor e da salvação da humanidade, o Papa Francisco sublinha também que a morte de Cristo ilumina a morte dos cristãos. Acentua que a morte e a ressurreição de Cristo não conferem apenas a certeza da vida além da morte, mas que também iluminam o próprio mistério da morte de cada um de nós. Se vivermos unidos a Jesus, se Lhe formos fiéis, seremos capazes de enfrentar com esperança e serenidade também a passagem da morte²³⁴. O Papa reforça que a vida cristã não acaba com a morte, porque Jesus assumiu a nossa condição humana e também passou pela morte como nós, mas ressuscitou. Participando desse mistério, o cristão não enfrenta a morte como um fim, mas acredita que é o início de uma nova vida, a vida eterna no Reino de Deus.

Também os bispos portugueses sublinham que a relação entre a morte de Cristo e a morte do cristão se fundamenta no sacramento do Batismo. D. Nuno Brás, bispo do Funchal, na sua homilia afirma que, “quando somos batizados somos revestidos de Cristo e a graça de Deus passa a atuar em nós e nunca nos abandonará”²³⁵. No Batismo passamos a estar inseridos em Cristo e a viver com o Senhor como diz São Paulo: “Nenhum de nós vive para si mesmo e nenhum morre para si mesmo. Se vivemos, vivemos para o Senhor e se morremos, morremos para o Senhor. Ou seja, quer vivamos quer morramos, é ao Senhor que pertencemos. Pois foi para isto que Cristo morreu e voltou à vida: para ser Senhor tanto dos mortos como dos vivos” (cf. Rm 14, 7-9). A certeza da fé cristã é esta: na vida e na morte estaremos sempre com o Senhor porque o Senhor é dono da morte e da vida.

Outros bispos também confirmam esta ideia e recordam às suas comunidades que, por meio do Batismo, tivemos a graça de ser sepultados com Cristo na morte e com Ele ressurgiremos para uma vida nova²³⁶. No Batismo, a vida cristã é a vida de Cristo em nós²³⁷, como diz São Paulo: “Estou crucificado com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas

²³⁴ Cf. Papa Francisco, *Audiência Geral*, Praça de São Pedro, Quarta-feira, 27 de novembro de 2013, acessado 24 de julho de 2020.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2013/documents/papa-francesco_20131127_udienza-generale.html

²³⁵ Nuno Brás, Bispo do Funchal, *Homilia nos Fiéis Defuntos*, Funchal, 02 de novembro de 2019, acessado 24 de julho 2020. <https://www.diocesedofunchal.com/l/homilia-nos-fieis-defuntos/>

²³⁶ Cf. Virgílio Antunes, Bispo de Coimbra, *Homília Vigília Pascal na Noite Santa*, Coimbra, 11 de abril de 2020, acessado 26 de julho de 2020.

<https://www.diocesedeoimbra.pt/diocese/bispo/homilias/vigilia-pascal-2020-homilia-de-dom-virgilio:2247>

²³⁷ Cf. Manuel Clemente, Cardeal-Patriarca, *Homilia na Celebração da Paixão do Senhor*, Sé Lisboa, 10 de abril de 2020, acessado 26 de julho de 2020. https://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?cont_=40&id=10451&tem=444

é Cristo que vive em mim” (cf. Gl 3, 19-20). Outro bispo, sublinhando também outra mensagem de Paulo, que recorda que no Batismo “fomos sepultados com Cristo na morte para com Ele tomarmos parte na vida nova” (Rm 6, 4) e afirma que “Ele nos une estreitamente ao seu ser; Ele torna participantes da sua nova vida aqueles por quem deu a sua vida. Nós, ainda neste mundo, de alguma forma, já ressuscitámos n’Ele”²³⁸. Todas estas fundamentações e todos estes apelos dos bispos ajudam-nos a perceber que a morte de Cristo não é por acaso, mas tem como causa principal a salvação dos cristãos. Por isso, a morte do cristão tem sentido se participa na morte de Cristo.

Depois desta visão de conjunto, concluímos de forma sintética que o objetivo principal da morte de Cristo é a salvação da humanidade. Cristo instituiu os sacramentos, principalmente os sacramentos do Batismo e da Eucaristia e, ao celebrar e viver estes sacramentos, os cristãos são incorporados em Cristo na terra. Viver a vida terrena identificado com Cristo e incorporado n’Ele significa para o cristão que morrer é com Cristo e em Cristo. Então ressuscitará com Cristo e em Cristo porque Cristo não ficou só na morte, mas ressuscitou e está vivo para sempre. Ao ressuscitar com Cristo e em Cristo, o cristão viverá a vida eterna com Cristo no seu Reino. Por fim, a morte de Cristo dá sentido à morte do cristão e, por seu lado, a morte do cristão tem sentido se participa na morte e na ressurreição de Cristo.

²³⁸ Manuel Linda, Bispo do Porto, *O Filho de Deus - Homilia na Vigília Pascal de 2020*, 11 de abril de 2020, acedido de 28 de julho de 2020. <https://www.diocese-porto.pt/pt/documentos/outros-documentos/hom%C3%ADlias/lista-de-anos/2020/homilia-na-vig%C3%ADlia-pascal-de-2020/>

5. Nova atitude perante a morte

O homem sábio e, sobretudo o crente, sabe que todo o caminho da vida é uma viagem ou peregrinação e, portanto, uma preparação para a morte. Como diz K. Rhaner:

«A existência humana inteira é orientada à morte, e esse momento decisivo definitivamente é acolhido em cada tratado, porque tem por objeto uma dimensão de existência humana numa teologia do espírito e do conhecimento, numa teologia de liberdade, numa teologia da coparticipação humana e do amor numa descrição cristã, experiências fundamentais vividas na existência humana (angústia, esperança, alegria, desespero, fé...), já que esse ser-para-a-morte conota tudo aquilo que é [está] presente na vida humana e comunica a sua problematidade à abertura ao mistério e à sua seriedade última»²³⁹.

Todos sabemos que o modo como o homem encara a morte tem muito a ver com a forma como assume a vida. E poderíamos mesmo inverter os termos da sentença: o modo como se encara a vida dependerá muito da maneira de entender e enfrentar a morte. Não nos interessa no nosso estudo analisar as atitudes dos “outros” face à morte, mas as dos que sabem que ela é apenas uma “passagem”. Esse momento exige algumas atitudes que devemos estabelecer na vida para estar sempre prontos para a chegada da morte. Que atitudes são essas? Na reflexão que se segue começaremos por perceber quais as atitudes sugeridas por São Cipriano e depois tentaremos perceber a atualidade da sua mensagem para os cristãos de hoje através dos apelos do Papa Francisco e também para os cristãos portugueses através dos apelos dos seus bispos.

São Cipriano adverte que, mais tarde ou mais cedo, chegará a nossa morte através da perseguição, do martírio, da doença normal ou da doença causada pela epidemia e de outras maneiras. Perante estas realidades, São Cipriano ajuda a sua comunidade a tomar algumas atitudes adequadas à sua identidade como cristãos, que professam a fé em Jesus Cristo, seu salvador. De forma indireta, são mencionadas algumas logo no início da obra *De Mortalitate*: o espírito calmo, fé firme e o ânimo devotado para não ser abalado pela extensão da mortalidade²⁴⁰. São atitudes fundamentais para sustentar o combate perante a morte neste mundo. Dessa forma, o cristão vive já as realidades divinas neste mundo e sem hesitar ou perturbar-se perante os perigos que levam à morte suporta os sofrimentos que a causam: fome, guerras, terremotos e pestes²⁴¹.

²³⁹ K. RAHNER, *Il Morire cristiano*. Brescia: Queriniana, 2009, 21.

²⁴⁰ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 1.

²⁴¹ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 2.

Além destas atitudes o autor sublinha outras do seu tratado *De Mortalitate: não temer, viver na paciência, obedecer à vontade de Deus e viver a esperança na ressurreição do Senhor*. Não temer é “permanecer de pé por entre os males deste mundo, provar a fortaleza da fé e caminhar para Cristo suportando as penas e os sofrimentos que causam a morte”²⁴². Viver na paciência significa não murmurar na adversidade, mas suportar corajosamente tudo o que acontece²⁴³ para não se afastar da virtude da fé, mas fortalecer-se na dor²⁴⁴. Obedecer à vontade de Deus significa seguir a vontade de Deus com a mente íntegra, a fé firme e virtude sólida, de modo, que se apodere de nós o temor da morte e pensemos unicamente na imortalidade que nos espera²⁴⁵. Viver a esperança na Ressurreição significa acreditar que Cristo sofreu e ressuscitou por nós, que nós permanecemos em Cristo e estamos n’Ele e por Ele somos ressuscitados²⁴⁶. São as atitudes que ajudam os cristãos a saber viver com a realidade da morte e a olhar para a morte como o momento do encontro com Deus no seu Reino. Por isso, São Cipriano diz que “ter medo da morte é próprio de quem não quer ir para Cristo, de quem não crê que começará a reinar com Ele”²⁴⁷.

Estes ensinamentos continuam a ser atuais para a Igreja e seu do Magistério. Perante o elevado número de mortes de cristãos e de tantas outras pessoas, causadas pela perseguição, fome, guerra, doenças e a pandemia, que ainda estamos a viver, o Papa Francisco apela aos cristãos para que cultivem o amor ao próximo como uma das atitudes principais. Ele afirma que, “se aceitarmos a morte, devemos preparar-nos para ela percorrendo o caminho do amor para com todos os irmãos até ao dia em que «não haverá mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor”²⁴⁸. Numa sua exortação, o Papa diz que amar o próximo é uma força espiritual que favorece o encontro em plenitude com Deus, a ponto de se dizer que quem não ama o irmão está nas trevas e nas trevas caminha (1Jo 2, 11), permanece na morte (1Jo 3, 14) e não chegou a conhecer a Deus (1Jo 4, 8). O Papa acentua que amar é “ação brilhante que ilumina incessantemente um mundo às escuras e nos dá a coragem de viver e agir”²⁴⁹. Viver a caridade, o amor de Deus nesta vida, torna-nos seguros perante a ameaça da morte e, ao mesmo tempo, dá-nos tranquilidade para quando

²⁴² Cipriano, *De mortalitate*, 14.

²⁴³ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 11.

²⁴⁴ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 13.

²⁴⁵ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 24.

²⁴⁶ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 21.

²⁴⁷ Cipriano, *De mortalitate*, 2.

²⁴⁸ Papa Francisco, *Amoris Laetitia*, 258.

²⁴⁹ Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 272.

chegar a hora da nossa morte, porque é no amor que somos salvos e é no amor que entramos em comunhão com Deus e com os irmãos vivos e defuntos.

Além de cultivar a atitude de amar, o Papa também pede aos cristãos que cultivem outras duas atitudes: não temer e ser firme na fé. Não ter medo é anúncio da esperança. É a esperança que dá vida nova ao cristão, que se fundamenta na ressurreição de Cristo, porque Ele ressuscitou para nós, para trazer vida onde havia morte. Ele não nos deixou sozinhos, veio ao nosso encontro, veio a cada uma das nossas situações: sofrimento, angústia, morte²⁵⁰. A atitude de não temer apoia-se na firmeza da fé. O Papa Francisco, na sua encíclica *Lumen Fidei*, realça muito bem a importância do ato de fé para a salvação dos cristãos. De forma breve, afirma que “a fé cristã nasce do encontro com o Deus vivo, que nos chama e revela o seu amor: um amor que nos precede e sobre o qual podemos apoiar-nos para construir solidamente a vida”²⁵¹. A fé cristã é fé no amor pleno, no seu poder eficaz, na sua capacidade de transformar o mundo e iluminar o tempo. A fé no amor de Deus para conosco manifestado em Jesus é o fundamento da vida cristã e do nosso destino último²⁵². O Papa define as atitudes cristãs perante a morte no dinamismo da fé, esperança e caridade. Ele afirma que “a união na fé, na caridade e na esperança projetam-nos para um futuro certo e coloca-nos numa perspectiva diferente relativamente às propostas ilusórias dos ídolos do mundo; dá-nos novo impulso e nova força na vida de todos os dias”²⁵³. Na linha do apelo de São Cipriano, o Papa Francisco também pede aos cristãos que cultivem estas três atitudes para viver de forma tranquila e calma perante a realidade da sua morte ou da morte do próximo.

As atitudes acima mencionadas chegam também aos cristãos portugueses através dos seus bispos. Na mesma linha de pensamento os bispos chamam a atenção dos cristãos para cultivarem a comunhão com Deus e com o próximo perante a realidade da morte. O bispo de Coimbra, D. Virgílio Antunes, recorda que, “perante o sofrimento e a morte, importa mais a atitude da presença em comunhão consoladora do que as tentativas vãs de explicação ou a busca de resposta aos muitos “porquês” que nos assaltam. É estar com Cristo, ao pé da cruz, e estar com os outros, ao lado das suas cruces, no silêncio

²⁵⁰ Cf. Papa Francisco, *Homilia na Vigília Pascal na noite santa*, Basílica Vaticana, Sábado Santo, 11 de abril de 2020, acedido 30 de julho de 2020.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200411_omelia-vegliapasquale.html

²⁵¹ Papa Francisco, *Lumen Fidei*, 4.

²⁵² Cf. Papa Francisco, *Lumen Fidei*, 15.

²⁵³ Papa Francisco, *Lumen Fidei*, 57.

contemplativo e orante, numa comunhão cheia de confiança e de esperança”²⁵⁴. Sublinham-se as atitudes de comunhão, de oração, de confiança e de esperança como as atitudes mais humanas e cristãs perante a morte. São as atitudes fundamentais e essenciais dos cristãos como seguidores de Cristo. Como batizados, os cristãos são chamados a optar pelas mesmas atitudes de Jesus perante a morte no Calvário. O patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, recorda aos cristãos que na cruz de Cristo cabem todas as nossas dores e esperanças, caminhos e descaminhos, sofrimentos e doenças. Na cruz, Cristo leva-nos consigo de onde estivermos. Seguir Cristo hoje requer a nossa presença junto da Cruz de Cristo. A presença orante e solidária. Orante, pois com Cristo olhamos para o Pai; solidária, pois, com Cristo olhamos para todos²⁵⁵. Tal como São Cipriano e o Papa Francisco, os bispos portugueses convidam os cristãos a tomar as atitudes que são importantes e determinantes para manterem a paz interior e a fé firme diante das ameaças do sofrimento e da morte, mantendo viva a esperança da própria salvação e da salvação dos irmãos.

Em conclusão, como São Cipriano, também o Papa Francisco e os Bispos portugueses, mostraram grande solicitude por preparar os cristãos para enfrentarem esta grave crise sanitária, reavivando a fé e a esperança, na certeza da vida que não acaba na morte, mas que se prolonga, com Cristo ressuscitado, para além dela. E animam a que os cristãos cultivem boas atitudes humanas e espirituais como preparação constante e permanente para a morte, que pode surgir de improviso. Pois quem estiver preparado para a morte, também saberá lidar com a realidade da morte das pessoas próximas e dos familiares. Isto é, olhar para a morte não de forma negativa como se fosse o fim de tudo, mas aceitá-la de forma positiva porque, ao morrer, a pessoa passará para uma vida melhor e mais perfeita que esta, a vida terrena.

²⁵⁴ Virgílio Antunes, Bispo de Coimbra, *Homilia Celebração da Paixão do Senhor 2017*, Coimbra, 14 de abril de 2017, acedido 1 de agosto de 2020. <https://www.diocesedecoimbra.pt/diocese/bispo/homilias/homilia-celebracao-da-paixao-do-senhor-2017:2006>

²⁵⁵ Cf. Manuel Clemente, Cardeal-Patriarca de Lisboa, *Homilia na Celebração da Paixão do Senhor*, Sé Lisboa, 10 de abril de 2020, acedido 1 de agosto de 2020. https://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?cont_=40&id=10451&tem=444

6. A espiritualidade da morte

O tema da morte constituía, no passado, um capítulo fundamental da espiritualidade cristã. Os pregadores com os seus sermões preparavam para “a boa morte” e, nos livros de piedade, ensinava-se “a arte de bem morrer”. Nos nossos dias, parece que o “ocultamento” generalizado da morte também afetou o discurso cristão e eclesiástico. Paradoxalmente quanto mais medo e escondimento da morte mais sinais se veem da sua banalização, defendendo, por exemplo, a falsa “boa morte” (eutanásia). Mais uma razão para refundarmos a nossa reflexão sobre a espiritualidade cristã a partir da melhor tradição da Igreja.

A espiritualidade da morte, como a que ensina São Cipriano, baseada numa abordagem crente do mistério da vida e da morte do homem à luz de Cristo. *Crês em Cristo?* - pergunta Cipriano. Então, *com toda a paz, liberdade e serenidade encara essa passagem para a imortalidade*²⁵⁶. A verdadeira espiritualidade cristã radica, de facto, em Cristo e na vida nova que Ele assegura, pela sua paixão e morte, citando S. Paulo: “*Para mim viver é Cristo e morrer é ganho*”²⁵⁷. Cristo Ressuscitado que, como *Salvador e Mestre*, nos *convida para a salvação eterna*, isto é, para a vida eterna. É nesta esperança que assenta a espiritualidade da morte cristã. A ressurreição de Cristo é essa força transcendente que estimula nos cristãos as boas atitudes e os bons comportamentos no caminho de busca da sua salvação perante a morte.

São Cipriano fundamenta esta reflexão na afirmação de Jesus: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em Mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em Mim não morrerá eternamente” (Jo 11, 25-26), e afirma que “se cremos em Cristo, se temos fé nas suas palavras e promessas, também não morreremos eternamente; caminhemos, pois, com alegria e tranquilidade em direção a Cristo, com quem havemos de vencer e reinar para sempre”²⁵⁸. Viver a espiritualidade da ressurreição de Cristo é revestir-se da vida de Cristo. No Batismo, somos incorporados em Cristo, mas continuamos a ser peregrinos neste mundo, vivendo pela força de Cristo Ressuscitado ansiando alcançar a salvação quando chegar a nossa morte. Na medida em que nós vivemos e crescemos perante os sofrimentos e a morte, seguindo a Cristo na sua morte e ressurreição, o seu Espírito Santo dá-nos a força e a coragem porque, como já dissemos

²⁵⁶ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 3.

²⁵⁷ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 7.

²⁵⁸ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 21.

antes com S. Paulo, se vivermos com Cristo e se morrermos com Cristo, cremos que com Cristo e em Cristo ressuscitaremos. Viver a espiritualidade da ressurreição de Cristo é alimentar a nossa fé cristã cultivando as boas atitudes perante a nossa morte e a morte dos outros porque a ressurreição de Cristo garante-nos que se estamos seguros de que Cristo sofreu e ressuscitou por nós; nós, que permanecemos em Cristo e estamos nele e por ele, também ressuscitaremos²⁵⁹. A espiritualidade da ressurreição de Cristo Ressuscitado acompanhou e continua a acompanhar a vida da Igreja e a vida dos cristãos nos tempos de hoje. Podemos ver estes apelos teológicos nos ensinamentos da Igreja através dos apelos do Papa Francisco aos cristãos do mundo inteiro e também nos apelos dos bispos portugueses aos cristãos portugueses.

Como São Cipriano, o Papa Francisco também não indica explicitamente qual é a espiritualidade da morte cristã, mas ao ler as suas homilias, as suas catequeses e as suas mensagens, de forma indireta, ele apela aos cristãos para que cultivem e vivam a espiritualidade de Cristo Ressuscitado neste grave momento que estamos a viver. Perante os sofrimentos e a morte, devemos alimentar e fundamentar a nossa vida e a nossa fé em Cristo ressuscitado. Por isso o Papa Francisco sublinha que a ressurreição de Cristo é princípio de vida nova para todo o homem e toda a mulher; é o início do mundo novo, libertado da escravidão do pecado e da morte e aberto ao Reino de Deus, Reino de amor, paz e fraternidade. Cristo ressuscitado vive e permanece connosco; não abandona os que estão na provação, no sofrimento e no luto²⁶⁰. O Papa quer sublinhar que é difícil confrontar-se com a realidade do sofrimento e da morte, mas como cristãos não podemos ficar parados diante destes momentos difíceis, porque se acreditarmos em Cristo ressuscitado então devemos alimentar a nossa vida com essa certeza de que Cristo, ao ressuscitar, venceu a morte para nos salvar e para nos libertar.

O Papa também exorta os cristãos a viverem a fé em Cristo Ressuscitado todos os dias, não apenas nos momentos em que são colocados em situações difíceis e perante a sua morte ou a morte dos irmãos. Numa das suas homilias explicou aos cristãos que Cristo ressuscitado dá sentido à existência da vida cristã. A ressurreição de Cristo é o mistério da “*pedra rejeitada*” que acaba por ser o fundamento da nossa existência. A *pedra rejeitada* é o próprio Jesus que agora é fonte de vida. Neste sentido, o Papa Francisco

²⁵⁹ Cf. Cipriano, *De mortalitate*, 21.

²⁶⁰ Cf. Papa Francisco, *Mensagem Urbi et Orbi do Papa Francisco, Páscoa 2019*, Basílica de S. Pedro, Vaticano, Domingo, 21 de abril de 2019, acedido 02 de agosto de 2020.
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco_20190421_urbi-et-orbi-pasqua.html

sublinha que nesta terra de dor, de tragédias, com a fé em Cristo Ressuscitado ganhamos um sentido no meio de tanta calamidade; o sentido de olhar para além e dizer que somos as “pedrinhas” que acreditam e se colam àquela pedra que, embora rejeitadas com Cristo, com Ele encontram um novo sentido²⁶¹. O cristão é aquele que vive configurado e identificado com Cristo ressuscitado.

Viver a espiritualidade de Cristo ressuscitado é sentir a presença de Cristo em todos os momentos da vida. Ele está sempre presente na vida dos cristãos. O Papa afirma: “Junto de ti está o Ressuscitado, que te chama e espera por ti para recomeçar. Quando te sentires envelhecido pela tristeza, os rancores, os medos, as dúvidas ou os fracassos, Jesus estará a teu lado para te devolver a força e a esperança”²⁶². Esta espiritualidade reforça atitudes positivas e de comunhão com Jesus. Unidos a Ele, procuramos o que Ele procura, amamos o que Ele ama. Em última instância, o que procuramos é a glória do Pai, vivemos e agimos para que seja prestado louvor à glória da sua graça²⁶³. Nos momentos difíceis em que somos colocados perante a morte, somos chamados a viver estes momentos em comunhão com Cristo ressuscitado porque, se com Cristo sofremos, então acreditamos que com Ele ressuscitaremos e com Ele venceremos o poder do sofrimento e da morte.

A teologia da espiritualidade de Cristo ressuscitado transmitida por São Cipriano tem continuidade nos ensinamentos do Papa Francisco e chega também aos cristãos portugueses através dos ensinamentos e dos apelos teológicos dos seus bispos. Os bispos portugueses não falam explicitamente da ressurreição de Cristo como uma espiritualidade da morte cristã, mas de forma indireta porque, nas suas mensagens, pedem aos cristãos que vivam sempre o espírito de Cristo Ressuscitado perante os sofrimentos, as perseguições e as doenças e, sobretudo, agora com a pandemia. Numa Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, que é a voz de todos os bispos portugueses, afirma-se que “Cristo ressuscitado continua a vir ao nosso encontro, nos conquista e nos transforma”²⁶⁴. A vida dos cristãos já foi e continua a ser animada pela força de Cristo ressuscitado porque a vida cristã vai-se transformando de acordo com a fé e a

²⁶¹ Cf. Papa Francisco, *Homilia Da Santa Missa Domingo da Páscoa*, Praça São Pedro Domingo de Páscoa, 16 de abril de 2017, acedido 02 de agosto de 2020. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco_20170416_omelia-pasqua.html

²⁶² Papa Francisco, *Christus Vivit*, 2.

²⁶³ Cf. Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 266.

²⁶⁴ Conferência Episcopal Portuguesa, *Catequese: A Alegria Do Encontro Com Jesus Cristo*, nº6, Lisboa, 13 de maio de 2017, acedido 03 de agosto de 2020. <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/catequese-a-alegria-do-encontro-com-jesus-cristo/>

espiritualidade de Cristo Ressuscitado. Qual é então a espiritualidade de Cristo ressuscitado na vida concreta dos cristãos segundo os bispos portugueses?

Nas suas mensagens e apelos, os bispos pedem claramente aos cristãos portugueses que vivam a espiritualidade de Cristo ressuscitado nas ações concretas da vida quotidiana. Um dos bispos, na sua homilia, diz que a luz da ressurreição de Cristo ilumina a tarefa da edificação de uma nova criação livre, partilhada, fraterna e solidária; que devemos optar por um estilo de vida sóbrio e humilde, capaz de partilhar com os mais excluídos para, através de gestos concretos, oferecer a esperança a todos os que não vivem em pleno a sua dignidade humana²⁶⁵. A vida de oração, de partilha, de humildade, de fraternidade são alguns dos pilares da espiritualidade de Cristo ressuscitado que os cristãos procuram pôr em prática todos os dias na ação concreta. O bispo de Coimbra afirma que é preciso estar unido a Cristo ressuscitado na vida diária: “Se o mundo precisa de solidariedade humana, de amor, de união e de fraternidade para se refazer e encontrar os caminhos de superação dos seus dramas, então precisamos de conhecer os sinais de renovação humana e precisamos mais ainda do grande sinal de Deus, que é a Páscoa de seu Filho”²⁶⁶. Sublinha-se a união com Cristo ressuscitado como a fonte da espiritualidade da vida cristã. Esta teologia ajuda o cristão a olhar para a morte não como o fim, mas como o começo de uma nova vida, que oferece a certeza aos cristãos de que, viver a vida terrena em união com Cristo, prepara uma vida de união a Cristo no Seu Reino depois da morte.

A espiritualidade de Cristo ressuscitado não é só a espiritualidade da morte cristã, mas é uma espiritualidade que fundamenta toda a vida cristã. É a ressurreição de Cristo que dá sentido à vida cristã, pois, o cristão une-se a Cristo para ser habitante do seu Reino. Por isso, toda a vida cristã é transfigurada por Cristo ressuscitado. Também a oração pelos defuntos, a visita aos cemitérios, as celebrações comemorativas dos defuntos são alimentadas pela força sobrenatural de Cristo Ressuscitado. Assim, concluímos que a espiritualidade de Cristo ressuscitado ocupa um lugar central na vida cristã, porque nela o cristão vive e caminha para a plenitude da vida em Deus.

²⁶⁵ Cf. João Lavrador, Bispo de Angra e Ilhas dos Açores, *Homilia Celebração da Vigília Pascal 2020*, Angra do Heroísmo, 11 de abril de 2020, acedido 18 de julho 2020.
<https://www.diocesedeangra.pt/homilia-celebracao-da-vigilia-pascal-2020/>

²⁶⁶ Virgílio, Antunes, Bispo de Coimbra, *Homilia Vigília Pascal na Noite Santa – 2020*, Coimbra, 11 de abril de 2020, acedido 04 de agosto de 2020.
<https://www.diocesedecoimbra.pt/diocese/bispo/homilias/vigilia-pascal-2020-homilia-de-dom-virgilio:2247>

CONCLUSÃO

Depois do percurso feito, guiados por S. Cipriano, é hora de percebermos se as perguntas que o motivaram encontraram alguma resposta na leitura do seu *De mortalitate*. Ou, noutros termos, é altura de percebermos se a resposta dada pelo Bispo de Cartago ao drama da mortalidade provocado pela epidemia que assolou os seus contemporâneos poderá iluminar ainda os nossos contemporâneos.

Como bispo, ele procurou orientar e ajudar os cristãos da sua comunidade para serem justos e firmes na sua fé e na sua identidade, diante da realidade da morte causada pelas perseguições, tormentos e doenças epidémicas. Esta é uma realidade que também continua presente no nosso tempo. Ser cristão no passado, no tempo de hoje e no tempo que virá, implicará sempre a prova do testemunho e o combate de fé com vista à imortalidade, isto é, à vida eterna com Cristo no Seu Reino.

Em primeiro lugar, parece-nos óbvio que Cipriano nos aponta, sobretudo, um modelo de liderança pastoral em tempos difíceis. Quando os homens e mulheres, mormente crentes, são abalados ou provados pelo medo da morte, a voz dos pastores não pode faltar.

Em segundo lugar, também nos parece claro que a resposta doutrinal e teológica do pastor de Cartago nos sugere uma série de ensinamentos que, afinal, encontramos nos pastores de hoje. Ontem como hoje, a Igreja e seus pastores, na procura de uma palavra de esperança e alento para os seus fiéis, foram buscar às Escrituras e à fé batismal as coordenadas de uma resposta de valor perene.

Querendo dar resposta a um verdadeiro sentido da vida e da morte, baseando-nos na nossa reflexão, podemos sublinhar três pensamentos fundamentais: a vida terrena é um combate com Cristo; a morte é uma libertação; a imortalidade é um lucro.

Ao longo da reflexão sublinhámos que a vida terrena é vivida como um combate contínuo, que procura dar sentido à passagem por este mundo. Pelo sacramento do Batismo, o cristão passa a ser incorporado em Cristo, por Cristo e para Cristo, e a sua vida, pela fé e fidelidade, torna-se um combate fortalecido pela sua presença, a exemplo do apóstolo São Paulo: “combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Daqui em diante está-me reservada a coroa de justiça, que o Senhor, Juiz justo, me dará no dia do Juízo” (2Tm 4, 7-8). O combate precisa de ser vencido, lutando com todas as forças para não cair na tentação de renunciar ou perder a fé. Toda a reflexão deste trabalho baseado nos apelos aos cristãos por parte de São Cipriano, do Papa Francisco e dos bispos

portugueses, centra-se na necessidade de se travar esse “bom combate”. Um combate com Cristo, em Cristo e para Cristo, porque sabemos que, acreditando em Cristo, com Ele seremos coroados.

A vida cristã neste mundo está sujeita às contingências da nossa condição humana: sofrimentos físicos, doenças e morte. São as realidades que exigem, antes de mais, a fidelidade e a justiça; o justo vive da fé (Rm 1, 17). Ser fiel é guardar a fé e ser justo é viver da fé. Como vimos ao longo da reflexão, São Cipriano afirma que “se és justo e vives da fé, se verdadeiramente crês em Deus, estás seguro da promessa do Senhor de que estarás com Ele. Como Cipriano, o Papa Francisco e os bispos portugueses fazem o mesmo apelo a que se mantenha a fidelidade em Cristo e no seu Evangelho perante todas as dificuldades da vida. A fidelidade exige a coragem e a determinação perante as tentações e as fragilidades. A garantia da vitória neste combate dos cristãos é contemplada na afirmação de Jesus: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por Mim” (Jo 14, 6). Esta afirmação de Jesus foi citada muitas vezes por São Cipriano, pelo Papa Francisco e pelos Bispos portugueses para sustentar que a vida cristã tem sentido se for vivida no combate quotidiano “em, com e para Cristo” porque Cristo é o caminho, a verdade e a vida. Em Cristo, os cristãos encontram o verdadeiro sentido para a vida terrena e com Cristo alcançam a vida eterna.

Ao longo da reflexão, vimos que São Cipriano sublinha muito o significado da morte como uma libertação. Se a morte nos liberta porque é que devemos ter medo? Sublinhámos várias vezes o pensamento de Cipriano: ter medo é não renascer na água e no Espírito; não participar na cruz e na paixão de Cristo; é passar da morte para uma segunda morte; é ser atormentado pelo fogo inapagável das penas eternas; é encontrar na terra um prolongamento dos sofrimentos e lamentações. Não devemos ter medo da morte porque ela liberta-nos da vida mortal para gozar a vida imortal. Vimos que esse pensamento de Cipriano continua a ter sentido no tempo de hoje. As mensagens do Papa Francisco e dos bispos portugueses, que expusemos na parte final deste estudo, resumem-se num apelo à esperança expressa na seguinte frase: “estamos todos no mesmo barco” perante o perigo e o medo da morte causada pela Pandemia Covid19. Sublinha-se que nas fragilidades, nos sofrimentos e nos perigos perante a morte, somos convidados a estar unidos em dois sentidos: no sentido vertical, unimo-nos a Cristo, que é o nosso libertador, e na horizontal, ao próximo na fé e na caridade. Por isso, não devemos ter medo porque a morte não é um fim, mas é uma verdadeira libertação que nos dirige para a vida eterna.

Ao longo da exposição, aprendemos com Cipriano que a vida mortal é um “exercício” ou “combate” para a imortalidade, que é, em boa parte, o coroar das lutas e trabalhos da vida mortal. Podemos, por isso, chegar à mesma conclusão de São Cipriano no último número da sua obra *De mortalitate*: a nossa pátria é o paraíso. É o destino dos que fizeram obras de justiça, distribuindo aos pobres bens e alimentos e cumpriram os preceitos do Senhor, doando o seu património terrestre em troca dos tesouros celestes. As mensagens do Papa Francisco e dos bispos portugueses também sublinham claramente que as obras da caridade e da justiça são importantes para que os cristãos possam alcançar a vida eterna. Eles apelam a todos os cristãos para que vivam todas as virtudes como seguidores de Cristo porque a vida eterna é a plenitude das boas obras que realizamos nesta vida terrena.

A vida terrena é um combate contínuo. A morte não é senão o último combate em que a fé é definitivamente posta à prova e, ao mesmo tempo, é o pórtico da vitória que já anuncia o prémio da imortalidade e o prémio do combate. Em Cristo, a morte deixou de ser o inimigo incontornável, para passar a ser um “tomar parte na morte e paixão de Cristo”, para com Ele ressuscitarmos. Por isso, o medo da morte dá lugar à fé e à esperança na imortalidade. Esta é a fé de Cipriano, esta é a fé de Francisco e a fé e a esperança de todos nós.

A reflexão deste trabalho ajuda-nos a retomar a reflexão cristã sobre a morte, nossa e dos outros, como uma experiência solidária de toda a condição humana. De facto, perante as grandes interrogações provocadas pela “perda” de entes queridos e pelo “medo” da morte, que hoje parece dominar o mundo, a fé cristã tem muito a dizer. Para o poder fazer, não se pode esquecer a memória e o património de sabedoria que encontramos nos Padres da Igreja. A sua sabedoria é uma fecunda reserva de perene validade.

Foi, por isso, muito proveitoso, para nós, relermos S. Cipriano e perceber como ele respondeu a problemas muito semelhantes aos dos nossos dias. Não significa que teremos de reproduzir hoje as suas repostas, mas poderemos aprender com ele a dar respostas pertinentes aos problemas reais e incontornáveis do nosso tempo.

De facto, no essencial, as motivações inspiradoras de Cipriano são as mesmas do Papa Francisco e dos demais pastores de hoje. Cabe-nos a todos (e não apenas aos pastores), anunciar os “bens da morte”, como fez, por exemplo, S. Francisco de Assis, que morreu cantando a “Irmão Morte”. Cabe a todos nós, como crentes, lutar contra o “grande medo da morte” que faz dela um tabu. Compete a todos nós, os que vivemos na

fé em Cristo ressuscitado, iluminar a obscuridade da morte, abordando-a à luz d'Aquele que diz: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá” (Jo 5, 25-26). Cristo destruiu o poder da morte e pela sua ressurreição libertou-nos do poder da morte para tomarmos parte no seu Reino. Ser cristão é aquele que não deve ter medo da morte porque “já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Col 3, 4). Cristo vive em cada cristão e na morte o cristão é libertado deste mundo.

Ao chegarmos ao fim do nosso trabalho, temos a consciência de não ter dito tudo o que haveria a dizer, e de não o fazer do modo mais adequado. O facto de não dominarmos a língua de Cipriano, nem escrevermos na nossa língua materna, originou algumas dificuldades que perduraram até ao fim. Mesmo assim, consideramos ter sido uma grande graça podermos aprender na escola deste Padre da Igreja quanto ainda há que reaprender e ensinar na Igreja de hoje sobre um dos temas menos abordados, mas sempre essencial, como a morte, essa irmã gémea da vida.

BIBLIOGRAFIA

Fontes patrísticas

Acta proconsularia cypriani, ed. bilingue, J. A. GIL-TAMAYO, *Obras Completas de San Cipriano de Cartago II*, = BAC, Madrid, 353-362.

CIPRIANO, *Ad Demetrianum*, ed. bilingue, J. A. GIL-TAMAYO, *Obras Completas de San Cipriano de Cartago I*, = BAC Madrid, 313 – 342.

-----, *Ad Donatum*, ed. bilingue, J. A. GIL-TAMAYO, *Obras Completas de San Cipriano de Cartago I*, = BAC, Madrid, 2016, 193 – 212.

-----, *Ad Fortunatum*, ed. bilingue, J. A. GIL-TAMAYO, *Obras Completas de San Cipriano de Cartago I*, = BAC Madrid, 137-182.

-----, *De bono patientiae*, ed. bilingue, J. A. GIL-TAMAYO, *Obras Completas de San Cipriano de Cartago I*, = BAC Madrid, 343 – 370.

-----, *De catholicae Ecclesiae unitate*, ed. bilingue, J. A. GIL-TAMAYO, *Obras Completas de San Cipriano de Cartago I*, = BAC Madrid, 213 – 246.

-----, *De Dominica oratione*, ed. bilingue, J. A. GIL-TAMAYO, *Obras Completas de San Cipriano de Cartago I*, = BAC Madrid, 247 – 286.

-----, *De habitu virginum*, ed. bilingue, J. A. GIL-TAMAYO, *Obras Completas de San Cipriano de Cartago II*, = BAC Madrid, 17 – 42.

-----, *De lapsis*, ed. bilingue, J. A. GIL-TAMAYO, *Obras Completas de San Cipriano de Cartago I*, = BAC Madrid, 43-84.

-----, *De mortalitate*, ed. bilingue, J. A. GIL-TAMAYO, *Obras Completas de San Cipriano de Cartago II*, = BAC Madrid, 287 - 312.

-----, *De opere et eleemosynis*, ed. bilingue, J. A. GIL-TAMAYO, *Obras Completas de San Cipriano de Cartago I*, = BAC Madrid, 85-116.

-----, *Epistolae*, ed. bilingue, J. A. GIL-TAMAYO, *Obras Completas de San Cipriano de Cartago I*, = BAC, Madrid, 371 – 960

Corpus Inscriptionum Latinarum (CIL)

EUSÉBIO DE CESAREIA, *História Eclesiástica*, Editora Paulus, São Paulo, 2014; BAC 612, Madrid 2008.

INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Cartas*, = P. THOMAS CAMELOT, *Ignace d'Antioche, Lettres*, SC 10 bis, Paris 1951/2007.

JERÓNIMO, *De viris illustribus* = J. P. MIGNE, *Patrologiae cursus completus XXIII*, Paris, 1883, 631 – 759.

JUSTINO, *Apologia secunda pro Christianis* = A. WARTELE, *Saint Justin. Apologies*, Paris 1987; Isidro Lamelas, *Justino filósofo e mártir do século II. Em defesa dos cristãos*, Lisboa 2019.

PONTIUS, *Vita Cypriani*, ed. bilingue, J. A. GIL-TAMAYO, *Obras Completas de San Cipriano de Cartago II*, = BAC, Madrid, 2016, 315 – 347.

Sancti Cypriani episcopi operae, CCL III/A pars I-II, Turnholti 1972-1976 (*tratados*) e III/B-C pars III (*cartas*), Turnholti 1994-1996.

TERTULIANO, *Apologético*, Philokalia, Lisboa, 2002.

Magistério

PAPA FRANCISCO, *Amoris Laetitia*, Roma, 19 de março 2016.

-----, *Christus Vivit*, Loreto, 25 de março 2019.

-----, *Evangelii Gaudium*, Roma, j 24 de novembro 2013.

-----, *Lumen Fidei*, Roma, 29 de junho, 2013.

PAPA FRANCISCO, *Homilia Vigília Pascal na Noite Santa*, Basílica Vaticana Sábado Santo, 31 de março de 2018, acedido 12 de julho 2020.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco_20180331_omelia-veglia-pasquale.html

-----, *Mensagem Urbi et Orbi páscoa 2020*, Basílica Vaticana, Domingo, 12 de abril de 2020, acessado 12 de julho 2020.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco_20200412_urbi-et-orbi-pasqua.html

-----, *Angelus*, Praça de São Pedro, Domingo, 2 de março de 2014, acessado 14 de julho 2020, acessado 15 de julho de 2020.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco_angelus_20140302.html

-----, *Homilia vigília pascal na Noite Santa*, sábado santo, 11 de abril de 2020, acessado 02 agosto de 2020.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200411_omelia-vegliapasquale.html

-----, *Audiência geral*, Quarta-feira, 1 de fevereiro de 2017, acessado 20 de julho de 2020.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco_20170201_udienza-generale.html

-----, *Audiência geral*, Quarta-feira, 29 de março de 2017, acessado 20 de julho de 2020.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco_20170329_udienza-generale.html

-----, *Audiência geral*, Quarta-feira, 26 de abril de 2017, acessado 20 de julho de 2020.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco_20170426_udienza-generale.html

-----, *Mensagem Urbi et Orbi do Papa Francisco, Páscoa 2019*, Basílica de S. Pedro, Vaticano, Domingo, 21 de abril de 2019, acessado 02 de agosto de 2020. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco_20190421_urbi-et-orbi-pasqua.html

-----, *Homilia Da Santa Missa Domingo da Páscoa*, Praça São Pedro Domingo de Páscoa, 16 de abril de 2017, acessado 02 de agosto de 2020.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco_20170416_omelia-pasqua.html

-----, *Audiência Geral*, Praça de São Pedro, Quarta-feira, 27 de novembro de 2013, acessado 24 de julho de 2020.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20131127_udienza-generale.html

-----, *Homilia na Vigília Pascal na noite santa*, Basílica Vaticana, Sábado Santo, 11 de abril de 2020, acessado 30 de julho de 2020.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200411_omelia-vegliapasquale.html

VIRGÍLIO, Antunes, Bispo de Coimbra, *Homília Vigília Pascal na Noite Santa*, Coimbra, 11 de abril de 2020, acessado 26 de julho de 2020.

<https://www.diocesedecoimbra.pt/diocese/bispo/homilias/vigilia-pascal-2020-homilia-de-dom-virgilio:2247>

-----, *Homilia Missa do Dia De Páscoa – 2020*, Coimbra, 12 de abril de 2020, acessado 15 de julho 2020.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco_angelus_20140302.html

-----, *Homilia Celebração da Paixão do Senhor 2017*, Coimbra, 14 de abril de 2017, acessado 1 de agosto de 2020.

<https://www.diocesedecoimbra.pt/diocese/bispo/homilias/homilia-celebracao-da-paixao-do-senhor-2017:2006>

-----, Bispo de Coimbra, *Homilia Vigília Pascal na Noite Santa – 2020*, Coimbra, 11 de abril de 2020, acessado 04 de agosto de 2020.

<https://www.diocesedecoimbra.pt/diocese/bispo/homilias/vigilia-pascal-2020-homilia-de-dom-virgilio:2247>

Outras fontes

AMÉRICO, Aguiar, Bispo Auxiliar de Lisboa, *Dar e ficar contente*, Homilia na peregrinação internacional aniversaria, Santuário de Fátima, 12 de junho 2020, acessido 21 de julho de 2020. <https://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?id=10544>

ANTÓNIO, Marto, Bispo de Leiria-Fátima, *peregrinação interior, um olhar renovador e esperançado*, Santuário de Fátima, Homilia do dia 13 de maio de 2020, acessido 21 de julho de 2020. <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/santuario-de-fatima-homilia-do-dia-13-de-maio-de-2020/>

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *recomeçar e reconstruir*, nº 7, Fátima, 16 de junho de 2020, acessido 21 de julho de 2020.
<http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/recomecar-e-reconstruir/>

-----, *Catequese: A Alegria Do Encontro Com Jesus Cristo*, nº6, Lisboa, 13 de maio de 2017, acessido 03 de agosto de 2020.
<http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/catequese-a-alegria-do-encontro-com-jesus-cristo/>

JOÃO, Lavrador, Bispo de Angra e Ilhas do Açores, *Homilia Celebração da Vigília Pascal 2020*, Sé Catedral, 11 de abril de 2020, acessido 18 de julho 2020.
<https://www.diocesedeangra.pt/homilia-celebracao-da-vigilia-pascal-2020/>

-----, *Homilia Celebração da Vigília Pascal 2020*, Angra do Heroísmo, 11 de abril de 2020, acessido 18 de julho 2020.
<https://www.diocesedeangra.pt/homilia-celebracao-da-vigilia-pascal-2020/>

JOSÉ, Ornelas, Bispo de Setúbal, *Homilia na Eucaristia da Ressurreição no Domingo de Páscoa*, 13 de abril de 2020, acessido 14 de julho 2020. <https://diocese-setubal.pt/2020/04/13/pascoa-2020-homilia-de-d-jose-ornelas-na-eucaristia-da-ressurreicao-no-domingo-de-pascoa/>

MANUEL, Clemente, Cardeal-Patriarca Lisboa, *Vemos e Acreditamos*, Homilia do Domingo de Páscoa, Sé de Lisboa, 12 de abril de 2020, acessado 12 de julho 2020. https://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?cont_=40&id=10453&tem=444

-----, Cardeal-Patriarca de Lisboa, *Homilia na Celebração da Paixão do Senhor*, Sé Lisboa, 10 de abril de 2020, acessado 1 de agosto de 2020. https://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?cont_=40&id=10451&tem=444

-----, *Homilia na Celebração da Paixão do Senhor*, Sé Lisboa, 10 de abril de 2020, acessado 26 de julho de 2020. https://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?cont_=40&id=10451&tem=444

MANUEL, Linda, Bispo do Porto, *Homilia na Pascoa 2020*, 12 de abril de 2020, acessado 20 de julho de 2020. <https://www.diocese-porto.pt/pt/documentos/outros-documentos/hom%C3%ADlias/lista-de-anos/2020/homilia-na-p%C3%A1scoa-de-2020/>

-----, *O Filho de Deus - Homilia na Vigília Pascal de 2020*, 11 de abril de 2020, acessado de 28 de julho de 2020. <https://www.diocese-porto.pt/pt/documentos/outros-documentos/hom%C3%ADlias/lista-de-anos/2020/homilia-na-vig%C3%ADlia-pascal-de-2020/>

NUNO, Brás, Bispo do Funchal, *Homilia nos Fiéis Defuntos*, Funchal, 02 de novembro de 2019, acessado 24 de julho 2020. <https://www.diocesedofunchal.com/l/homilia-nos-fieis-defuntos/>

Instrumentos

ALBERTO, Viciano, *Patrologia*, edição Edicep, Valencia (Espanha), 2001.

ANGELO, Di Berardino, *Diccionario Patristico e de la Antiguidad Cristian II*, Edicione sigueme, Salamanca, 1992.

ALTANER, Berthold; Stuibler, Alfred, co-autor, *Patrologi – Vida, Obras e Doutrinas dos Padres da Igreja*, Edições Paulinas, São Paulo, 1972

JEAN-YVES, Lacoste, *Dicionário crítico de Teologia*, Edições Paulinas e Loyola, São Paulo, Brasil, 2004.

JEAN, Daniélou e H.I- Marrou, *The first six hundred years*, Edição Darton, Longman and Todd, London, 1964.

JOHANNES, Quasten, *Patrologia I, Hasta el concilio de Nicea*, coleção BAC, la editorial Catolica, Madrid, 1962.

-----, *Patrology*. VOL II, Utrecht-Antwerp: Spectrum, 1975.

-----*Patrología*. VOL. 1, La Edit. Católica, Madrid: 1968.

JUAN, José Tamayo, *Nuevo diccionario de Teologia*. Madrid: Editorial Trotta, S.A., 2005.

WALTER, A. Elwell, *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, Editora vida nova, São Paulo, 2009.

VIDAL MANZANARES, César, *Diccionario de patrística: s. I-IV*. Estella: Verbo Divino, 1993.

Estudos

ANDREA Ricardi, *El Siglo de los Martires*, Plaza & Janés Eds, Barcelona, 2001.

ARTUR, Hertzberg, *Judaísmo*, tradução de Manuel Ferreira da Silva, Editorial Verbo, Lisboa, abril de 1981.

ERIC M. Meyers e J. E. Strange, *Les Rabbins et les premiers chrétiens. Archéologie et histoire*, editions du Cerf, Paris 1984.

DAN COHN, Sherbok, *Judaísmo*, edições 70, Lda, Lisboa, Portugal, 2009.

DUQUENNE, Luc, *Chronologie des lettres de S. Cyprien: le dossier de la persécution de Décé*. Bruxelles: Bollandistes, 1972

EDWAR. W. Benson, *Cyprian, his Life, his Times, his Works*, Authorized Edition, New York, 1897.

FELICI, Sergio, *Morte e immortalità nella catechese dei Padri del III-IV secolo*, Publicação LAS, cop. 1985, Roma 1985.

HAMMAN, Adalbert, *Les premiers martyrs de l'Église*, Publicação: Desclée de brouwer, Paris, 1979.

HERBERT, Vorgrimler, *El Cristianismo ante la Morte*, Herder, Barcelona 1981.

ISIDRO, Lamelas, *As origens do Cristianismo. Padres Apostólicos*, Paulus, Lisboa, 2016.

-----, *Estudo complementar*, in *A Diogneto* (edição Bilingue), Lisboa 2001.

-----, *O lugar do leigo na eclesiologia de S. Cipriano*, coleção ÉPHETA, Universidade Católica, Lisboa 1993.

----- *Una domus et ecclesia Dei in saeculo': Leitura sócio antropológica do projecto de "ecclesia" de S. Cipriano de Cartago*, Lisboa 2002.

JAIME, N. Pinto, *Contágios 2500 anos de pestes*, D. Quixote, Lisboa 2020.

JEAN, Bayet, *La religion romane*, Edições Cristandad, Madrid 1984.

KARL, Rahner, *Il Morire cristiano*. Brescia: Queriniana, 2009

JOSÉ, Capmany *Miles Christi en la spiritualidad de san Cipriano*, edutorial casulleras, Barcelona 1956.

MARIA, Luisa del Barrio Vega, *Epigramas funerarios griegos*, Publisher : Gredos, Madrid 1992.

La peste de Cipriano, la extraña epidemia que causó la caída de Alejandría, acedido a 21 de julho de 2020, <https://www.asdigitalnews.com/l/la-pestes-de-cipriano-la-extrana-epidemia-que-causo-la-caida-de-alejandria/>

LEON, Homo, *El Imperio Romano, el gobierno del mundo la defensa del Mundo la explotación del Mundo*, Edição ESPASSA-CALPE, Madrid, 1936.

LURDES, Barata, *As Epidemias e as Pandemias na História da Humanidade*, acessido a 21 de julho de 2020, <https://www.medicina.ulisboa.pt/newsfmul-artigo/99/epidemias-e-pandemias-na-historia-da-humanidade>.

PAUL, Monceaux, *Saint Cyprien, évêque de Carthage (210-258)*, Les Saints, Paris, 1927.

ROBERT, Ernest Wallis, *The Writings of Cyprian, Bishop of Carthage*, Ed. T. & T. Clark, Edinburgh, 1868.

WILL, Herber, *Judaism and Modern Man an Interpretation of the Jewish Religion*, The jewish publication Society of America, philadelphia, 1959.

VICTOR, Saxer, *Vie liturgique et quotidienne à Carthage vers le milieu du III siècle: le témoignage de Saint Cyprien et de ses contemporains d'Afrique*. Città del Vaticano: Pontificio Istituto di Archeologia Cristiana, 1969.

Índice

AGRADECIMENTOS	2
RESUMO	3
INTRODUÇÃO	5

CAPÍTULO I

CONTEXTO DO *DE MORTALITATE*

1. O Autor	8
1.1. A vida	8
a) Antes da conversão ao cristianismo	8
b) Depois da conversão	10
1.2. Os escritos	15
2. A morte no mundo antigo	19
2.1. A morte no contexto judaico	20
2.2. A morte no mundo romano	23
2.3. A morte no contexto das primeiras comunidades cristãs	25
3. A morte na era dos mártires	27
3.1. O martírio como uma entrega de livre vontade	27
3.2. O martírio como imitação de Cristo	29
3.3. O martírio como um testemunho de amor a Cristo	30
4. Contexto e circunstâncias do <i>De mortalitate</i>	33
4.1. A situação social e eclesial	32
4.2. A epidemia dos anos 250 - 260.....	34

CAPÍTULO II

A RESPOSTA DO BISPO DE CARTAGO À CRISE PROVOCADA PELA “MORTALIDADE”

1. Morte e o combate cristão	38
---	----

1.1.	A fé e o combate cristão	38
a)	O combate sem fé	40
b)	O combate com fé	42
1.2.	O combate cristão e os seus inimigos	44
1.3.	O combate cristão e a paciência	46
2.	A morte e o martírio	50
2.1.	A morte pelo martírio como vocação e Dom	50
2.2.	O martírio como imitação de Cristo.....	52
3.	Os “bens” da morte	54
3.1.	A morte como libertação.....	54
3.2.	A morte como porta de passagem para a vida eterna	56
3.3.	A morte como ingresso na pátria celeste	57
4.	A atitude crente face à morte	60
4.1.	O que é a morte?	60
4.2.	A paciência perante a morte	61
4.3.	A fé, a esperança e a caridade perante a morte	63

CAPÍTULO III

A TEOLOGIA DA MORTE, PARA UMA MELHOR VIDA CRISTÃ E HUMANA

1.	A fé na ressurreição	67
2.	Morte e Providência divina	70
3.	Do medo da morte à esperança cristã	72
4.	A morte de Cristo e a morte do cristão	77
5.	Nova atitude perante a morte	81
6.	A espiritualidade da morte	85
	CONCLUSÃO	89
	BIBLIOGRAFIA	93